

Jacqueline Yume Uenishi

O HABITAR NO JAPÃO

a experiência em espaços reduzidos

O HABITAR NO JAPÃO

a experiência em espaços reduzidos

Jacqueline Yume Uenishi

Orientadora: Prof^a Dr^a Roberta Consentino Kronka Mülfarth



Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

Agosto/2021
São Paulo - SP

Agradeço a minha família, pelo apoio, carinho e preocupação em todos os momentos. Especialmente minha mãe, pelas longas conversas e histórias sobre o Japão. Minha principal motivação e força para esta pesquisa.

Ao Rafael, meu querido companheiro de vida. Pelo amor, paciência, palavras de carinho e por ter aturado meus surtos e me levantado todas as vezes.

À minha querida orientadora Roberta, pela atenção, pelas palavras de carinho, pelo otimismo e clareza durante todo o processo. Minha eterna gratidão e admiração.

Ao Gabriel e a Marina, por me proporcionarem o contato com a arquitetura japonesa de forma tão bela, pelos infinitos ensinamentos e orientações bibliográficas.

À Lili, que esteve comigo durante todos os momentos na FAU, pelas ligações, palavras de incentivo, diagramação do caderno e, tornado este processo menos solitário. Obrigada por estar sempre comigo.

À Raquel por ter sido a melhor companheira de apartamento. Obrigada pelas inúmeras risadas e por tornar a vida em São Paulo tão leve e divertida.

Ao Vinícius, pela longa amizade e pelos incontáveis ensinamentos e ajudas em todos os momentos profissionais.

À Mari, Isa, Kaori, Carla, Vic, Débora, Vitória e Karina pela companhia e muitas risadas que tornaram esta caminhada tão incrível. Amizades que levarei para sempre.

muito obrigada!

RESUMO

As cidades japonesas consistem em habitações unifamiliares isoladas no lote, apartamentos e grandes torres de edificios comerciais. Embora atualmente tenham se popularizado os apartamentos nos grandes centros urbanos, tanto pelo alto custo do terreno como pela praticidade, há ainda uma predominância de casas unifamiliares. A ausência de políticas do pós-guerra e o mito da casa própria importados dos EUA implantaram no imaginário japonês a preferência por casas unifamiliares isoladas no lote, pensamento que é mantido ainda hoje. As dimensões reduzidas dessas casas não se dão apenas por fatores geográficos, mas pautadas principalmente em questões históricas, políticas, sociais e econômicas.

Este trabalho consiste em um estudo sobre as habitações mínimas unifamiliares isoladas no lote. O termo ‘mínimo’ possui diversas interpretações, porém o que este trabalho debate é a casa inserida em lote de dimensões reduzidas. O enfoque é nas habitações produzidas após o colapso da bolha econômica em 1991, mas se estende para o fim da Segunda Guerra Mundial, momento em que o termo habitação mínima é introduzido na arquitetura japonesa, visando compreender o processo de sua popularização no país.

Os projetos analisados são habitações que possuem forte relação com o seu entorno. Para isso, foram investigados a formação do tecido urbano, seus padrões e a tendência de encolhimento das habitações.

Palavras chave: Habitação, arquitetura japonesa, espaços reduzidos

ABSTRACT

Japanese cities consist of single-family detached houses, apartments and large towers of commercial buildings. Although apartments are currently popularized in large urban centers, due to the high cost of land and their practicality, there is still a predominance of single-family houses. The absence of post-war policies and the “my-home” myth imported from the USA implanted in the Japanese imagination the preference for single-family detached houses, something that survives to this day. The small dimensions of those houses are not only due to geographic factors, but mainly a result of historical, political, social and economic issues.

This work consists of a study on the minimum single-family detached houses. The term ‘minimum’ has several interpretations, but what will be discussed here is the house inserted in a small lot. The focus is on housing projects produced after the collapse of the economic bubble in 1991, but expands to the end of World War II, when the term minimum housing was introduced in Japanese architecture, aiming to understand the process of its popularization in the country.

The analyzed projects are houses that have a strong relationship with their surroundings. For this, the formation of the urban fabric, its patterns and the tendency of housing shrinkage were investigated.

Key-words: Housing, japanese architecture, tiny spaces

SUMÁRIO

13	MINHA MOTIVAÇÃO		
17	INTRODUÇÃO		
21	CAPÍTULO 1: MOMENTOS DO MÍNIMO NO JAPÃO		
	Com o fim da segunda guerra		
	Com o colapso da bolha econômica		
	CAPÍTULO 2: OLHANDO PARA A CIDADE		
51	Ciclos de destruição		
	Cidade laboratório		
	Mar de casinhas		
	Legislações		
	Como são as habitações hoje		
	CAPÍTULO 3: CULTURA E SOCIEDADE		
99	A transição para o habitar "moderno"		
	A consolidação da sociedade industrial		
	Repensando a sociedade		
	A sociedade atualmente		
	CAPÍTULO 4: POSSIBILIDADES		
127	Abrir e integrar		
	Estimular a compra de casas usadas		
	O que a pandemia nos faz refletir?		
	CAPÍTULO 5: ANÁLISE DE PROJETOS		
145	Casa e Atelier Bow Wow		
	Casa Moriyama		
	CONSIDERAÇÕES FINAIS		
255			
	ACERVO ICONOGRÁFICO		
261			
	BIBLIOGRAFIA		
271			
	ANEXOS		
277			

MINHA MOTIVAÇÃO

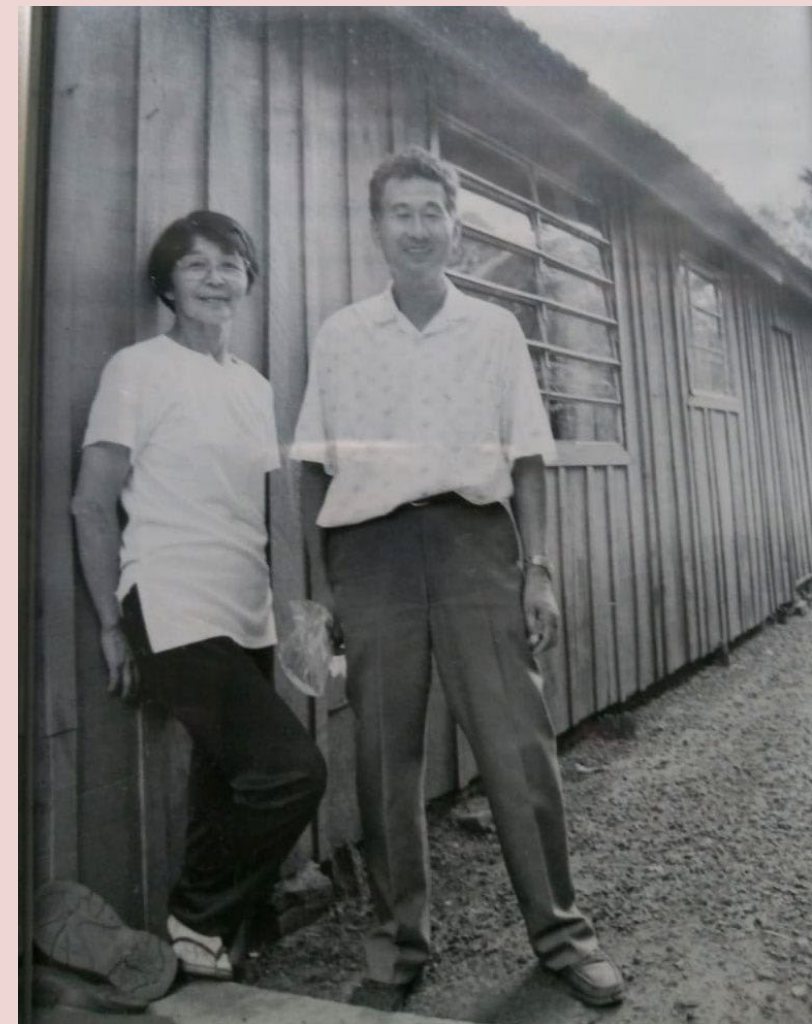
A escolha pela temática desta pesquisa foi pautada em três motivações: familiar, minhas vivências e acadêmica.

De família de descendentes japoneses, com avós paternos imigrantes e mãe japonesa, a dualidade cultural sempre esteve muito presente em minha casa. Mesmo antes de cursar a graduação de arquitetura, a minha casa e a de meus avós me despertavam curiosidade pelas peculiaridades e distinções que observava. O espaço do *genkan*, onde retiram-se os calçados antes de adentrar, sempre esteve presente de formas distintas. Na casa construída por meus avós (foto ao lado), um local coberto na entrada, com piso de concreto, foi projetado para deixar os sapatos sujos de terra, atuando como espaço de transição entre a terra e o piso de madeira. Minha casa, já existente e não construída por meus pais, teve um grande espaço na entrada adaptado – que provavelmente receberia outro uso em outras famílias – para este único propósito. O desejo de compreender como diferentes culturas (no meu caso, a japonesa) são capazes de mudar o modo de habitar pautou minha motivação inicial em estudar as moradias japonesas.

Minha segunda instigação foram as minhas diferentes vivências no Japão. Através de um programa chamado *arubaito* (modalidade de trabalho temporário no Japão), tive uma vivência mais próxima a realidade local; morando com amigos durante três meses em um apartamento, com moldes semelhantes aos produzidos no pós-guerra, em uma pequena cidade na província de Yamanashi, a cerca de duas horas de Tóquio. A ausência de mobiliários ocidentais como cama, mesa e cadeira, o uso de futons e a presença de elementos como as portas deslizantes removíveis nos aproximavam de um estilo de vida semelhante ao pré-moderno, pautado na flexibilidade dos ambientes e proximidade com o chão.

A vontade em abordar a problemática das escalas reduzidas nas habitações se intensificou para mim, quando ficamos hospedados em hotéis de cápsula em Tóquio. A normalização destes locais tão pequenos, me pareceu um pouco desumana, ainda mais sob a perspectiva de um olhar estrangeiro, onde a dimensão das habitações ainda é muito generosa.

A última, e talvez, a maior motivação foi o desejo em estudar um tema que não tive a oportunidade durante a graduação. Os currículos nas faculdades de arquitetura no Brasil possuem um recorte ainda muito eurocentrista e americanizado, tornando o contato com outras arquiteturas praticamente inexistente. Por meio de um curso externo tive o contato inicial com a arquitetura japonesa, o que despertou em mim a vontade de utilizar o trabalho final de graduação como palco para pesquisar sobre algo de meu interesse e com alta relevância, porém muito pouco estudada no Brasil. Dessa forma, tenho a intenção de apresentar diferentes especificações históricas, sociais, econômicas e urbanas para o surgimento de locais de habitar cada vez menores.



INTRODUÇÃO

A discussão sobre a habitação é o pilar central da arquitetura. Responsável pela necessidade primordial humana de proteção e abrigo, é o que separa aquilo que é de âmbito privado do público. Partindo da premissa de que a arquitetura residencial é moldada pelas relações interpessoais e o seu entorno, será estudada a maneira como os residentes se adequam e se relacionam com este espaço construído. Uma das grandes peculiaridades do tecido urbano japonês, principalmente em comparação com os modelos europeus e americanos de urbanização em cidades adensadas, é a predominância de construções de baixo gabarito independentes umas das outras. Além de ser o principal elemento que compõe as cidades, as casas unifamiliares mínimas são no Japão um laboratório de experimentações para os arquitetos testarem novas propostas, tornando-se hoje um dos grandes objetos de estudo da arquitetura contemporânea japonesa. Dessa forma, na seguinte pesquisa serão estudadas as residências unifamiliares isoladas no lote, produzidas após o colapso da bolha econômica, no intuito de compreender sua relação com o meio urbano e a influência do pensamento da época em sua arquitetura.

Primeiramente, buscou-se contextualizar os dois momentos em que a discussão sobre a habitação mínima mais esteve em voga: o período pós Segunda Guerra em que havia a necessidade de reconstrução imediata do país e após o colapso da bolha econômica, para lidar com as mudanças sociais, econômicas e ambientais na década de 1990. Para isso, além de compreender o momento histórico em que se localizam, foram analisados alguns exemplares de habitação mínima produzidas nessas épocas.

O segundo capítulo traz a discussão sobre a relação da arquitetura residencial com a cidade. Embora por muito tempo o contexto urbano tenha sido ignorado pelos arquitetos japoneses, projetando residências fechadas para si, a tendência atual são casas que olham para a cidade e tentam incorporá-la. Foram abordados os ciclos de destruição urbana, as rígidas legislações de regulamentações construtivas e as motivações para a predominância de habitações unifamiliares em uma

cidade extremamente adensada. Por fim, o capítulo se dedica a compreender o processo de encolhimento na dimensão dos lotes e o significado que a moradia recebeu ao longo dos anos, cada vez mais fechada apenas para o núcleo familiar.

Com o objetivo de compreender as mudanças no perfil da sociedade japonesa e os problemas atuais que precisam ser debatidos, o terceiro capítulo analisou a evolução da sociedade e da família japonesa. O quarto capítulo traz a discussão de como as casas podem ser para lidar com as mudanças urbanas, sociais e econômicas abordadas nos capítulos anteriores. Por fim, são analisados dois projetos habitacionais que exemplificam, de maneiras distintas, como lidar com as atuais questões que afligem a sociedade e as cidades japonesas. A Casa e Atelier Bow-Wow está inserida em um lote característico do processo de subdivisão em um bairro extremamente adensado de Tóquio. Além de ressignificar os espaços vazios, ao juntar o local de trabalho com o de moradia, torna-a mais aberta para pessoas de fora, deixando de ser um espaço restrito para o núcleo familiar. Já a Casa Moriyama repensa a relação entre o meio interno e externo da casa, com jardins costurando os 10 blocos brancos, que abrigam a casa do proprietário e mais 5 unidades que são alugadas. Com o aumento de problemas sociais ligados a solidão, a casa surge como solução para uma vida em comunidade.

Ressalto que o estudo aqui realizado possui uma visão externa e ocidentalizada, tornando-se, portanto, um processo de interpretação e uma aproximação. O acesso limitado a materiais bibliográficos consequentes da atual pandemia do COVID-19 e da barreira linguística tornam esta pesquisa ainda mais enviesada pelas leituras em sua grande maioria de autores não japoneses. Sabemos da inadequação de alguns termos aqui utilizados, como ‘moderno’, ‘ocidental’ e ‘tradicional’, porém por questões linguísticas de facilitação da compreensão, foram empregadas nesta pesquisa. O conceito de ‘privacidade’ também é a partir da noção que aqui utilizamos, de forma que talvez não seja disseminado até hoje como compreendemos.



MOMENTOS DO MÍNIMO NO JAPÃO

COM O FIM DA SEGUNDA GUERRA

A temática da habitação mínima foi abordada no Japão em dois momentos distintos. O primeiro foi na década de 50, após a derrota do país na Segunda Guerra Mundial, devido à grande demanda habitacional causada pela destruição em massa das cidades. O segundo momento em que esta discussão surge é na década de 90, com o colapso da bolha econômica. A partir deste momento, as habitações de dimensões mínimas tornaram-se um símbolo da arquitetura contemporânea japonesa.

O interesse em casas pequenas tem sido uma das características mais marcantes da arquitetura japonesa desde a década de 90. Amplamente considerado um fenômeno japonês, casas pequenas provaram ser uma marca bem-sucedida da arquitetura contemporânea japonesa. Sua dimensão radicalmente reduzida, particularmente quando comparada com as casas do Ocidente, afirmam a imagem de "Japão Pequeno", um estereótipo produzido mutuamente pelo Japão e pelo Ocidente.

(CHO, 2019, p.01, tradução nossa)¹

Como resultado da guerra, cerca de 160 cidades pelo país tiveram 50% do seu tecido urbano destruído, mais de dois milhões de casas foram devastadas pelos incêndios e outras 550mil foram demolidas para a construção de barreiras. Com a demanda de 1,18milhões de habitações que já existia durante a guerra, a demanda habitacional no pós-guerra era em torno de 4,2 milhões, impactando o setor de construção habitacional quando somado ao déficit de materiais e a alta inflação. Para tentar remediar a situação, em 1946, foi estabelecida uma

[3] Cidade de Tóquio devastada após a Segunda Guerra Mundial.

1. Interest in small houses has been one of the most striking features of Japanese architecture since the 1990s. Widely considered a uniquely Japanese phenomenon, small houses have proved to be a successful brand of contemporary Japanese architecture. Their radically small size, particularly when compared with houses in the West, affirms the image of "small Japan," a stereotype mutually produced by Japan and the West.



lei temporária limitando a dimensão dos lotes em 15 *tsubos*² (equivalente a 49m²) e 18 *tsubos* (equivalente a 59m²) em 1947 (INABA; NAKAYAMA, 2000).

Construídas pela necessidade imediata, as habitações do pós-guerra eram pequenas e baratas. Esta experiência fez com que a população repensasse as habitações do passado, sobre as necessidades reais que uma casa deveria suprir, como melhor aproveitar os espaços reduzidos e otimizar o trabalho das donas de casa. Apenas em 1955 foi fundada a *Japan Housing Corporation*, instituição administrativa responsável por monitorar esta demanda e construir os *danchis* – conjuntos de habitação social – introduzindo para a sociedade japonesa o estilo “ocidental”³ de viver. Construídos principalmente nos subúrbios, a configuração das plantas das habitações nos *danchis* foi revolucionária ao trazer uma nova forma de habitar, diferente das casas “tradicionais”⁴, moldada pelos ideais modernistas.

As residências japonesas antes da Restauração Meiji (1868) eram aquelas que ainda hoje imaginamos quando falamos sobre arquitetura japonesa. Feitas com modulação pelos *tatamis*⁵, divisórias móveis de papel e madeira (*fusumas* para as divisões internas e *shojis* na transição do exterior para o interior da casa) e cercados pelo *engawa*⁶, tinham espaços fluidos e, sem uma divisão de cômodos por uso, as programações diárias

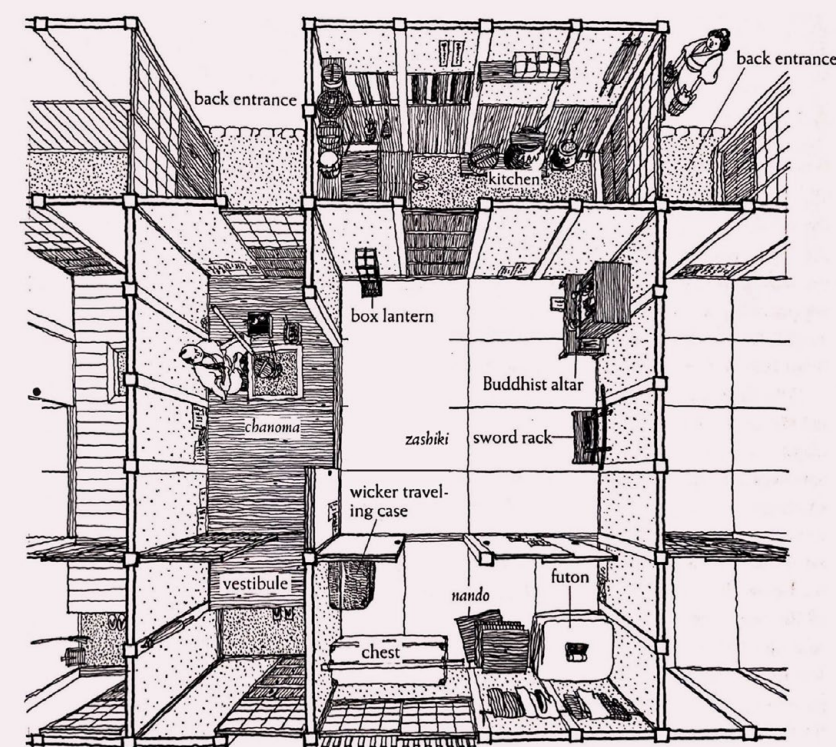
2. Tsubo é a unidade de medida para 3,3m² de área, correspondente a área ocupada por dois tatamis, lado a lado. É tradicionalmente utilizada para estabelecer preços de terrenos.

3. Sabemos que este termo está em desuso, por ser extremamente generalista. Estamos utilizando-o pela dificuldade em encontrar outro termo mais adequado, mas aqui representa os Estados Unidos e a Europa Ocidental. Deixo entre aspas o termo para dar destaque por sua incoerência.

4. Aqui, será chamado de arquitetura tradicional aquela anterior ao processo de inserção da arquitetura moderna iniciado pela Revolução Meiji (1868) e a introdução de ideais norte americanos e europeus (principalmente ingleses) no pensamento japonês. A autora em questão não gosta deste termo, pois levanta discussões como “o que caracteriza uma arquitetura como tradicional?”, debatido em 1955 pela comunidade arquitetônica após a assinatura do Tratado de São Francisco, que concedeu a independência para o país.

5. Tapete modular utilizado nos pisos em salas de estilo japonês. Com tamanho padrão de 0,9 x 1,8m, eram feitos de palha de arroz. Sua dimensão é utilizada como unidade de medida.

ocorriam sem uma delimitação espacial. Sem posses ou mobílias, as divisórias de papel traziam translucidez e leveza ao ambiente. Os espaços eram definidos por suas atividades e pelos mobiliários. Um mesmo cômodo, em que todos os membros da família dormiam juntos, era transformado em sala de estar pela retirada dos *futons*⁷ e alocação de uma mesa para as refeições. O conceito de privacidade era diferente, quase inexistente.



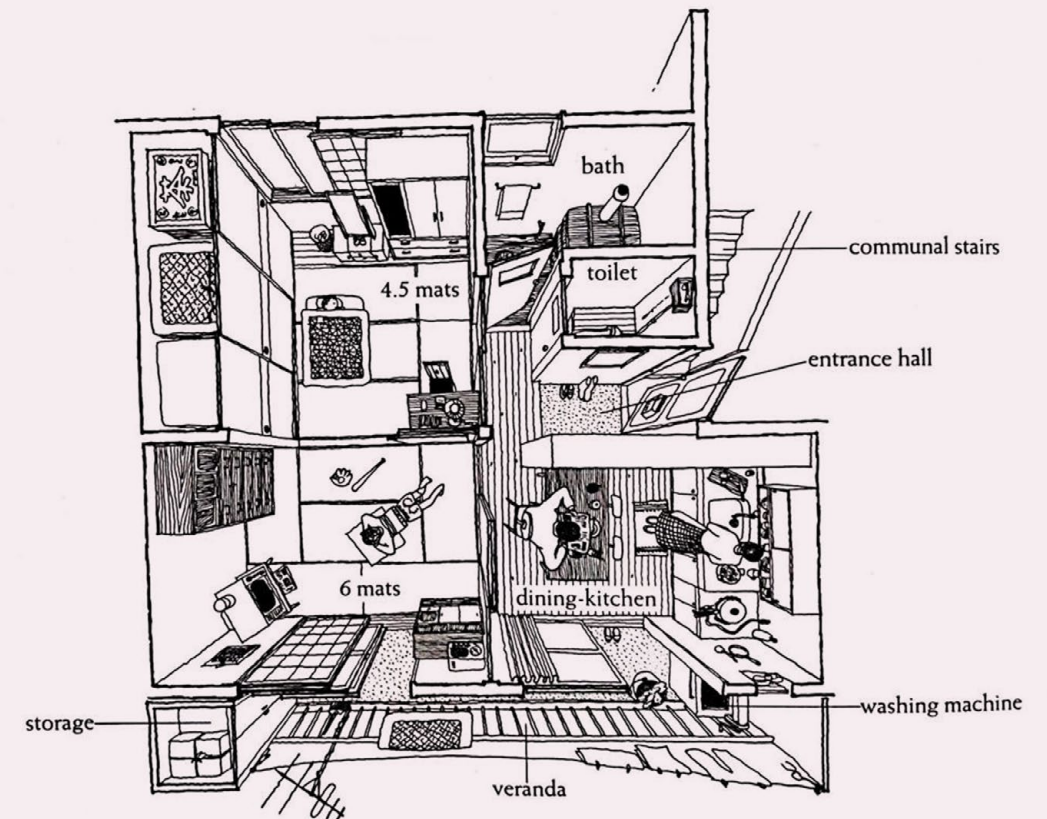
[4] Ilustração da casa de um samurai na era Edo. A cozinha, com chão de terra e um espaço único de tatami onde acontecem as atividades diárias.

6. Espaço de transição entre o interno e o externo, é uma varanda que fica no nível da casa e percorre ao longo da mesma, sob o beiral do telhado da casa pré-moderna japonesa.

7. Futon é um acolchoado utilizado para dormir. Existem diferentes variações, como o shikibuton (futon de estender, utilizado como colchão para dormir em cima) e kakebuton (futon de cobrir, utilizado como edredom). Por ser de uso flexível, é dobrado e guardado durante o dia no oshiire (armário) para permitir outros usos do ambiente.



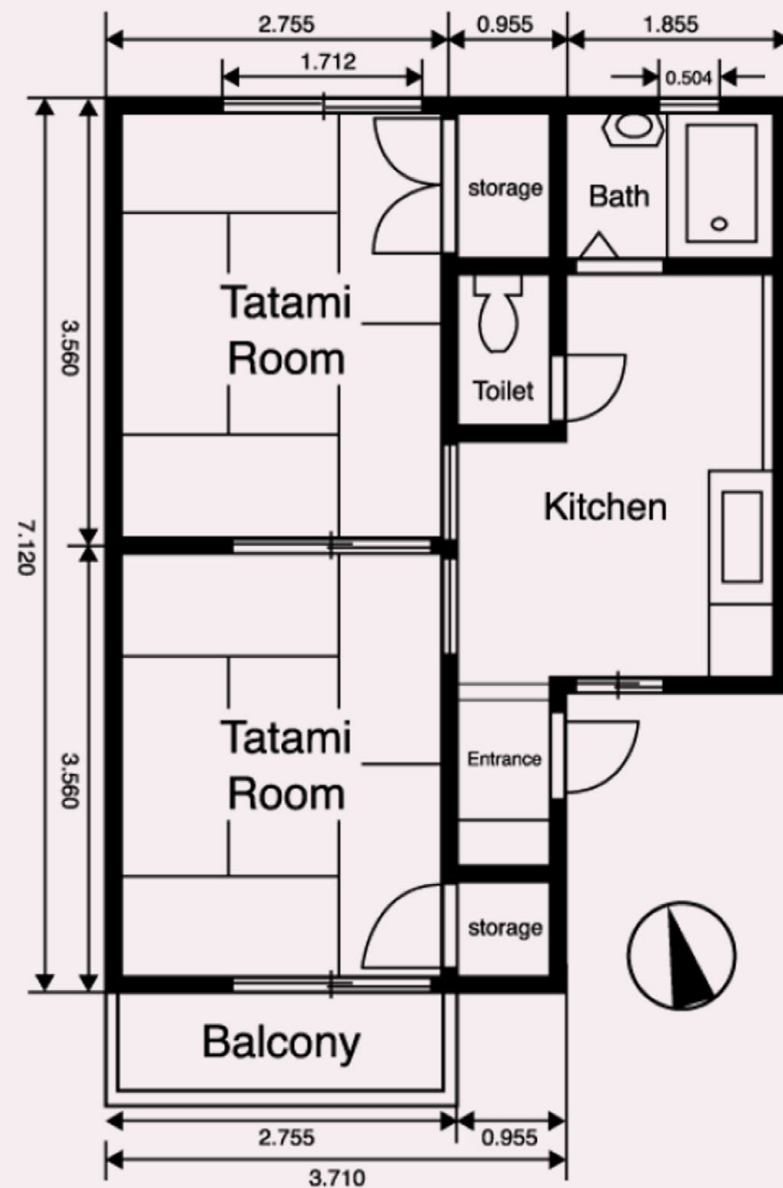
Porém, com o fim da Segunda Guerra e as reformas democráticas, este uso de um mesmo cômodo para diferentes atividades foi duramente criticado. Acreditavam que, para melhorar as condições do trabalho doméstico, melhorar a qualidade de vida e empoderar as mulheres, era necessária a separação dos ambientes por uso. As ocupações estadunidenses impuseram uma nova ideologia familiar, baseada na igualdade de direitos para a mulher, heranças igualitárias para os filhos e liberdade na escolha de carreira para a esposa. Como resultado, o país iniciou sua transição para um sistema familiar nuclear.



[6] Ilustração de um apartamento produzido pela *Japan Housing Corporation*, de modelo 2DK, com dois quartos de tatamis e uma cozinha e sala de jantar integrados. Área média: 45m²

As residências nos *danchis* trouxeram um novo modo de habitar, aplicando em seu *layout* os ideais democráticos. O modelo baseado nos moldes norte-americanos nomeado como 2DK (*two rooms, dining and kitchen*⁸), com sala de jantar e cozinha integradas e adequadas para os mobiliários de molde ocidental e dois quartos de *tatamis* independentes, acessíveis separadamente da cozinha foi difundida nas habitações municipais e popularizaram principalmente entre as famílias de classe média. Os primeiros 2DK tinham em média 40,13m², 16% menor que as produzidas antes da Segunda Guerra. Na década de 50, os tamanhos das unidades evoluíram positivamente, com 49,92m² em 1955, 49,98m² em 1965 e 59,92m² em 1973 (WASWO, 2002 apud CASELLI, 2007).

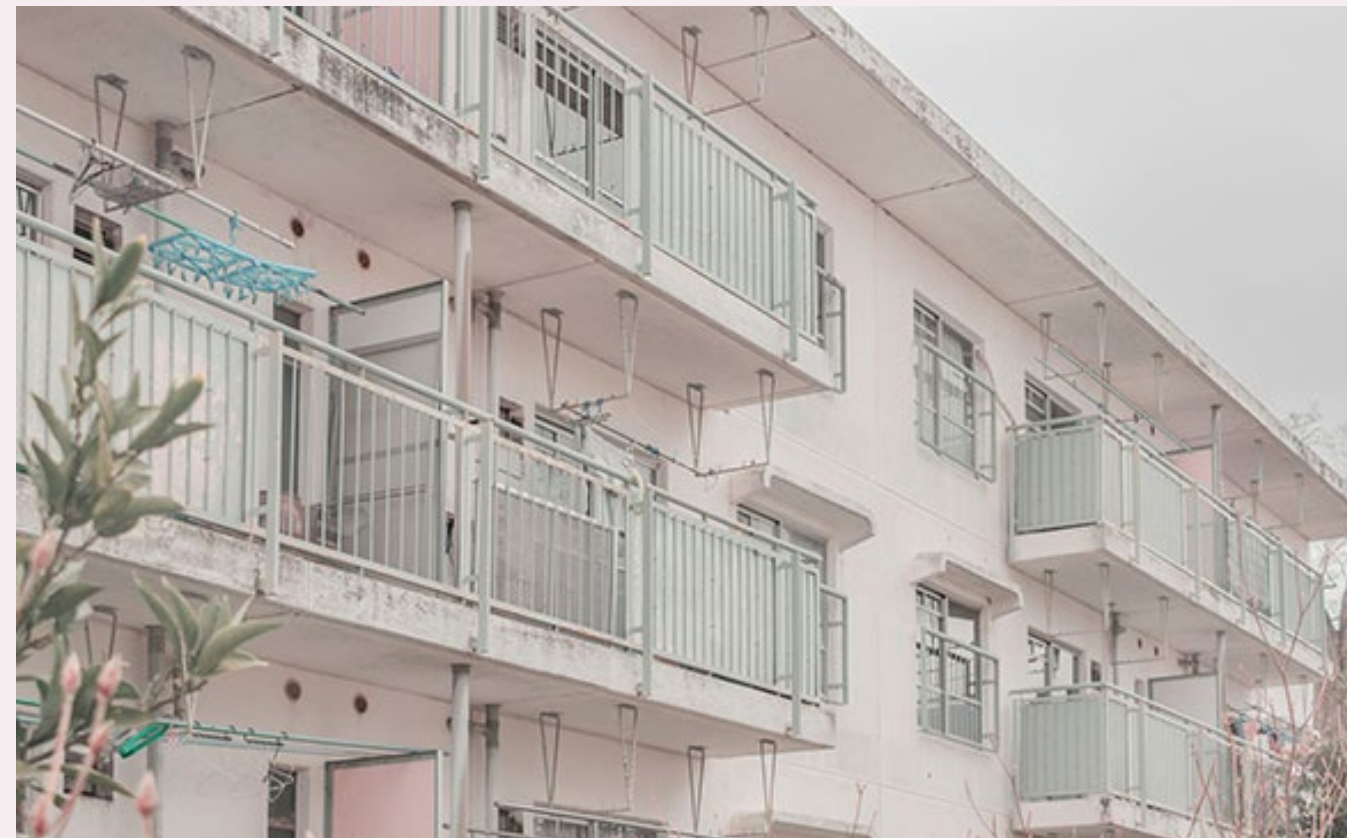
8. Dois cômodos de tatami, sala de jantar e cozinha.



[7] Planta com as dimensões de um apartamento 2DK. Percebe-se que os quartos de tatamis eram interligados com divisórias de correr. Os depósitos eram necessários em cada cômodo para guardar os *futons*. Os espaços destinados a higiene pessoal eram separados, com o vaso sanitário segregado da área de lavatório e banho. O *genkan* (hall de entrada) garante a privacidade dos moradores.

Estas residências possuíam uma esfera privada para relacionamentos conjugais que deveria ser gerenciada pela esposa moderna. Estes apartamentos eram rígidos, pouco inspiradores e repetitivos, em contraste com as casas pré-modernas de layout flexível. Antes projetados para comportar grandes famílias e convidativas para pessoas de fora, passam a ser um espaço de introspecção apenas para o núcleo familiar. Com o desenvolvimento da economia, passaram a crer que cada membro da família deveria ter um quarto particular, sendo o *n* do modelo nLDK (agora com sala de estar - living) correspondente ao número de moradores na casa. Este conceito foi tão difundido que passou a ser utilizado também nas casas unifamiliares e nos projetos de desenvolvimento privados, sendo utilizadas até hoje, apesar das drásticas alterações na realidade e na identidade da sociedade japonesa.

[8-9] Fachada dos *Danchis*, produzidos pela *Japan Housing Corporation*.





Durante a década de 50 foram realizadas experimentações no Japão a respeito das casas mínimas. Estas tiveram direta influência das discussões ocorridas durante o 2ºCIAM⁹, realizado em 1929 em *Frankfurt am Main* que, com o tema “A moradia para o mínimo da vida” (*existenzminimum*), debateu pela primeira vez sobre a área mínima habitacional a ser ocupada, abordando-a com um viés social. Foram elaboradas sistematizações e análises do que seria o mínimo aceitável para uma família viver através da apresentação e discussão de diferentes células de habitação estudadas em diferentes países participantes do congresso. Os espaços gerados eram resultantes do estudo das atividades humanas dentro do espírito *existenzminimum*, buscando a racionalização máxima dos mobiliários, da produção e do uso deste espaço. A casa pequena e isolada no lote passa a ser discriminada, no momento em que o conjunto de habitações unifamiliares assume a posição de modelo mais adequado para esta nova sociedade industrial.

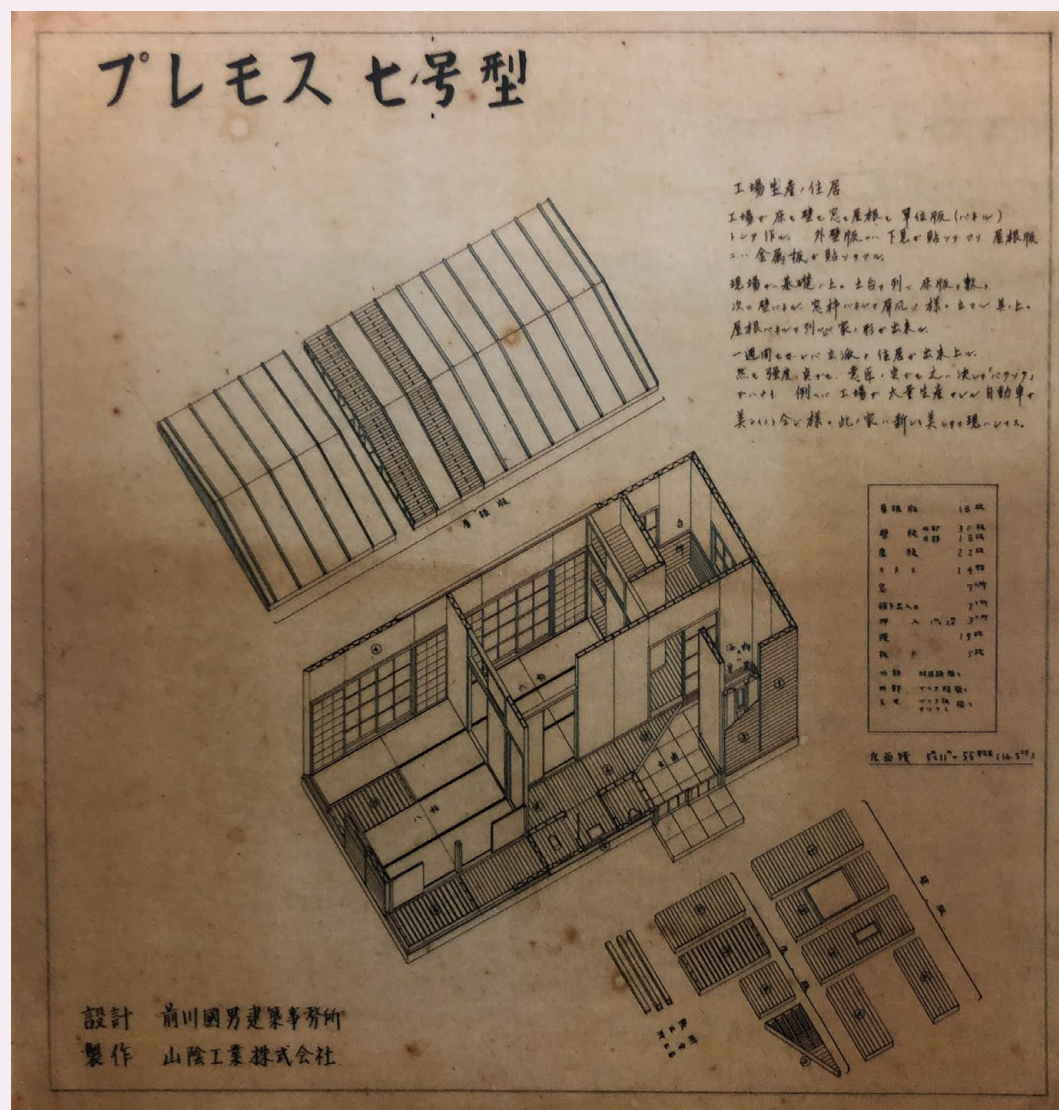
Em contraposição ao *existenzminimum* debatido no Congresso, arquitetos como Le Corbusier afirmaram, de forma idealista, a necessidade de debater uma nova forma de habitar, “o máximo para a existência”. Para tal, defendia que não apenas o projeto e a construção deveriam ser racionais, mas também o comportamento dos usuários dessas habitações mínimas.

Para essa racionalização três condições são essenciais: Viver “de outra maneira”, ou seja, que cada habitante tenha o seu próprio quarto “não importa quão pequeno”, dirá Gropius; que a cozinha seja concebida de maneira a simplificar ao máximo o trabalho doméstico e que a mobília, enfim, não imite o mobiliário burguês, mas seja, ao contrário, concebida em função de uma manutenção simples, de condições de vida higiênicas e de um preço baixo. Assim é toda a concepção de habitação que deve ser posta em causa. (KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa, p.53, apud FONSECA, 2011, p.33)

No Japão, em contraste com as discussões realizadas durante o CIAM em que o foco eram os conjuntos habitacionais, o debate ocorria em torno das casas isoladas no lote, geralmente com mais de um pavimento. Com o objetivo de tornar estas habitações mais acessíveis através da padronização e da industrialização, as casas mínimas tinham inspirações nos ideais modernistas, desejando distanciar-se dos moldes feudais e patriarcais. O conceito de habitação mínima foi introduzido pela primeira vez no país durante a guerra, com os abrigos militares pré-fabricados do arquiteto Sakakura Junzo (1901 – 69) e o PREMOS (projeto de habitação pré-fabricada) pelo arquiteto Maekawa Kunio (1905 – 86).



[10] PREMOS (1946 - 1951), Kunio Maekawa



[11] Desenho técnico do modelo PREMOS

Os ensaios realizados pelos arquitetos nesta época com as habitações mínimas eram ousados, tanto pela impossibilidade de projetar edifícios maiores, como pela necessidade de se repensar os conceitos pré-modernos de habitação e a melhor forma de se aproveitar o espaço disponível. Antes da guerra, arquitetos trabalhavam projetando residências apenas para clientes abastados, contudo, graças ao sistema de hipotecas, sua atuação foi estendida para a classe média, dando início a popularização das casas projetadas por arquitetos no Japão.

Há muito acostumada às austeridades dos anos de guerra, a nação despertou de um pesadelo com o fim das hostilidades. As pessoas começaram imediatamente a resgatar dos escombros qualquer coisa que pudesse ser usada para fazer um abrigo. [...] Essa experiência terrível fez com que algumas pessoas pensassem melhor sobre as habitações do passado. Como o mínimo de materiais de construção podem ser utilizados da melhor forma? Como se poderia utilizar um espaço mínimo da melhor maneira? A casa pré-guerra não atribuía muito peso ao entretenimento de visitantes e não mostrara preocupação insuficiente com a dona de casa? (INABA; NAKAYAMA, 2000, p.108-109, tradução nossa).¹⁰

As casas mais representativas deste movimento foram a Residence N°3 (1950) do arquiteto Ikebe Kiyoshi (1929 - 79) e a Minimum House (1952) de Masuzawa Makoto (1925 - 90). Visando contribuir para a emancipação feminina através da racionalização do trabalho doméstico e da melhora das condições sanitárias, Ikebe trouxe a separação dos cômodos por uso - abandonando o espaço único multiuso das residências pré-guerra - e um layout que se baseava num estilo de vida *chair-based* (na cadeira) oposto ao antes *floor-based* (no

10. Long accustomed to the austerities of the war years, the nation was awakened as from a nightmare by the end of hostilities. People began immediately to salvage from the rubble anything that could be used to make a shelter. [...] This terrible experience gave some people second thoughts about the housing of the past. How could minimal building materials be used to best advantage? How could one put a minimum space to the best use? Had not the prewar home attached too much weight to entertaining visitors and shown insufficient concern for the housewife...?

chão). Sem mais o tradicional *genkan* (hall de entrada), a casa apresentava um acesso direto da entrada para a cozinha, sala de jantar e estar. Este foi um de seus quase 100 projetos, nos quais continuou redefinindo a modularização do espaço de habitar. Em contraste com a Residence N°3 que trazia a separação dos cômodos, o projeto de Masuzawa possuía um cômodo único. Conhecida como “*9 tsubo house*”¹¹ era composta por módulos de 3x3 *ken*¹² e sua estrutura seguia o padrão arquitetônico tradicional japonês, ao expor as vigas e pilares nas fachadas. A residência apresentava uma cozinha moderna, banheiro com sistema de descarga e, com grandes janelas que maximizavam a entrada de luz, oferecia sensação de grandeza.

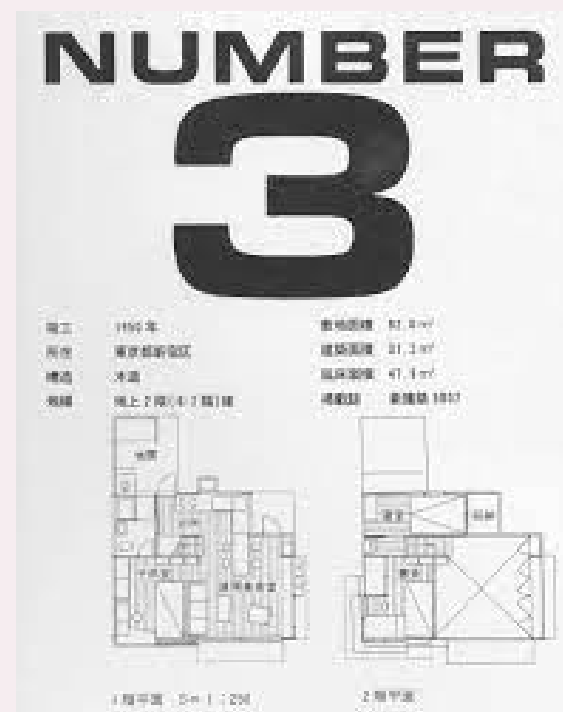
As habitações mínimas do pós-guerra, inclusive os desenhos de Ikebe e Masuzawa, tiveram ampla circulação em revistas, considerados projetos exemplares que exprimiam a eficiência e o racionalismo da arquitetura modernista. As implicações do mínimo defendidas por estas casas foram associadas aos novos valores pós-guerra de democracia e igualdade de gênero, repensando os modelos de habitação e propagando os conceitos de família nuclear trazidos pela reforma democrática.

[12] Minimum House (1952), Makoto Masuzawa

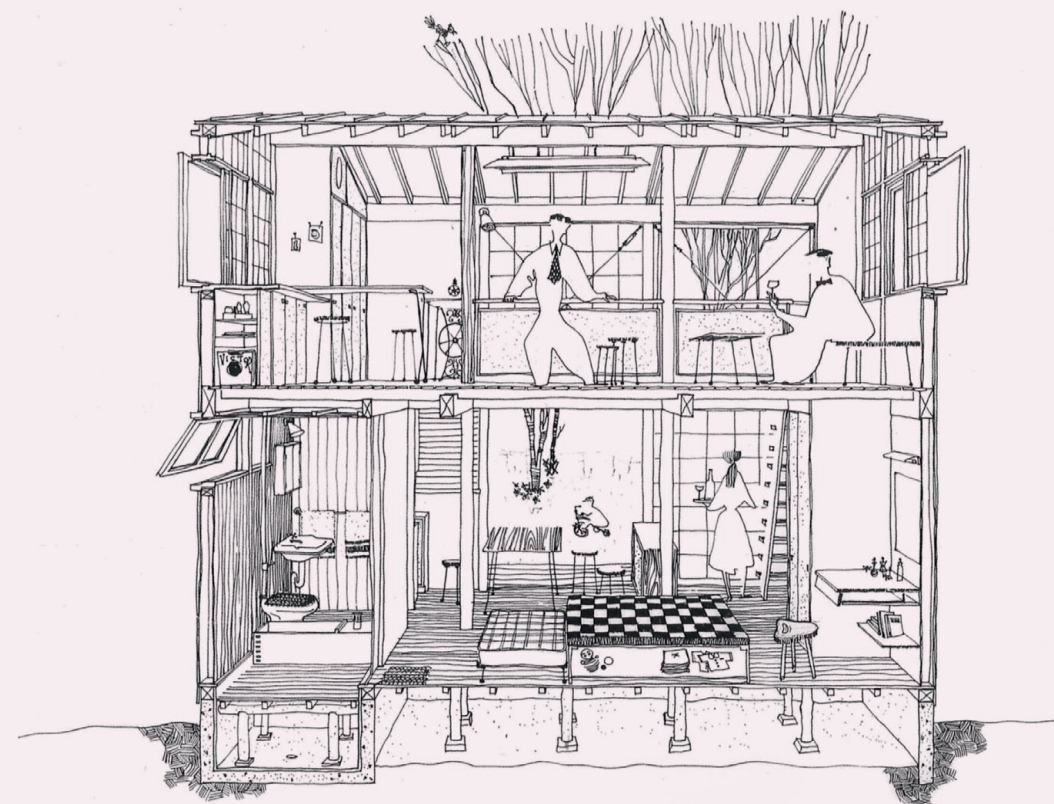
11. A dimensão do *9 tsubo house* (29,75m²) foi baseado em um programa oferecido pela *Japan Housing Corporation* após o fim da segunda guerra. Eles forneciam empréstimos apenas para pessoas que construíssem uma casa com menos de 50m². As *9 tsubo houses* com dois pavimentos tinham em média esta metragem, enquadrando aos mínimos exigidos pelo programa.

12. 1 *ken* equivale a 1,8m





[13-14] Residence N° 3 (1950), Kiyoshi Ikebe.



[15-16] Minimum House (1952), Makoto Masuzawa.

COM O COLAPSO DA BOLHA

Em contraponto a década de 50 em que a habitação de dimensões mínimas surgiu pela necessidade da reconstrução e pelas legislações impostas, na década de 90, elas tinham um viés ecológico e social. Com o colapso da bolha e a estagnação econômica, os arquitetos tiveram cada vez menos oportunidades de realizar grandes projetos e, portanto, focaram nas habitações mínimas. Além disso, com o grande terremoto em Tohoku de 2011, conceitos como funcionalidade, leveza, eficiência e *low-tech* passaram a ser advogados como os novos valores da arquitetura japonesa. O arquiteto Kengo Kuma, em seu livro *Small Architecture* (2013) declarou que o terremoto foi uma “retribuição divina para a grande arquitetura” que se proliferou no Japão pós-guerra, empurrando suas construções para a costa sem levar em consideração as condições naturais.

Com uma perspectiva completamente nova, Kuma destaca a arquitetura mínima, capaz de substituir a dura e grandiosa arquitetura. A arquitetura mínima é autossustentável, flexível e capaz de conectar novamente a natureza com o ser humano. A vida com uma arquitetura mínima permite a segurança própria, conectiva e relaxante, trazendo uma satisfação profunda e consciente. (INTERACTION GREEN, 2021, tradução nossa)¹³

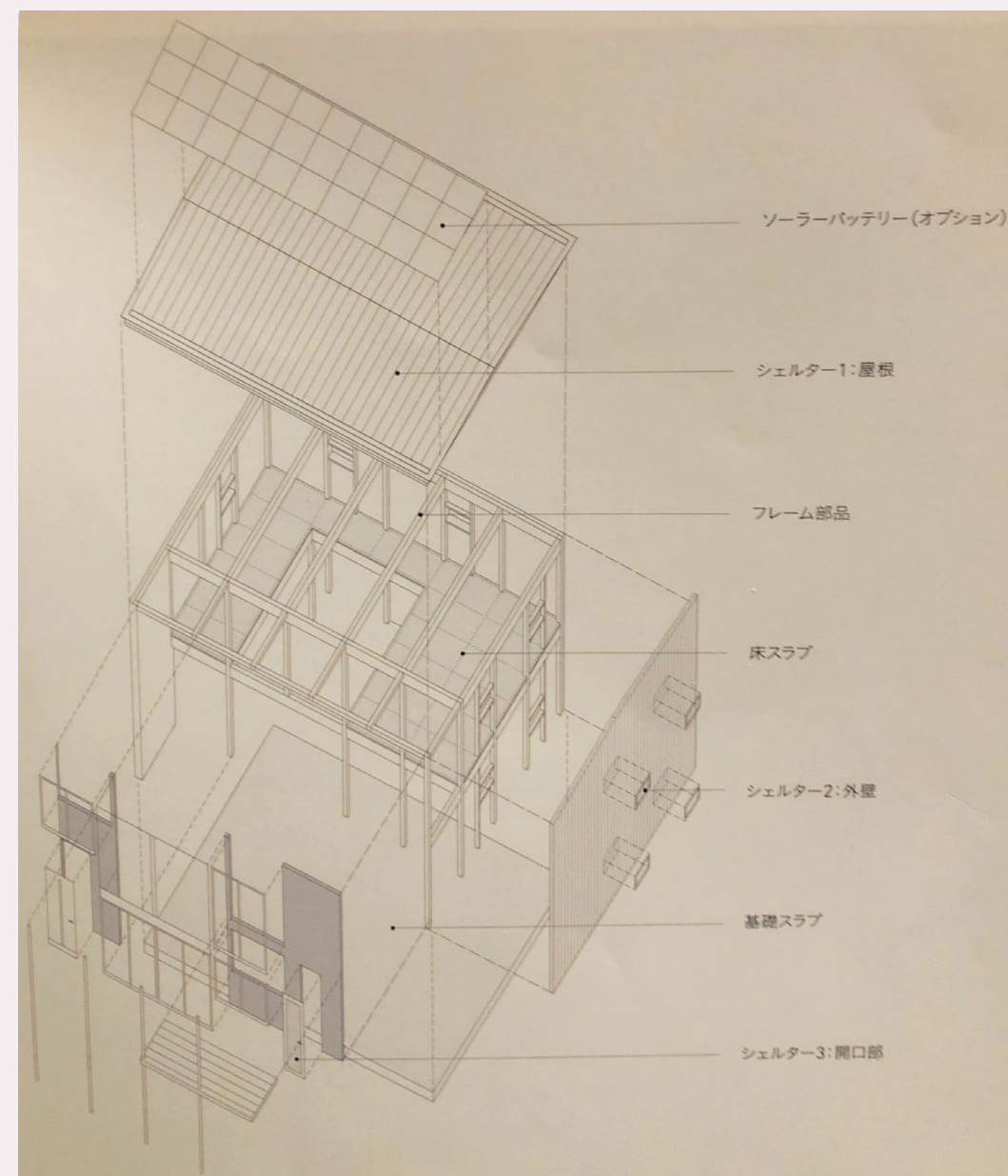
13. As a completely new perspective, Kuma offers small architecture that can replace hard and big architecture. Small architecture is self-sustaining, flexible and capable of directly connecting humans with nature once again. The life with or in small architecture is self-assuring, connecting and relaxing that can bring about deep, mindful satisfaction.

Embora não houvessem mais restrições legais para a dimensão dos lotes, os arquitetos viam a casa mínima como solução para as mudanças demográficas e sociológicas enfrentadas no país, como a queda nas taxas de natalidade, aumento da população idosa, maior número de famílias compostas por uma única pessoa e trabalhando de casa. As casas privadas sendo manifestações concretas da vida familiar, eram vitrines para os arquitetos testarem novas propostas de espaço, forma, estrutura e materialidade, visando responder ao colapso do modelo familiar, este, propagado pela casa mínima na década de 50.

Uma vez que se compreende que a imagem da família urbana desmoronou no Japão pós-guerra, é inevitável questionar a forma de moradia nLDK, colocada como o princípio da família nuclear e concebida como seu contêiner. E, no entanto, a forma de habitação nLDK não estava sendo utilizada apenas nas habitações públicas, mas também nos empreendimentos privados. Nos cinquenta anos desde o fim da guerra, todos os desenvolvimentos residenciais no Japão foram de acordo com a fórmula nLDK, independente de terem sido construídos por agências públicas ou desenvolvimentos privados. E apesar do colapso do conceito de família que foi criado, este conceito formal permaneceu inalterado. A única coisa que poderia dismantlar esta relação é a reforma das unidades habitacionais que atuam como receptáculos. (ISOZAKI, Arata. The Kitagawa Housing Complex, Gifu (Japan), p.45, apud DANIELL, 2008, p.76-77, tradução nossa)¹⁴

14. Once one understands that the image of the urban family has collapsed in postwar Japan, one cannot help but call into question the nLDK dwelling form, put together as it was on the principle of the nuclear family and conceived as its container. And !!yet the nLDK as a form of urban dwelling was not only used for public housing, but also used in private developments. . . . In the fifty years since the end of the war all urban housing in Japan has been conceived according to the nLDK formula, regardless of whether it was built by public agencies or private developers. And despite the collapse of the concept of the family that it created, this formal concept has remained unchanged. The only thing that can dismantle this relation is a reform of the dwelling units which act as the receptacles.

A habitação mínima na década de 90 se desenvolveu em duas linhas de pensamento. A primeira linha desejando reviver o modernismo, trouxe sua funcionalidade e eficiência através da industrialização e da modularização. Um dos projetos mais representantes deste grupo é a *Box House Series*, do arquiteto Namba Kazuhiko, discípulo de Ikebe Kiyoshi, que desenvolveu o estudo através da *Minimum House* (1952), criando uma linha de habitações ecológicas, minimizando o desperdício de materiais, energia e custo. Em tempos de ruína do modelo familiar nuclear, a *Box House Series* se diferencia dos protótipos desenvolvidos no passado ao criar mais de 150 modelos, todos de apenas um cômodo (planta livre) possibilitando diferentes formas de ocupação. Foi criada também, em parceria com a marca *Mujirushi Ryohin* (MUJI) a série *Wooden House*, de madeira laminada, com o mesmo conceito de minimalismo e versatilidade vendidos pela companhia. Com o esforço de melhorar o potencial e o desempenho ambiental destas casas em tempos de colapso da economia, a série propõe a reinterpretação do conceito de família e estilo de vida.



[17] Box House Series (1995-), Kazuhiko Namba + KAI WORKSHOP. O design com planta livre traz liberdade para ocupar livremente, em tempos de colapso da economia e da família nuclear.

[18] Perspectiva isométrica explodida mostrando os componentes da Wooden House, projeto de Kazuhiko Namba com a empresa MUJI.

[19] próxima página: Modelos físicos da Box House Series, no escritório de Kazuhiko Namba.



A segunda linha de abordagem das habitações mínimas que surgiram após o colapso da bolha econômica, e que será estudada nesta pesquisa, é melhor representada pela dupla de arquitetos do escritório *Atelier Bow-Wow*. Considerados da geração que nasceram “tarde demais”, não tiveram oportunidades de realizar projetos de grande escala, por iniciarem sua carreira após a queda da economia, quando estes já não eram tão recorrentes. Ao invés de negar completamente o pós-modernismo, trazem uma visão crítica ao dar ênfase nas vivências cotidianas e nas demandas dos usuários. Através de estudos detalhados das cidades e do comportamento das pessoas, seus desenhos são reflexo das condições locais e das necessidades dos residentes.

Embora tenham seguido visões diferentes, os arquitetos destas habitações têm em comum o desejo de abandonar a arquitetura ostensiva em vigor na década de 80. Almejam construir habitações acessíveis e eficientes, tirando o máximo de vantagem das condições locais, dos recursos limitados, focando nas reais necessidades dos moradores, através de tecnologias viáveis de baixo custo, respondendo aos novos estilos de vida e multiplicidade de moradores.

Uma arquitetura que deseja ser parte da rua, da cidade e da sociedade. Esta será a habitação mínima aqui estudada.



[20-21] Tread Machiya (2008), Atelier Bow-Wow. Inspirado nos machiyas do período Edo, esta casa construída em uma região adensada de Tóquio, se estende até os fundos do lote e utiliza a grande escadaria como elemento de circulação e conexão. Sua grande janela na fachada e varanda no último pavimento permitem a integração dos moradores com o meio externo, estimulando o contato com a cidade. Área do lote: 66m²





OLHANDO PARA A CIDADE

Nenhuma outra cidade tem a diversidade de edifícios que compõem suas ruas, ou a desordem das cores e formas decorativas em suas fachadas. Caos é a única palavra apropriada para descrevê-la. Mas eu não rejeito este caos incondicionalmente. Em essência, o caos contém um presságio de ruína. No entanto, em tantos lugares desta vasta aldeia de uma cidade diante de nós, as ruas estão cheias de vitalidade. Tóquio se tornou uma das cidades mais interessantes do mundo. (Kazuo Shinohara, apud DANIELL, 2008, p.161, tradução nossa)¹⁵

15. No other city has the diversity of buildings that comprise its streets, or the disorder of decorative surface colors and forms on their facades. Chaos is the only appropriate word to describe it. But I do not unconditionally dismiss this as chaos. In essence, chaos contains a portent of ruin. Yet in so many places of this vast village of a city before us, the streets are full of vitality. Tokyo has now become one of the most exciting cities in the world. (Kazuo Shinohara, “Kenchiku e” [Toward Architecture], Japan Architect 56 no. 9 (September 1981)

Quando analisadas através de uma visão eurocêntrica e estadunidense, as cidades japonesas podem ser consideradas caóticas, doentes e problemáticas. Por muitos anos, inclusive arquitetos e urbanistas japoneses, acreditaram que eram cidades incuráveis. Isto pois, em contraste com as cidades de grandes muradas, as cidades japonesas (em especial Tóquio, foco desta análise) são compostas por um acúmulo de edifícios independentes, com vãos entre si. Seus rápidos ciclos de demolição e reconstrução, a falta de espaços livres, a extrema densidade urbana e o aparente caos podem ser atribuídos, principalmente, aos lotes de dimensões reduzidas predominantes nas cidades. Segundo o autor Thomas Daniell (2008, p.163), “O Japão urbano é como um tapete pontilhado extenso, em que cada ponto é capaz de mudar independente de seu entorno, e ao mesmo tempo, incapaz de exercer qualquer influência além de seus limites imediatos¹⁶.” Entretanto, com o advento da sociedade pós-industrial e pós-moderna, a partir da década de 80, começaram a redescobri-la como um modelo urbano diferente, porém igualmente válido, e talvez, mais progressivo e futurista.

Acho que as cidades europeias introduziram um 'modelo imutável'. Dentro de suas paredes, criaram cidades de pedra que poderiam ser mantidas por mais tempo do que a vida de uma pessoa. Eles acreditavam que, se você vai acomodar a vida das pessoas, não pode ficar mudando suas formas a todo momento. Por outro lado, as cidades asiáticas são baseadas em um modelo de 'mudança'. [...] A vida das pessoas muda e os valores também, e porque eles mudam, a ideia de que uma cidade que as apoia também deve mudar rapidamente é indicada por sua forma. (KITAYAMA; TSUKAMOTO; NISHIZAWA, 2010, p. 107, tradução nossa)¹⁷

16. Urban Japan is like a sprawling pointillist carpet, each spot able to change without regard for its neighbors, yet at the same time unable to exert any influence beyond its immediate boundary.

17. I think that European cities introduced an ‘unchanging model’. Within walls, they created cities out of stone that could be maintained for longer than a person’s life. They believed that if you’re going to accommodate people’s lives, you can’t keep changing the forms every day. On the other hand, Asian cities are based on a model of ‘change’. [...] People’s lives change, and values do too, and because they change, the idea that a city that supports them should also change rapidly is indicated by its form.





Esta imagem caótica de Tóquio é também em razão das duas camadas existentes que guiam o planejamento da cidade. A primeira camada, mais evidente, é a moderna repleta de arranha-céus e grandes vias públicas. A outra camada oculta data do período Edo (1615 – 1868), com um sistema de planejamento adaptado à microtopografia da cidade e sua arquitetura em madeira. Ao incorporar elementos naturais como colinas e cursos d'água, resultou em uma rede semelhante a um labirinto de pequenas ruas e bairros. Com o tempo, as ruas permaneceram, mas os prédios foram substituídos em um ritmo acelerado, dando a Tóquio seu caráter único de tanto vila como metrópole. (NUIJSINK, 2012)

Esta característica urbana pode ser observada principalmente nas áreas centrais de Tóquio, sendo denominada de *Urban Village* pelos arquitetos do *Atelier Bow-Wow*. Devido a predominância de construções – principalmente residenciais – de madeira, em 1995 foi criada uma regulamentação que definiu muitas avenidas principais em áreas comerciais como “rede principal de redução de danos”, com o objetivo de conter a propagação de incêndios. Estes edifícios localizados em largas avenidas atuam como cinturões para evitar que o fogo se espalhe nos bairros residenciais e atuam como rotas de fuga.

[26] Urban Village, com o cinturão de edifícios comerciais para conter a propagação de fogo nas residências em madeira.



CICLOS DE DESTRUIÇÃO

[No Japão] edifícios não são projetados na expectativa de que irão resistir ao tempo, mas que serão demolidos mais cedo ou mais tarde e substituídos por algo mais adequado às demandas econômicas tecnológicas do futuro. (THACKARA, John. apud BOGNAR, 2021) ¹⁸

As cidades japonesas são caracterizadas pela constante transformação e seu forte dinamismo. Segundo Bognar (2021), no Japão, complexas condições e forças poderosas desafiam quaisquer entendimentos sobre o curso “normal” do envelhecimento e exigem uma reinterpretação substancial da questão da durabilidade na arquitetura e no ambiente construído. Algumas dessas forças são comuns a muitos países, outros particulares ao Japão.

O Japão é um país em que a terra, além de escassa, é extremamente cara. Para além, as elevadas taxas de herança obrigam as famílias a vender parcial ou totalmente o lote herdado para poder reconstruir rapidamente algo que traga retorno financeiro, pois manter o lote vazio é algo inviável economicamente. Em média, nas regiões mais centrais de Tóquio, o valor da construção equivale a apenas 10 a 20% do valor do lote em que se encontra, de forma que, relativamente, a construção é uma das mais baratas no mundo, justificando a reconstrução constante dos empreendimentos. Em muitos casos, quando realizadas as negociações para a compra de um terreno, considera-se apenas o valor do lote, ignorando o

que ali se encontra, pois quase sempre será demolida. Estas condições contribuem não apenas para a contínua reconstrução e renovação urbana, mas também para a fragmentação dos lotes. Este processo foi ainda mais acelerado durante a bolha econômica na década de 80.

Outro fator para as constantes mudanças na paisagem urbana de Tóquio são os seus ciclos de destruição. Além do grande terremoto de Kanto em 1923 e a 2ª Guerra Mundial, a cidade sofreu com diversos terremotos e incêndios que obrigaram as cidades, as habitações e os moradores a se reestruturarem. Grande parte de sua arquitetura foi construída ou reconstruída após a Segunda Guerra Mundial e, de acordo com uma pesquisa realizada em 1993 “mais de 30% de toda a sua estrutura...foi construída a partir de 1985.” (BOGNAR, 2021)

O crescimento histórico das...cidades japonesas não ocorreram em um fluxo contínuo...Sempre foi motivada por algum evento catastrófico. (MIYAKE, Riichi “Pursuit for Internal Microcosms,” The Japan Architect (January 1987), apud BOGNAR, 2021, tradução nossa) ¹⁹

Tóquio passou por muitas mudanças em sua aparência física ao longo do último século. A cidade, dizimada pela Segunda Guerra Mundial, reconstruiu-se das cinzas. Em sua reconstrução tornou-se – ou talvez, voltou a ser – uma cidade sem peso. Foi antes uma cidade de madeira e papel, agora se tornou uma cidade de concreto, aço e vidro. A sensação de leveza, porém, continua. (Fumihiko Maki, 1988, apud BOGNAR, 2021, tradução nossa) ²⁰

18. [In Japan] buildings are designed in the expectation not that they will stand the test of time but that they will be torn down sooner rather than later and replaced by something more appropriate to the economic and technological demands of the future. John Thackara, “In Tokyo they shimmer, chatter and vanish,” The Independent (London, 25 September 1991), 12.

19. The historical growth of...Japanese cities has not been a continuous flow.... It has been always motivated by some catastrophic events.

20. Tokyo has undergone many changes in physical appearance over the last century. The city, so decimated by World War II, has had to rebuild from ashes. In its rebuilding it has become—perhaps it has returned to being—a city without heaviness. It was once a city of wood and paper; it has now become a city of concrete, steel, and glass. The feeling of lightness, however, remains. Fumihiko Maki, “The Roof at Fujisawa,” Perspecta No. 24 (1988), 120.

Talvez devido ao entendimento sobre o funcionamento misterioso e súbito da natureza, a cultura japonesa evoluiu em torno da noção de impermanência. O ensinamento budista de que *“tudo é passageiro”*, condicionou o pensamento do cidadão japonês sobre a transitoriedade da materialidade. Nas cidades estes conceitos são observados nos rápidos ciclos de renovação. Ao se desenvolver através da lógica da necessidade imediata, focando mais em suas partes, sua paisagem é muito mais definida pelas atividades humanas e pelas constantes mudanças do que pelas entidades físicas. O templo xintoísta *Ise Jingu* e a tradição de sua reconstrução a cada 20 anos (*Shikinen Sengu*), utilizando os mesmos materiais e as mesmas técnicas de encaixe com o objetivo de propagar a técnica de sua reconstrução, valorizando o ‘saber fazer’ acima do objeto construído em si, talvez seja o maior exemplo de tais valores budistas.

O Japão... provavelmente ainda é a nação mais produtiva e tecnologicamente avançada no mundo, de formidável poder econômico, com uma capacidade impressionante de trabalho, organização, investimento e pesquisa, combinado a um senso de exatidão e precisão na manufatura, resultado de uma tradição muito antiga em que os valores do saber-fazer prevalecem sobre a raridade ou a antiguidade de um objeto. (GREGOTTI, Vittorio. apud BOGNAR, 2021, tradução nossa) ²¹



[27-28] Templo xintoísta Ise Jingu e seu processo de reconstrução, visando transmitir os conhecimentos tradicionais de sua construção. Sua última reconstrução ocorreu em 2013.

21. Japan...is probably still the world's most technologically advanced and productive nation, of formidable economic power, with an astounding capacity for work, organization, investment, and research, combined with a sense of accuracy and precision in manufacturing which is the result of a very old tradition in which the values of craftsmanship prevail over the rarity or antiquity of an object.

Embora por motivações diferentes, as habitações japonesas também são reconstruídas constantemente. Até o século 20, a grande maioria dos edifícios residenciais eram construídos em madeira e papel, raramente utilizando elementos metálicos em sua estrutura, de modo que quebrar e remonta-las não era uma tarefa tão difícil. As peças ainda viáveis eram reaproveitadas e o resto, utilizado como lenha. Quando a casa precisava ser adaptada a novas situações, o tecido existente era complementado ou era inteiramente reconstruído. Os frequentes terremotos e incêndios também destruíam constantemente cidades inteiras, de forma que era comum profissionais para destruir as casas em chamas, em uma tentativa de conter o avanço do fogo.

Por muito tempo, os japoneses responderam a estas ameaças constantes passivamente. Ao invés de construir muros de proteção com pedras, montavam as casas – com *tatamis* e painéis deslizantes – de forma que pudessem facilmente ser desmontadas e recolhidas em casos de emergência. Após a Segunda Guerra Mundial, as precauções “ativas” ocidentais contra danos foram substituindo a atitude flexível dos japoneses e, conseqüentemente, a madeira foi considerada um material inferior ao aço e concreto. Porém, ainda hoje, a habitação tem para os japoneses um diferente significado, não de uma fortaleza, mas de uma concha temporária para se viver. (HILDNER, 2011)

Atualmente esta tendência e mentalidade ainda são mantidas, de forma que as casas não são construídas para durar, como são as residências europeias por exemplo. No Japão elas são construídas para uma família específica e, quando esta sai e outra família irá morar neste local, a casa é completamente destruída e uma nova é edificada em seu lugar. Isto ocorre, pois no Japão, o que possui real valor monetário é o lote e não aquilo que nele se encontra.

22. Ministry of Land, Infrastructure, Transport and Tourism (Ministério de terras, infraestrutura, transporte e turismo)

Esta constante demolição e reconstrução dos edifícios residenciais ocorre, visto que o valor de uma casa é completamente depreciado em cerca de 25 anos. Segundo o MLIT²², casas de madeira possuem vida útil de 27 a 30 anos e as casas de concreto perdem seu valor em média 37 anos após sua construção. E, por acreditarem que um imóvel novo é sempre melhor e mais seguro do que aquele uma vez habitado, são demolidas e reconstruídas. Como costumam morar em uma mesma casa a vida toda, quando há condições, sempre preferem construir uma nova, de acordo com os gostos dos moradores. Enquanto nos Estados Unidos e na Europa os imóveis usados corresponderam a quase 90% das vendas em 2017, no Japão a proporção é oposta, com a esmagadora maioria de casas novas sendo comercializadas. (“*Why Japanese houses have such limited lifespans*”, 2018)



Os frequentes terremotos são uma das principais razões para a preferência por residências recém construídas. A cada grande tremor, regulamentações construtivas mais rígidas são elaboradas e com isso, o desejo de se morar em uma construída de acordo com as normas mais recentes. Há também um fator histórico, de que as casas pré-fabricadas construídas no pós-guerra, entre a década de 50 e 70 foram edificadas prezando a quantidade e não a qualidade, para lidar com o rápido crescimento populacional. Durante o período da bolha econômica, a arquitetura (principalmente residencial) foi transformada em mercadoria descartável. A infusão de capital global, a nova riqueza e a promessa de preços imobiliários em constante valorização prepararam o cenário para um mercado onde a terra se tornou mais valiosa do que os edifícios. As moradias mais antigas consideradas inferiores foram demolidas e descartadas, ao invés de remodeladas, por acreditarem não valerem o investimento.

Casas... duram em média apenas 30 anos, efetivamente tornando-as um item de consumo durável, enquanto nos países do Ocidente uma casa é bem de capital que irá reter seu valor quase na perpetuidade, desde que devidamente mantido. O valor de mercado das residências japonesas cai ainda mais rápido do que pode ser depreciado por fins fiscais; depois de 15 anos a casa típica não vale mais nada. (KOO, Richard. SASAKI, Masaya apud YONEDA; SERWETA; AIA, 2017, tradução nossa)²³

Visando incentivar novos empreendimentos (o Japão possui o maior mercado de construção civil do mundo, representando cerca de 20% da renda bruta do país e empregando mais de 10% da mão de obra do país), a depreciação do valor do imóvel é dedutível de taxaço. Uma vez que o valor da casa é depreciado

23. "Houses... last only about 30 years on average, effectively making them a durable consumer good, whereas in Western countries a house is a capital good that will retain its value almost in perpetuity as long as it is properly maintained. The market value of Japanese houses falls even faster than they can be depreciated for tax purposes; after 15 years the typical house is worth nothing." (Richard Koo and Masaya Sasaki, "Obstacles to Affluence: Thoughts on Japanese Housing," NRI Papers No. 137, December 1, 2008 (Tokyo: Nomura Research Institute, 2008))

para zero, seus donos podem optar entre mantê-la, ou destruí-la e construir uma nova residência. Ao continuamente reconstruir, é possível obter vantagens fiscais consideráveis, pois para registrar a posse de um novo imóvel deve ser pago 0,4% do valor total, enquanto que para registrar a mudança de uma propriedade, este valor sobe para 2%. Demolir um edifício existente e construir um novo pode, muitas vezes, ser mais barato e fácil do que reparar estruturas antigas. ("Why Japanese houses have such limited lifespans", 2018)

Este processo de sucateamento da construção é uma peculiaridade do mercado imobiliário japonês, explicada pela baixa qualidade das construções para atender rapidamente a demanda habitacional após a segunda guerra mundial, as repetidas revisões do código de obras para melhorar a resiliência a terremotos e um ciclo de manutenção deficiente devido à falta de incentivos para tornar as casas comercializáveis para revenda. Mas também há uma clara preferência na mentalidade japonesa por coisas novas, como sinônimo de algo melhor. As casas de dimensões mínimas são as que melhor exprimem a rápida transitoriedade urbana. Se adaptam facilmente às condições locais e aos diferentes perfis de moradores, sendo os elementos mais espontâneos do tecido urbano japonês. São elas que mostram as mudanças sociais e dos pensamentos da época. São um laboratório de experimentação arquitetônica.

Se compararmos a arquitetura da civilização ocidental a um museu, arquitetura japonesa a um teatro. (ITO, Toyo, 1991, apud BOGNAR, 2021)²⁴

24. If we compare the architecture of Western civilization to a museum, [then] Japanese architecture [can be likened to] a theater". Toyo Ito em uma entrevista com Sophie Roulet e Sophie Soulie, chamda "Towards a post-ephemeral architecture" (Paris: Editions Moniteur, 1991), 105.

*"Tudo que é antigo vai embora.
Tudo que é antigo deve ir embora."*



"Os japoneses adoram o que é novo, novidades."



[30-31] Cenas da entrevista realizada com o arquiteto Ryue Nishimura, no filme Tokyo Drive, dos diretores Bêka & Lemoine. Nishimura conta como na cidade de Tóquio não há nenhuma regulamentação de preservação e há uma preferência dos japoneses por coisas novas.

CIDADE LABORATÓRIO

A experimentação é algo inevitável, considerando a impermanência das cidades japonesas. São incubadoras de novas ideias.

Desde a Restauração Meiji em 1868, a cidade de Tóquio é utilizada como um laboratório para testar modelos urbanos ocidentais. Antes, o país era essencialmente uma sociedade feudal, contudo o rápido programa de modernização e remodelação das cidades resultou em enormes mudanças na paisagem urbana e no estilo de vida, em um curto período. A construção preexistente não foi considerada um precedente a ser seguido ou preservado e foi ignorado até que, arquitetos e historiadores ocidentais (Bruno Taut, Frank Lloyd Wright, Josiah Conder, Bruno Taut entre outros) chamaram a atenção dos japoneses para o valor de sua própria arquitetura histórica.

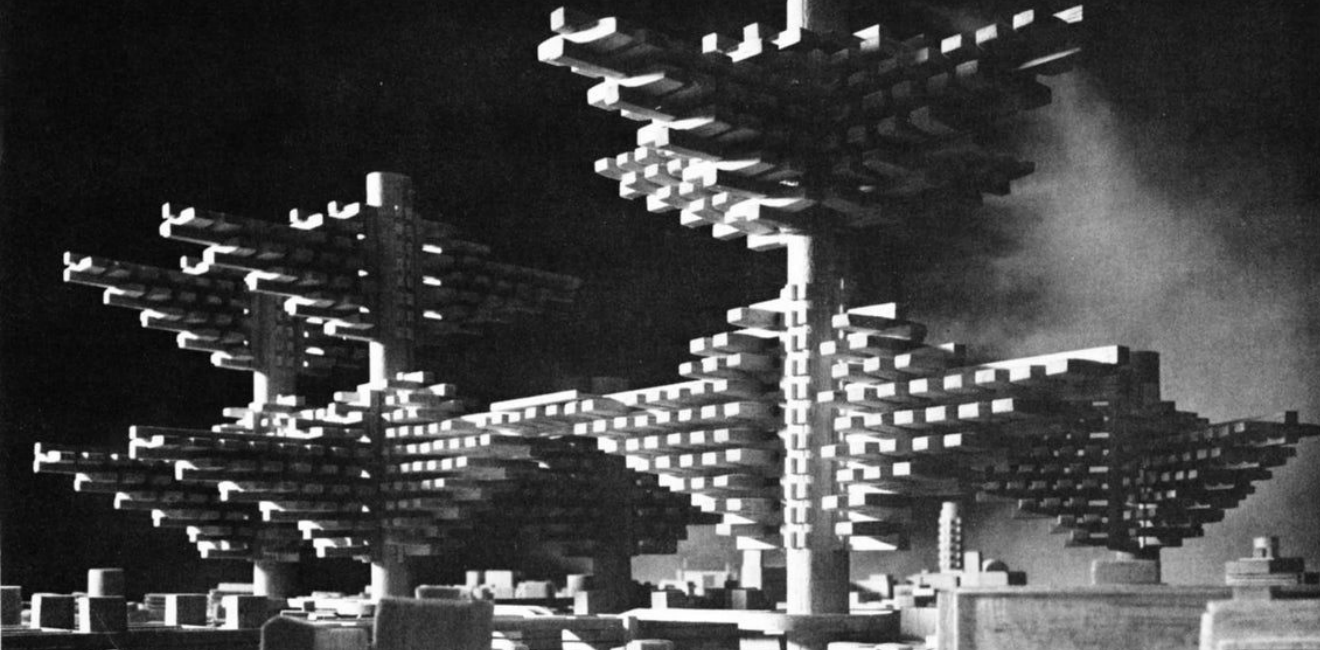
Com a expansão urbana na década de 60 e o movimento metabolista, o espírito de experimentação foi revivido com otimismo. Porém, desta vez, era possível observar sinais de um urbanismo inserido em um contexto não ocidental, considerando as noções de impermanência do budismo. Movimento liderado pelos arquitetos Kisho Kurokawa, Arata Isozaki, Kenzo Tange e Kiyonori Kikutake, idealizavam a cidade do futuro habitada por uma sociedade de massas, caracterizada pela grande escala, estruturas flexíveis e extensivas com um crescimento similar ao orgânico. Era uma visão ambiciosa, de um urbanismo acelerado e tecnologia avançada existindo em paralelo com a natureza intocada – uma utopia tecnológica. O modernismo japonês, até então, era meramente funcionalista e concebido como um oposto ao tradicionalismo. O objetivo dos metabolistas era criar um modernismo novo e experimental.

Com o *boom* econômico, muitas cidades do mundo testemunharam uma expansão urbana sem precedentes, gerando uma pressão sobre os arquitetos para encontrarem uma solução para o problema da superpopulação. Kenzo Tange, um dos idealizadores do movimento, ao atentar para a crise japonesa relativa à falta de territórios para a expansão das megalópoles japonesas, buscou na arquitetura das grandes infraestruturas, dos grandes recursos da engenharia e de um ideal de intervenção em mega escala, possíveis respostas projetuais. A pré-fabricação era considerada a solução pragmática para problemas de grande escala, e a elaboração de sistemas de ampliação utilizando adições sucessivas de componentes celulares geriu todo um imaginário de concepção projetual para uma grande parte dos arquitetos.

Os arquitetos participantes desse grupo promoveram a flexibilização da arquitetura e cidades mais dinâmicas, que pudessem se desenvolver e crescer pela eliminação de partes deterioradas e regeneração de novos componentes, de acordo com as necessidades sócio econômicas. Conectando estas teorias com a tradicional cultura japonesa de impermanência derivada dos conceitos budistas, os arquitetos metabolistas acreditavam que a arquitetura não deveria ser estática, mas capaz de se adaptar de forma metabólica. Portanto, ao invés de pensar e projetar formas fixas, desenvolveram estruturas compostas por partes móveis e elementos flexíveis.

A metodologia de planejamento urbano de Kiyonori Kikutake e Kisho Kurokawa admitia a rápida obsolescência e a necessidade de substituição de determinadas estruturas. Chamando de cidade *patchwork*, propunham adicionar novos blocos de forma aleatória, permitindo que a cidade cresça e se desenvolva de forma livre e orgânica. Nestes projetos a cidade se desenvolveria graças ao contínuo progresso dos sistemas de transporte, rejeitando o tradicional modelo concêntrico e enfatizando a importância dos modos de comunicação na cidade contemporânea.





[32] página anterior: Projeto (nunca realizado) do arquiteto Kenzo Tange para a Baía de Tóquio (1960), em um momento de aumento da expansão urbana devido a industrialização massiva.

[33] Projeto Cidade no Ar (nunca realizado) do arquiteto Arata Isozaki (1962).

O projeto metabolista mais expressivo e representativo é o *Nakagin Capsule Tower*, em Tóquio, projetado por Kisho Kurokawa. Pré-fabricada em uma fábrica de contêineres de transporte, o edifício é constituído por 140 cápsulas (medindo 2,5 x 4 x 2,5m cada, com os equipamentos básicos de uma habitação) plugadas a dois núcleos de 11 e 13 pavimentos de altura. As cápsulas são colocadas e ajustadas ao redor da torre principal, criando uma forma irregular, evoluindo de acordo com as necessidades dos habitantes. A *Nakagin Capsule Tower* levanta a discussão sobre a capacidade da produção em massa de expressar a diversidade individual. Além disso, se esforça para estabelecer um espaço individual, como uma crítica ao Japão que se modernizou sem definir qualquer definição sobre o indivíduo (KUROKAWA, 2015). O movimento metabolista foi importante para o desenvolvimento e a compreensão das habitações pré-fabricadas e de dimensões mínimas.

[34] Nakagin Capsule Tower (1972), do arquiteto Kisho Kurokawa.

[35] página seguinte: Vista interna de uma das cápsulas (área das cápsulas: 10m²)



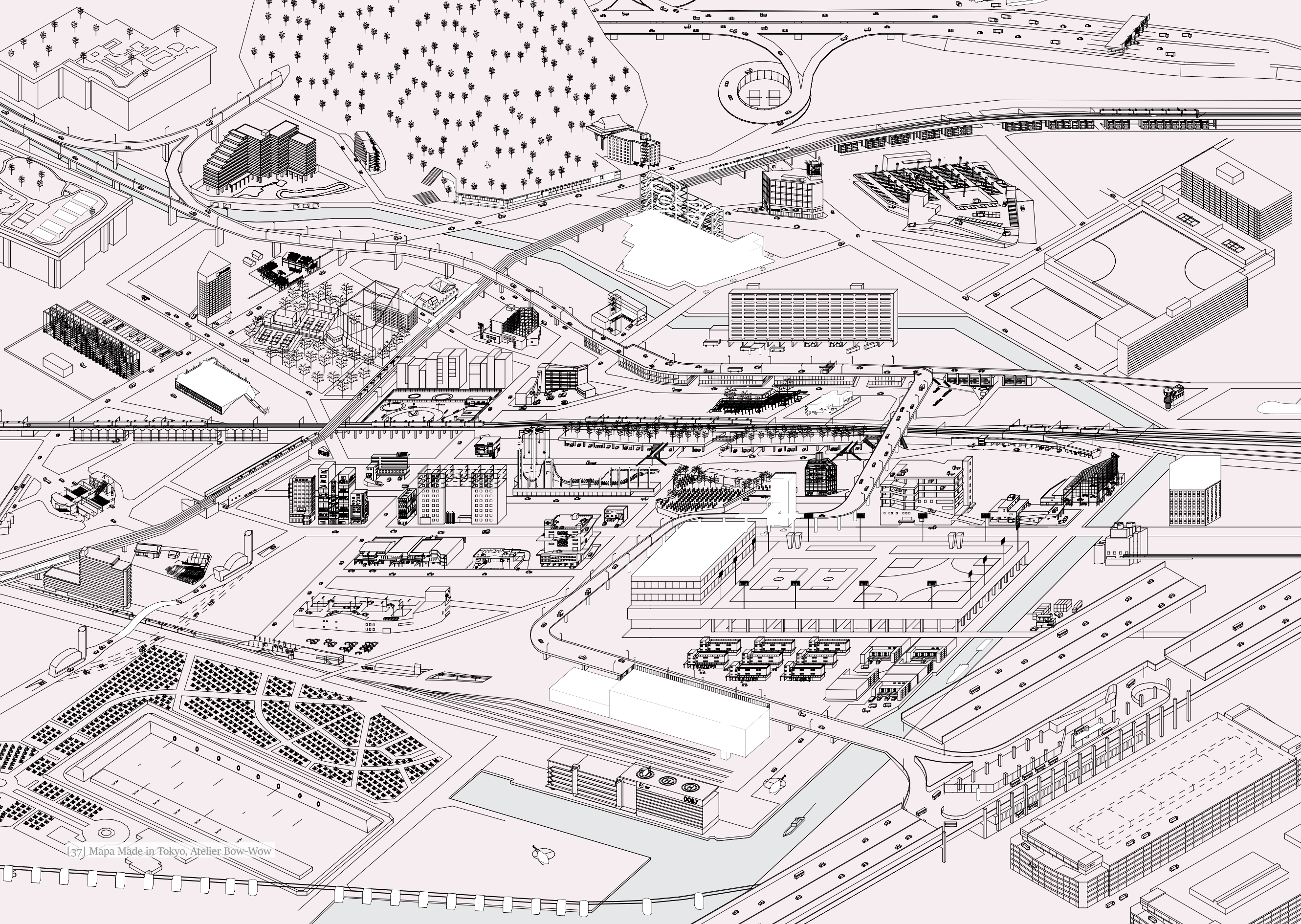




Porém, a cidade contemporânea de Tóquio é muito diferente da imaginada pelo movimento metabolista. Analisando a atual situação urbana, os arquitetos Yoshiharu Tsukamoto e Momoyo Kaijima do *Atelier Bow-Wow* desenvolveram a teoria *Void Metabolism* (metabolismo dos vazios). Em contrapartida, a teoria desenvolvida na década de 60 que propunha uma cidade com núcleos verticais permanentes com cápsulas cambiáveis, este baseia-se na regeneração de unidades habitacionais ao redor dos espaços vazios remanescentes entre si. Por ser determinada individualmente pela iniciativa privada se a casa será mantida ou substituída, e não por um acúmulo de capital central, esta forma urbana é considerada sustentável e democrática.

Os grãos em um segmento de mercado de regiões densamente ocupadas por casas de madeira em qualquer cenário urbano no Japão são mais ou menos idênticos. Embora os lotes sejam estreitamente segmentados, como resultado da regulamentação de exposição ao Sol, há uma taxa de uniformidade de exposição ao céu. Também há lacunas nestes espaços que não são grandes o suficiente para serem chamados de jardim, nos quais as pessoas preenchem com plantas. Se observamos as lacunas e os espaços livres produzidos pela regulamentação de 'uma estrutura por lote' e as legislações estipulando os recuos mínimos como uma única rede de espaço contínuo, esta região composta pelas habitações em madeira pode ser vista como um aglomerado poroso [...] Ao focar no espaço negativo (espaço residual ao considerar a estrutura arquitetônica como núcleo) e não no espaço positivo, é possível criar novos componentes espaciais que podem ser conectadas às habitações em análise. (KITAYAMA; TSUKAMOTO; NISHIZAWA, 2010, p.21-23, tradução nossa)²⁵

25. The grains in a Market segment of dense sections of wooden houses in any Japanese urban area are more or less identical. Though the lots are narrowly segmented, as a result of the building-coverage regulation, there is a uniform rate of sky exposure. There are also gaps in these spaces that are not large enough to call a garden in which people have planted greenery. If one views the gaps and open land that were produced by the one structure, one lot regulation and civic code stipulating setback walls as a single network of continuous space, this wooden housing area might be seen as a porous cluster containing garden plants. [...] By focusing on negative space (the space that remains when the architectural structure is viewed as a core) rather than the positive space of the actual entity in the Urban Void Program, it is possible to create new spatial components that can be linked to a dwelling under analysis.



MAR DE CASINHAS

Os principais componentes da cidade de Tóquio são as casas isoladas no lote e os prédios de apartamentos. O gabarito médio das construções é de 1,5 pavimentos. É uma cidade muito baixa, mas vasta e bem conectada pelo sistema de transporte público. (TSUKAMOTO, 2019)²⁶

As cidades japonesas são compostas majoritariamente por casinhas unifamiliares. Ao observar uma visão aérea de Tóquio, percebemos que sua paisagem urbana é extremamente heterogênea, com um amontoado de edifícios independentes, com vazios entre si, sem muita relação com a sua vizinhança. A inexistência de uma concentração de arquiteturas representantes de um estilo específico ou uma relação orgânica em sua forma urbana se deve, a fatores como abalos sísmicos, a guerra e o rápido crescimento econômico que destruíram as camadas mais antigas de Tóquio.

Porém, a residência unifamiliar não geminada nem sempre foi o habitat tradicional japonês. Até o período Edo (1603) a população em geral (exceto os samurais) vivia em *minkas*²⁷, como as *nokas*²⁸ ou *machiyas*²⁹. A gradual expansão da sociedade moderna iniciada com a Revolução Meiji, incentivou a classificação das propriedades de acordo com o seu uso público ou privado, levando a construção de novas tipologias, concentrando-se nas habitações unifamiliares isolados no lote, em detrimento dos *machiyas*, com suas paredes compartilhadas.

26. "The main ingredients of the city of Tokyo is detached houses and apartment building. The stories high is 1.5 so actually it's a very low city but vast and well-connected by public transport."

27. Traduzida como "casa do povo", são casas vernaculares populares (não aristocráticas) habitadas pelos agricultores, artesãos e comerciantes.

28. Casa de agricultores

29. Casas urbanas geminadas, ocupando lotes estreitos nas vielas das cidades. Possuíam uma loja ou serviço na frente, e a moradia aos fundos. Como foram construídas antes das legislações que determinam os recuos mínimos, entraram em declínio pela facilidade em propagar incêndios, principalmente após o grande terremoto de Kanto em 1923.

Durante a década de 20, devido a intensa migração urbana em busca de emprego nas fábricas e o grande terremoto de Kanto em 1923, Tóquio foi afligida por um grande déficit habitacional. Embora alguns conjuntos habitacionais de concreto armado tenham sido edificados neste processo de reconstrução, não popularizaram pela falta de amplos conhecimentos sobre as técnicas construtivas e industriais. O tecido urbano composto pelas casas individuais em estruturas tradicionais de madeira estava tão enraizado na sociedade japonesa, que a popularização de outros sistemas baseados em diferentes técnicas construtivas foi extremamente lenta. Para além, este modelo necessitava apenas de lotes tradicionais, em contraste com os conjuntos habitacionais, que exigiam arruamentos e infraestruturas urbanas.



[38] Machiyas, tipologia de casas geminadas em Kyoto.

Neste período, a partir de financiamentos de capital privado, zonas residenciais suburbanas foram desenvolvidas, dando início ao mito da casa própria, pensamento vigente ainda hoje na sociedade japonesa. O planejamento destes subúrbios presumiu que o local de trabalho e de morada deveriam ser separados, e não integrados; que casas deveriam ser compradas, não alugadas. Estas suposições definiram as condições básicas para o desenvolvimento habitacional das casas e das unidades familiares no Japão. Com o rápido crescimento econômico no pós-guerra, este pensamento foi agravado pela alta na inflação. Muitos acreditavam que a posse de terra era o único ativo confiável cujo valor nunca depreciaria, levando a uma corrida por até mesmo lotes de dimensões minúsculas para construir suas casas, principalmente pela classe média. O ideal da casa no subúrbio com garagem e jardim foi alimentado principalmente durante esta época e, ainda hoje, apesar da alta densidade populacional e da popularização dos condomínios de apartamentos, há uma enorme quantia de residências unifamiliares em Tóquio.

Durante o pós-guerra as regulamentações estabelecidas pelas ocupações norte americanas, a situação econômica nacional e a dificuldade em encontrar grandes lotes nas regiões urbanas dificultaram a reconstrução a partir de um planejamento em grande escala pela implementação de complexos habitacionais. Como tentativa para remediar a demanda habitacional, a *Housing Loan Corporation*³⁰ (1950) ofereceu empréstimos a juros baixos, promovendo a autoconstrução. Dessa forma, indiretamente, apoiou a aquisição privada de lotes e a construção individual de habitações. Como a proibição do governo de criar grandes programas habitacionais para suprir a demanda, as casas foram construídas pela técnica “*faça por si próprio*”, e em sua grande maioria, as construções improvisadas eram de residências isoladas no lote em madeira.

Para além, existe um sistema vigente entre a população japonesa, no qual a posse privada possui preferência sobre os interesses públicos: “*ownership comes first*”³¹. Como parte das ações de modernização no país para trazer o capitalismo, em

1873, a *Land Tax Reform*³² declarou a taxação da terra em cerca de 3%, tornando o lote uma mercadoria, assim como qualquer outra. Na falta de outras fontes confiáveis de renda na época, a posse de terra passa a ser um atrativo gerador de estabilidade e retorno. Devido a este sistema, o governo – embora tenha o direito – encontra dificuldade em realocar as habitações e juntar os pequenos pedaços de lote em prol de um desenvolvimento urbano em larga escala. A solução encontrada foram os desenvolvimentos público-privado, no qual os governos locais instigam e coordenam através de um sistema chamado *Land Readjustment* (Reajuste de terras). Considerado a “mãe do planejamento urbano” (*Toshi Keikaku no Haha*), é responsável por cerca de 1/3 do desenvolvimento das cidades.



[39] Subúrbio de Tóquio.

30. Pode ser traduzido como Corporação de crédito imobiliário

31. Posse privada em primeiro lugar

32. Reforma tributária sobre a terra

É um processo no qual proprietários de terras reúnem pedaços de terrenos dispersos e irregulares, desenvolvendo e revendendo-os como lotes regulares e ortogonais. Cada proprietário deve contribuir com cerca de 30% do lote inicial para providenciar estradas, parques e outros espaços públicos. É atrativo para os proprietários, pois possibilita um aumento substancial no valor da terra que pode ser alcançado, de modo que o valor das propriedades individuais pode ser acrescido, mesmo com a diminuição da área restante. É atrativo para as secretarias de planejamento pois, o projeto fornece terrenos para as instalações públicas, constrói infraestrutura urbana e, em grande parte, é autofinanciado. Porém, há uma brecha nesta regulamentação: locais com menos de 0,1 hectare (1000m^2) de tamanho não precisam adquirir permissões para o planejamento. Os governos locais não têm controle sobre a subdivisão e venda de lotes pequenos, permitindo a cidade se expandir desordenadamente, sem serviços básicos de infraestrutura. (SORENSEN, 1999)

A desordem visual da paisagem urbana contemporânea é reflexo da capacidade do Japão em absorver constantes reorganizações em pequena escala e a incapacidade em realizar reestruturações em larga escala.

LEGISLAÇÕES

A legislação urbana no Japão é uma das mais rígidas e restritivas. Devido aos constantes terremotos e incêndios que facilmente se espalhavam nas construções em madeira, existe uma regulamentação definindo que apenas uma estrutura deve ocupar um lote, através de recuos mínimos em todas as faces. Além disso, existem restrições na taxa de ocupação (*kenperitsu*) e coeficiente de aproveitamento (*yousekiritsu*) de acordo com os distritos e zonas em que são classificados (ver tabela em anexo 3.7 Restrições Volumétricas).

Kenperitsu: Regula a porcentagem máxima do lote em que pode ser construído. Variando de acordo com o zoneamento, limita a densidade urbana com o objetivo de prevenir a propagação de incêndios (muito comuns devido aos terremotos e a materialidade das construções, em sua maioria, de madeira) e garantir a entrada de luz e ventilação.

Yousekiritsu: Define a porcentagem máxima de área construída, de acordo com o zoneamento e o distrito em que se encontra. Há uma segunda restrição, relativa a largura da via. Em zonas residenciais, por exemplo, a taxa de 40% é multiplicada a largura da via ($4\text{m} \times 40\% = 160\%$ de coeficiente de aproveitamento). A menor porcentagem entre as duas possibilidades de *yousekiritsu* é aplicada.

Taxa de Ocupação (TO)
Kenperitsu

$\frac{\text{área de projeção (50)}}{\text{área do lote (100)}} = 50\%$

Coefficiente de aproveitamento (CA)
Yousekiritsu

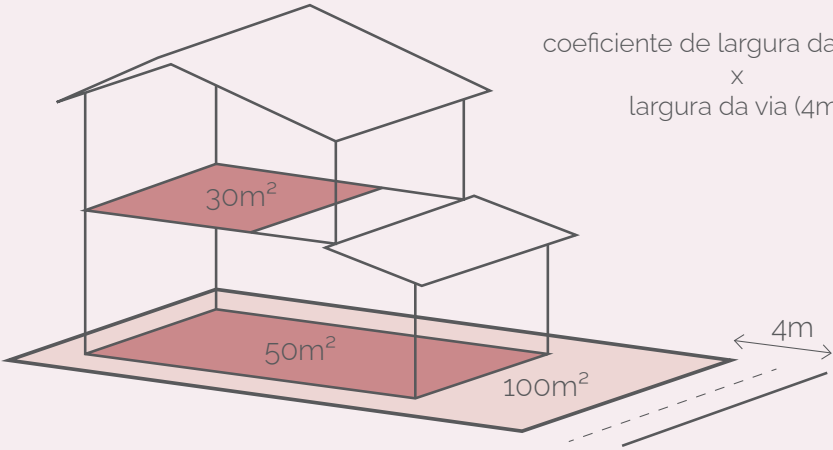
$\frac{\text{área total da edificação (50+30)}}{\text{área do lote (100)}} = 80\%$

ou

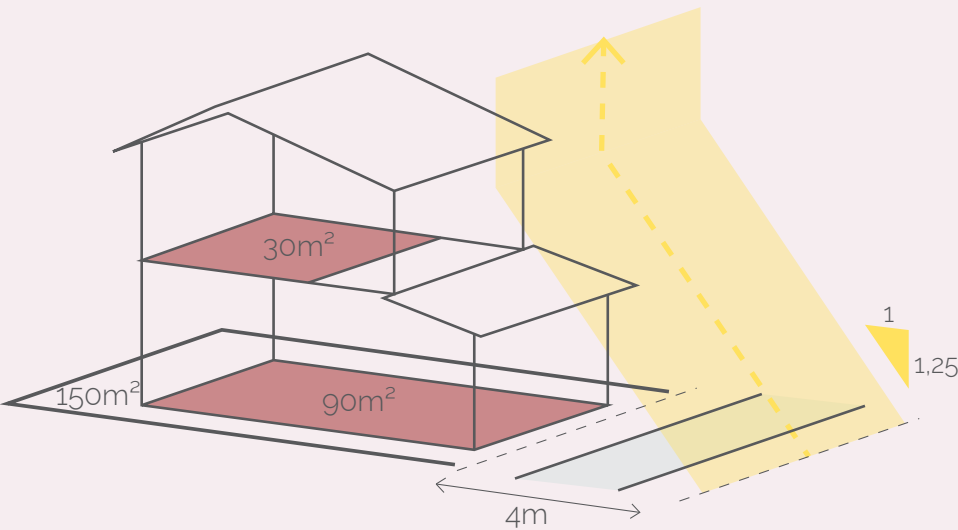
$\text{coeficiente de largura da via (0,4)} \times \text{largura da via (4m)}$

o menor valor

$= 160\%$



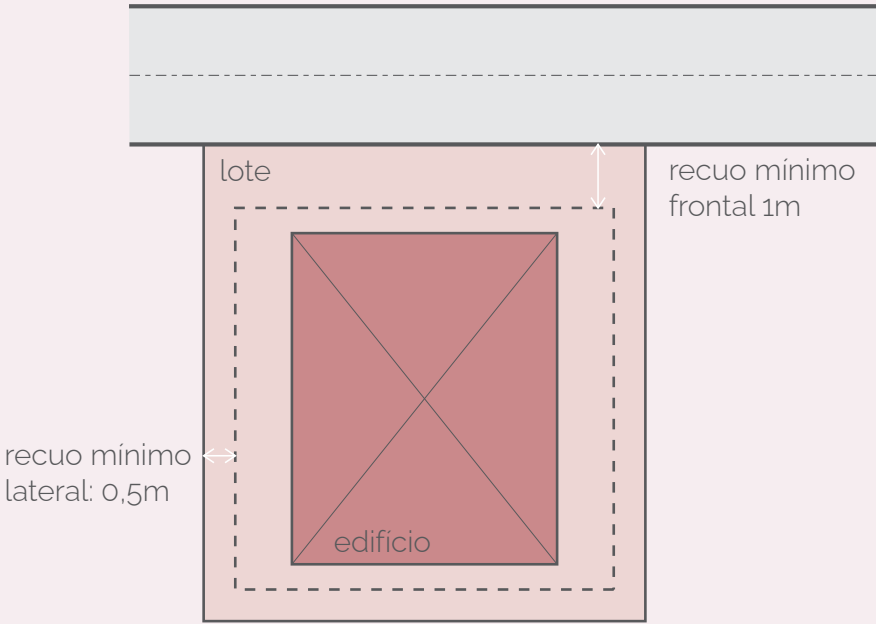
[40] Desenho esquemático do cálculo para Taxa de Ocupação e Coeficiente de Aproveitamento



[41] Desenho esquemático do plano de inclinação do recuo mínimo frontal

Existem também uma série de controles de volumetria dos edifícios chamados de *shasen seigen* (regulação de planos diagonais), que são responsáveis por definir o desenho dos edifícios. As construções com volumetrias estranhas são resultantes destas legislações, num desejo de maximizar a área útil dos pavimentos, visando maximizar a insolação e a ventilação.

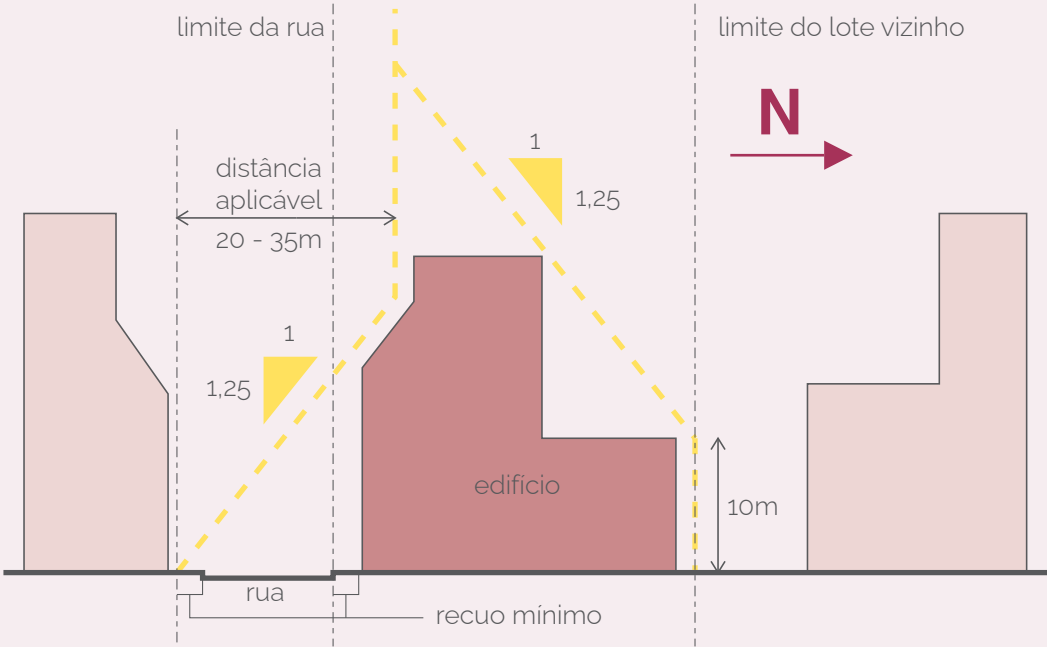
Douro shasen e Rinchi shasen: Definem o recuo mínimo frontal e nas faces adjacentes, respectivamente. Em geral, define-se como 1m para o frontal e 0,5m para os laterais e posterior (KITAYAMA; TSUKAMOTO; NISHIZAWA, 2010, p.21), resultando em um vão constante de 1m entre as edificações.



[42] Desenho esquemático dos recuos mínimos obrigatórios frontal e adjacentes.

Kitagawa shasen: Talvez o mais distinto, define um plano diagonal de recorte na volumetria, apenas na face norte, com o objetivo de garantir acesso ao Sol para as vizinhanças.

Zettai takasa no seigen: Define o gabarito máximo permitido para o edifício. É definido a partir da volumetria resultante pelos outros dois planos (recoo frontal, adjacente e face norte) e varia de acordo com o zoneamento.



[43] Desenho esquemático do gabarito máximo permitido. Quanto maior o recuo do edifício em relação a rua, ou quanto maior a largura da via (distância aplicável), mais alto é permitido o edifício subir. O recuo mínimo frontal é de 1,25/1 e o plano de inclinação é iniciado na borda oposta da rua adjacente. O recuo face norte possui dois parâmetros: a altura (10m) e o plano de 1,25/1 iniciado na altura de 10m.

Devido a estas rígidas regulamentações, as habitações tendem a avançar cada vez mais até os limites possíveis do lote, fechando para si pela falta de respiro entre as construções e resultando em espaços vazios subutilizados. Com isso a casa foi se convertendo em um espaço cada vez mais hostil para as pessoas de fora, como um espaço de proteção e isolamento apenas para os familiares. A casa virou meramente uma resposta aos vazios.

Tabela 3-7 Restrições volumétricas

Itens sujeitos a restrição		Distritos por uso										Áreas sem designação de uso como distritos
		Restrições estabelecidas no plano da cidade (%)	Restrição baseada na largura da avenida frontal (apenas com menos de 12m)	Restrições de aprovação	Restrições de aprovação	Restrições de aprovação	Restrições de aprovação	Restrições de aprovação	Restrições de aprovação	Restrições de aprovação	Restrições de aprovação	
Coeficiente de Aproveitamento	Restrições estabelecidas no plano da cidade (%)	※ 50, 60 80, 100 150, 200	※ 100, 150 200, 300 400, 500	※ 50, 60 80	※ 60 80	80	※ 50 60 80	※ 50 60 80	※ 30 40 50 60	30,40,50,60,70	50 80 100 200 300 400 ⑨	
	Restrição baseada na largura da avenida frontal (apenas com menos de 12m)	Largura da avenida frontal × 0.4 Se houver uma designação da linha da superfície da parede ou a restrição da localização das paredes: largura + recuo × 0.4 e largura × 0.6	Distritos em que uma agência administrativa específica designa após discussão com conselho de planejamento urbano largura x 0.6	Largura da avenida frontal × 0.6 (Distritos em que uma agência administrativa específica designa após discussão com conselho de planejamento urbano largura x 0.4 ou 0.8)								
Taxa de Ocupação (%)		※ 30,40 50,60	※ 50, 60 80	※ 60 80	80	※ 50 60 80	※ 50 60 80	※ 30 40 50 60	30,40,50,60,70	50 80 100 200 300 400 ⑨		
Restrições de recuo	Recoo mínimo frontal (inclinação) ②	$\frac{1.25}{1}$	Largura av. frontal < 12 m $\frac{1.25}{1}$ Largura av. frontal ≥ 12m ④ ⑥	$\frac{1.5}{1}$				$\frac{1.25}{1}$ $\frac{1.5}{1}$ ⑨				
	Distância aplicável ③	20 m, 25 m, 30 m, 35 m	20 m, 25 m, 30 m, 35 m, 40 m, 45 m, 50 m				20 m, 25 m, 30 m, 35 m		20 m, 25 m, 30 m			
	Recoo mínimo faces adjacentes (altura + inclinação) ②	—	20 m + $\frac{1.25}{1}$				31 m + $\frac{2.5}{1}$ ⑧		20 m + $\frac{1.25}{1}$ 31 m + $\frac{2.5}{1}$ ⑨			
	Recoo face norte (altura + inclinação)	5 m + $\frac{1.25}{1}$	10 m + $\frac{1.25}{1}$ ⑤	—				—				
Restrições de altura		※ 10 m or 12 m	—									
Recoo mínimo das fachadas externas dos limites do lote		※ 1 m or 1.5 m	—									

※Restrições com asterisco indicam aquelas estabelecidas no planejamento da cidade.

① As restrições no local adjacente à estrada frontal (6 m de largura ou mais) dentro de 70 m de uma estrada específica (15 m de largura ou mais) podem ser moderadas dentro de uma certa gama de requisitos.

② As restrições da linha de recuo da estrada frontal e as restrições da linha de recuo da propriedade adjacente podem ser moderadas ao serem afastadas da linha da estrada e da linha do lote adjacente, respectivamente.

③ Refere-se à distância da borda do lado oposto da estrada frontal, que deve ser definida pelo distrito de uso e pela FAR.

④ A faixa de largura x 1,25 a partir da linha frontal da estrada no outro lado, largura x 1,25; outros, largura x 1,5

⑤ As restrições não se aplicam a partes de áreas de restrição de sombra.

⑥ Distritos que serão designados por uma agência administrativa específica após discussões pelo conselho de planejamento da cidade: 1.5 / 1

Quanto aos bairros exclusivamente residenciais de categoria 1 e 2 de médio-alto gabarito, isso se aplica apenas a bairros com 400% ou mais de FAR.

⑦ Distritos que serão designados por uma agência administrativa específica após discussões pelo conselho de planejamento da cidade: 31m+2.5 / 1

Quanto aos exclusivamente bairros residenciais de categoria 1 e 2 de médio-alto gabarito, isso se aplica apenas a bairros com 400% ou mais de FAR.

⑧ Exceto distritos que devem ser designados por uma agência administrativa específica após discussões pelo conselho de planejamento da cidade.

⑨ A ser designado por órgão administrativo específico após discussão pelo conselho de urbanismo.

[44] Tabela de restrições volumétricas retirada do Escritório de Desenvolvimento Urbano do Governo Metropolitano de Tóquio (Bureau of Urban Development Tokyo Metropolitan Government), com as restrições de acordo com a classificação por distritos.

COMO SÃO AS HABITAÇÕES HOJE?



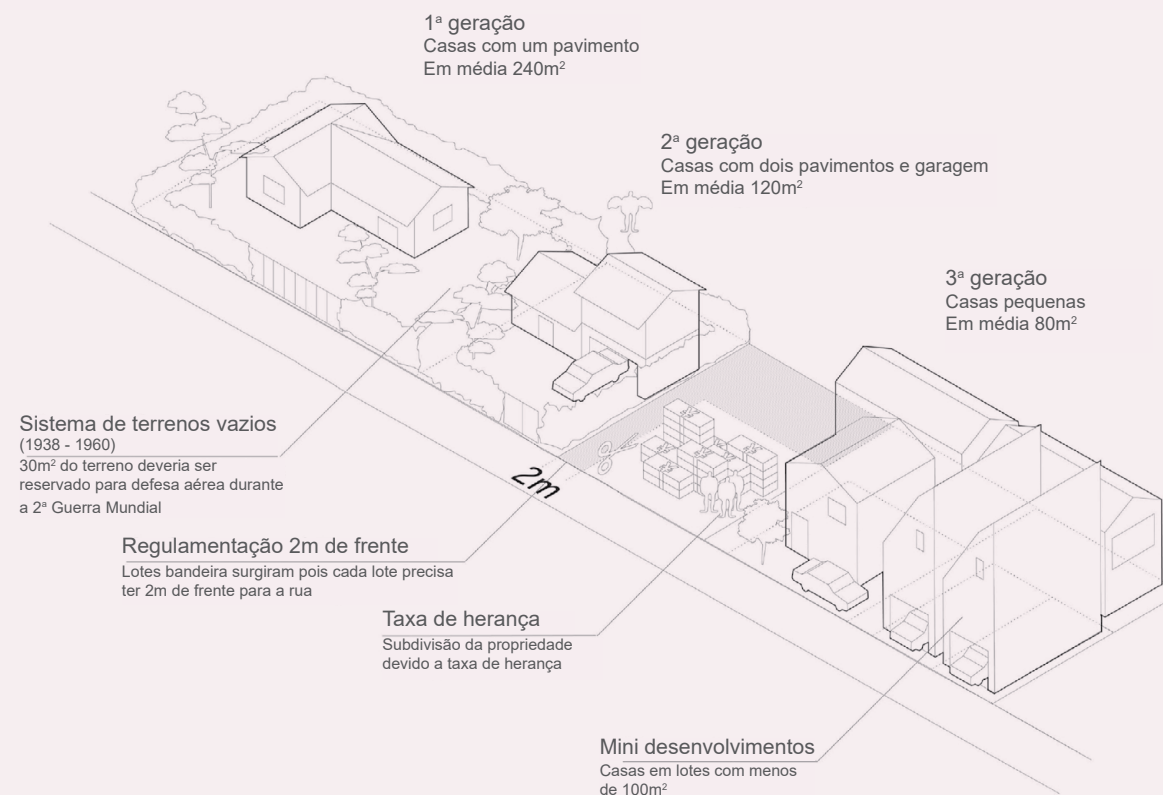
Ocupando lotes pequenos, fechados para si e sem relação com o entorno, as habitações atualmente são reflexo da formação urbana, dos rápidos ciclos de reconstrução e dos vazios resultantes das rigorosas legislações. A partir do processo de modernização do modo de morar trazido pelos norte-americanos principalmente no período pós-guerra com os modelos nLDK, as habitações começaram a se tornar cada vez mais introspectivas, voltadas apenas para o núcleo familiar.

Hoje em dia, as pessoas têm uma vida cada vez mais fechada em suas casas, voltadas apenas para o interior, e não querem janelas, não querem sair e ninguém anda na rua. Eu não acho que isso seja positivo. Acho que podemos encorajar um estilo de vida mais aberto, usando jardins, assim como edifícios. ("SANAA 2004-2008", 2008, p.20, tradução nossa)³³

Importado pelos Estados Unidos, os desenvolvimentos suburbanos financiados pelo capital privado começaram a ser construídos na década de 20. Durante o período de ascensão econômica, este ideal popularizou-se no imaginário japonês, alimentando cada vez mais o desejo de morar em uma casa com quintal no subúrbio. Contudo, após a queda da economia, este conceito foi enfraquecendo, principalmente pela dificuldade e o tempo de locomoção entre o trabalho e a moradia. Somado ao fato de que os lotes nos centros urbanos se tornaram mais acessíveis com o colapso da bolha, as pessoas começaram a adquirir lotes de dimensões reduzidas para construir suas casas nas cidades.

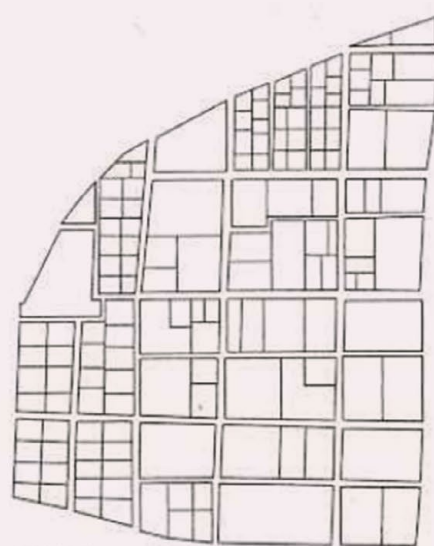
33. Nowadays, people have an increasingly enclosed life in their houses, only facing the interior, and they don't want to have windows, they don't want to go outside, and nobody goes walking along the street. I don't think that is positive. I think we can encourage a more open lifestyle by using gardens as well as buildings.

Existe um padrão cada vez mais observados nos subúrbios de Tóquio, de intensa subdivisão dos lotes consequente da onda de urbanização, chamada de *Subdivurban* pelo arquiteto Yoshiharu Tsukamoto, no livro *Tokyo Metabolizing* (2010). Devido principalmente às altas taxas de herança, os lotes têm sido subdivididos após herdados por sucessivas gerações, utilizando-as para pequenos desenvolvimentos e transformando-as em lotes estreitos e irregulares, com cada vez menos espaços verdes remanescentes. O lote bandeira, por exemplo, muito comum hoje nos subúrbios, é resultado da definição de que a frente do lote (de acesso para a rua) deve ter no mínimo dois metros e uma tentativa de aproveitar ao máximo o centro dos lotes. Com a queda nas taxas de natalidade, manter o lote intacto tornou-se cada vez mais inviável. Na década de 80, com o *boom* econômico e consequente aumento nos preços da terra, as taxas de herança cresceram proporcionalmente, obrigando cada vez mais as pessoas a subdividirem seus lotes. Essa tendência, observada a partir da década de 40, mostram que os lotes vendidos diminuíram de seus tamanhos iniciais de 240m² para até 80m² nos dias atuais.

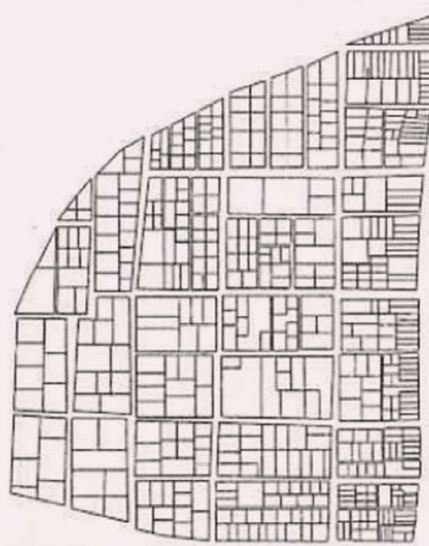


[46] imagem acima: Diferentes métodos de subdivisão dos lotes. Destaque para o lote em forma de bandeira, devido a estipulação de frente mínima do lote de 2m (retirado do livro *Tokyo Metabolizing* e traduzido).

[47] imagem abaixo: Processo de subdivisão dos lotes no bairro de Okusawa ao longo das sucessivas gerações, mostrando o adensamento urbano que ocorre horizontalmente no Japão (retirado do livro *Tokyo Metabolizing*).



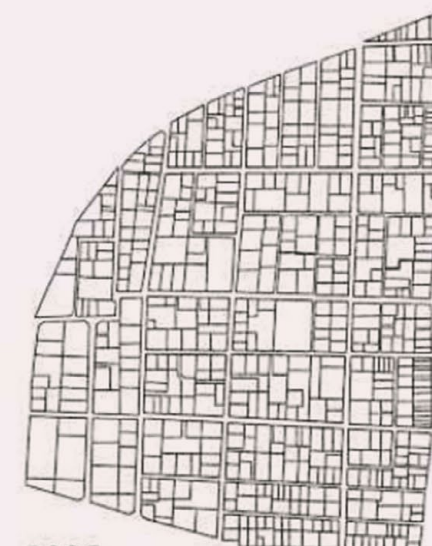
1940



1962



1985



2005

Segundo Tsukamoto, ao considerar que a produção habitacional suburbana começou no país na década de 20, e que a vida útil de uma casa unifamiliar é de cerca de 25 anos, temos atualmente residências correspondentes a três gerações. A primeira, com generosos terrenos de 240m², eram cercados por cercas vivas e extensos jardins. Na segunda geração, com a popularização do automóvel, os terrenos de 120m² possuíam um espaço reservado para a garagem e ainda restava um pouco de verde em seus lotes. Já na terceira geração, com lotes muito menores de até 80m², os jardins desapareceram e 2/3 de seu terreno é ocupado pelo carro. Nas cidades, ainda hoje se apresentam e continuam sendo construídas casas das primeiras gerações. Porém, considerando esta genealogia, as habitações que estão sendo construídas agora são de uma 4ª geração, com dimensões ainda menores.

Desde a década de 70, com a introdução do ar condicionado, as janelas e cortinas são constantemente mantidas fechadas. Além disso, com a subdivisão intensa dos lotes, as moradias se encontram cada vez mais próximas. No desejo de preservar a privacidade dos membros familiares, as casas se tornaram cada vez mais introspectivas. Um dos principais requisitos apontados

pelos clientes em relação as suas habitações é a proteção de sua esfera privada do mundo externo. Porém, o mesmo não se aplica entre os membros familiares, de forma que as noções ocidentais de privacidade ainda hoje não são muito claras. Os cômodos são frequentemente subdivididos apenas por telas móveis, cortinas ou elementos deslizantes, sendo comum a experiência de casas com espaços fluidos. As crianças costumam dormir no mesmo cômodo que seus pais até atingirem a idade do ensino fundamental e, a partir disso, geralmente ficam em um cômodo precariamente separado visual e acusticamente das outras áreas de estar. Pessoas de fora raramente são convidados, sendo, portanto, a casa destinada principalmente para atender às necessidades familiares, raramente servindo como um símbolo de status. (HILDNER, 2011)



[48-49] Paisagem urbana simulando a combinação de múltiplas gerações de residências. Os lotes vão diminuindo de tamanho, as casas se fecham cada vez mais e o espaço de jardim é tomado pela garagem. Ao lado, fotografias exemplificando as diferentes gerações.



Embora hoje tenham popularizado os complexos de apartamentos, ainda há uma preferência entre os japoneses por morar em residências unifamiliares isoladas no lote. Entre elas, 50% são construídas por construtoras, 45% por empreiteiros especializados em carpintaria e, apenas 5%, é construído por escritórios de arquitetura (BENOÎT, 2015). Principalmente entre a classe média, a opção mais difundida desde o pós-guerra são as casas pré-fabricadas pela praticidade e segurança, principalmente pelos abalos sísmicos. O Japão é um país em que as casas pré-fabricadas obtiveram sucesso, tanto por um viés administrativo, como industrial. As grandes construtoras como a *Daiwa House* continuam dominando o mercado imobiliário ao apresentar anualmente novos modelos de habitação, alimentando o desejo dos moradores em atualizá-las. Entretanto, aqueles que desejam ter uma casa de design diferenciado, que possuem um lote com formas mais difíceis de se ocupar com casas pré-fabricadas, ou que os padrões de vida e familiares não são correspondidos pelas outras opções optam por contratar um arquiteto para desenhar suas residências.

“Tokyo tem o potencial de criar mudanças através da silenciosa acumulação de elementos urbanos na vida cotidiana.” Koh Kitayama, Tokyo Metabolizing, 2010.



CULTURA E SOCIEDADE

A TRANSIÇÃO PARA O HABITAR “MODERNO”

O espaço de habitar carrega em si suposições sobre as conformações familiares e o estilo de vida. Ela define e reflete os ideais da sociedade da época.

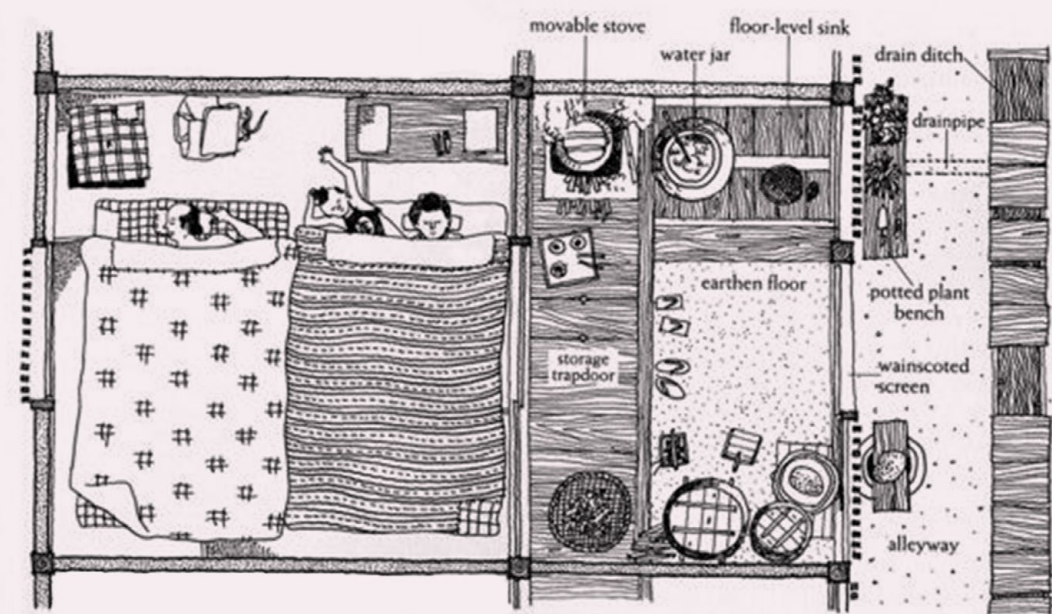
A habitação arquetípica japonesa atual – com quartos individuais, banheiro, cozinha e sala de estar – é uma construção histórica e foi definida principalmente a partir do pós-guerra com as ocupações norte americanas e as reformas democráticas. Este processo teve início na Restauração Meiji, que ocorreu devido à pressão dos países europeus e dos Estados Unidos pela abertura econômica e cultural do Japão, após mais de 200 anos de *sakoku* (política externa isolacionista japonesa durante o Xogunato).

Este novo período, caracterizado pela rejeição do sistema e da cultura do período Edo, pela promoção do desenvolvimento do capitalismo e da modernização, buscava uma ocidentalização dos costumes e ideias. O governo introduziu indústrias modernas no país, pressionando a industrialização para atingir igualdade aos países avançados do Ocidente, dando espaço para o surgimento da classe média trabalhadora. Em 1873, o sistema de taxação de terras é revisado, permitindo a posse privada e revogando a restrição de compra e venda. O que antes funcionava em um sistema feudalista, passa a se tornar mercadoria.

De caráter nacionalista, este novo governo começou a realizar uma série de transformações no pensamento japonês. Para tal, o desenho dos edifícios, e pela primeira vez, das habitações recebeu grande foco. Visando controlar a população economicamente e unificar o país (militarmente, para se equivar aos Estados Unidos e a Europa) fazia-se necessária a reprodução e atribuição de comportamentos para estimular o nacionalismo dos soldados e das famílias. A construção e a implantação destas crenças de identidade, gênero e nação

tornaram-se prioritárias para muitos especialistas, incluindo os recém-formados arquitetos, que tinham as habitações como centro deste projeto político.

Antes da Restauração, a noção de privacidade não existia nas habitações. Os cômodos não possuíam distinção programática e todos os moradores dormiam em um único ambiente “como sardinhas enlatadas”. Ambientes voltados para a recepção e entretenimento de pessoas de fora possuíam maior atenção do que aqueles de uso cotidiano. A área para a família era extremamente limitada, em torno de 10m², e neste espaço se comia e dormia. O costume de dormirem todos os membros da família em um mesmo espaço não era exclusividade das famílias mais pobres, as mais abastadas compartilhavam deste costume.



[52] Ilustração de casa na era Edo, quando todos os membros da casa realizavam todas as atividades no mesmo cômodo. Os membros da casa dormiam todos juntos. A cozinha era separada com seu piso de terra (*doma*) e o banheiro era fora da casa.

Com o processo de modernização, as residências foram gradualmente sendo ocidentalizadas, através da separação de cômodos e o uso de mobílias como mesa e cadeira. As atividades cotidianas como cozinhar e comer, antes realizadas no nível do chão, passam a ser em pé ou em mesas. Porém, no começo da Era Meiji, estas mudanças nas casas ainda eram reservadas para a elite. Entre 1912 e 1926, na Era Taisho, com o surgimento dos movimentos dos trabalhadores, inicia-se um processo de democratização, em que se clamava pelo desenvolvimento das habitações e melhorias na vida cotidiana. Com isso, no final da década de 20, muitos arquitetos começam a se interessar por projetar casas no Japão, buscando referências no modernismo vigente na Europa ocidental.



[53] Vila Katsura, palácio imperial em Kyoto (séc 16). Considerada a obra prima da arquitetura tradicional japonesa, com espaços contínuos que podem ser ocupados livremente, de acordo com a atividade a ser realizada.

A CONSOLIDAÇÃO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL

O processo de ocidentalização da domesticidade foi intensificado com o fim da Segunda Guerra Mundial, a ocupação norte americana no país e as reformas democráticas. Foi propagado como ideal para moradia a existência de quartos separados para os pais e os filhos, com as divisões entre os dormitórios de alvenaria e entradas independentes por meio de corredores, visando garantir maior privacidade entre os moradores. Outro ponto importante foi separar o local de comer do de dormir, segundo Waswo (2002, p.69), o que garantia mais dignidade ao trabalho doméstico e a emancipação feminina.

Este modelo era tão distinto das habitações anteriores que não possuíam separação programática, que precisou ser nomeada de acordo com os seus cômodos. O modelo habitacional nLDK propagado pela *Housing Corporation* nos *danchis* popularizou principalmente entre os *salaryman*³⁴ e, através da separação de ambientes por programa, estimulou a economia capitalista, ao procurar novas necessidades e inserir novos itens de consumo. Com uma indústria baseada no planejamento e fornecimento de habitações em massa, a padronização do imaginário familiar era inevitável. Quando habitações são construídas baseadas em padronizações, estas são impostas no ambiente, de forma que a sociedade não seja mais capaz de imaginar diferentes modos de vida, como as de gerações passadas (TSUKAMOTO, 2017). Este contínuo processo solidificou como regras incontestáveis a noção de uma casa por família, ou da separação do local de trabalho e de moradia.

34. Termo utilizado para os trabalhadores de baixo escalão em empresas no Japão. Logo após a Segunda Guerra Mundial, tornar-se um salaryman era visto como uma porta de entrada para um estilo de vida estável de classe média. No uso moderno, o termo carrega conotações a profissionais que executam longas horas de trabalho, ao baixo prestígio na hierarquia corporativa e ausência de significativas fontes de rendimento para além do salário.



[54] imagem acima: Fotografia atual de uma cozinha de um apartamento nLDK.

[55] imagem abaixo: Pessoas fazendo compras no bairro de Ginza, em Tóquio, durante uma crise econômica, em 23 de dezembro de 1975.



O Japão pós-guerra nas décadas de 50 e 60 presenciou um rápido crescimento econômico, urbanização em massa, expansão da cultura consumista, aumento das contaminações ambientais, declínio da qualidade de saúde e alianças governamentais capitalistas para acabar com as demandas dos operários. Isto levou a uma violenta manifestação, ameaçando desestabilizar o próspero crescimento econômico do país. Como medidas para tentar remediar a situação, o governo adotou novos incentivos fiscais para permitir a entrada de grande parte da população no mercado imobiliário residencial, duras regulamentações para manter a saúde individual e ecológica, e programas de bem-estar social.

No final da década de 60 começaram a aparecer residências pré-fabricadas por grandes companhias para suprir as demandas dos primeiros *baby-boomers*, nascidos imediatamente após a guerra, que atingindo a idade trabalhadora, necessitavam de um grande contingente de habitações. Sua produção era realizada principalmente por grandes construtoras como *Daiwa House*, *Misawa House* e *Sekisui House*. Nesta época, as casas por encomenda de catálogo estavam em seu ápice, fornecendo variadas opções de modelos habitacionais para o consumidor adquirir, variando sua metragem quadrada, número de quartos, banheiros, ou acréscimos *à la carte*, como um solário ou uma biblioteca. Com arranjos programáticos, detalhes e materiais semelhantes em cada modelo, a casa suburbana padrão transcendeu a necessidade de um arquiteto, mercantilizando assim a arquitetura residencial.

Em 1974, o déficit habitacional do pós-guerra havia sido suprido, porém, com a construção civil como pilar central da indústria, viu-se necessária a manipulação desta demanda, inventando novas necessidades. O Japão é um dos poucos países que obteve sucesso com as casas pré-fabricadas, montadas in loco, tanto do ponto de vista industrial, como administrativo. Embora muitos arquitetos e clientes tentassem resistir a esta tendência, o que os clientes buscavam no fim, era algo de fácil compreensão, prático e confortável.



REPENSANDO A SOCIEDADE

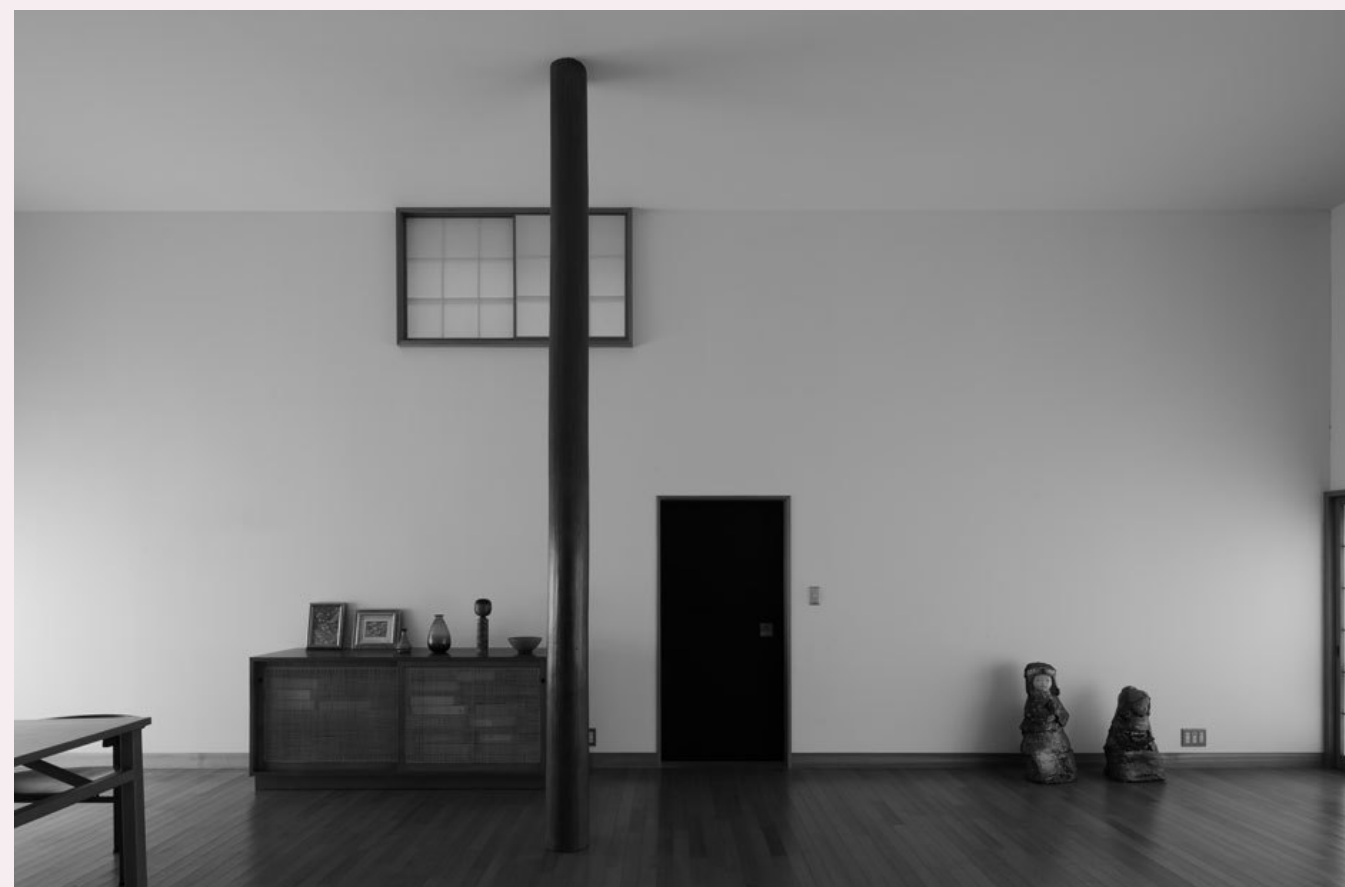
Ainda na década de 60, alguns arquitetos como Kazuo Shinohara começaram a olhar de forma crítica para as casas nLDK e a tendência das habitações de dimensões mínimas. Em sua dissertação *‘The House is a Work of Art’*³⁵ propôs um desenho para a casa, oposta ao que estava em voga no momento, comandado pelas grandes construtoras e baseadas na industrialização massiva. Em seu texto, diz “Eu participo da formação de uma cultura que se relaciona diretamente com o ser humano”. Em sua tese, com a noção de contraste como tema principal, desenvolveu seu estilo baseado na combinação dos espaços da casa rural *minka* e a casa aristocrática representada pelo *shinden-zukuri*. Shinohara se distanciou do *boom* das casas mínimas da década de 50 e do tecnicismo da década de 60, representado principalmente pelo movimento Metabolista, declarando que “quanto maior a casa, melhor”.

Em sua tese, ‘Teoria da Tradição Japonesa (1960), Shinohara questiona: Se o ‘espaço fechado’ é o espaço dentro da casa ocidental de alvenaria e o ‘espaço aberto’ representado pelo shinden-zukuri é a continuidade horizontal entre o interior e o exterior, como devemos definir o doma das minkas rurais, rodeados por paredes de barro, com um forte senso de verticalidade e uma estrutura de cobertura exposta? Shinohara sugeriu que, na verdade, o doma não é o típico ‘espaço fechado’ dos edifícios de alvenaria, e que pode ser considerado um ‘espaço não-aberto’, em contraste com o ‘espaço aberto’ associado ao shinden-zukuri. Shinohara encontrou o traço característico do espaço tradicional japonês na combinação desses dois espaços: em sua tese, se refere ao ‘meu estilo’ como uma hibridização dos dois. (TSUKAMOTO, 2017b)³⁶



[57] *Doma*, espaço de chão de terra, intermediário entre o ambiente interno e externo da casa. Era utilizado para atividades ‘sujas’ como cozinha, artesanato e depósito.

[58] *House in White* (1966), Kazuo Shinohara.



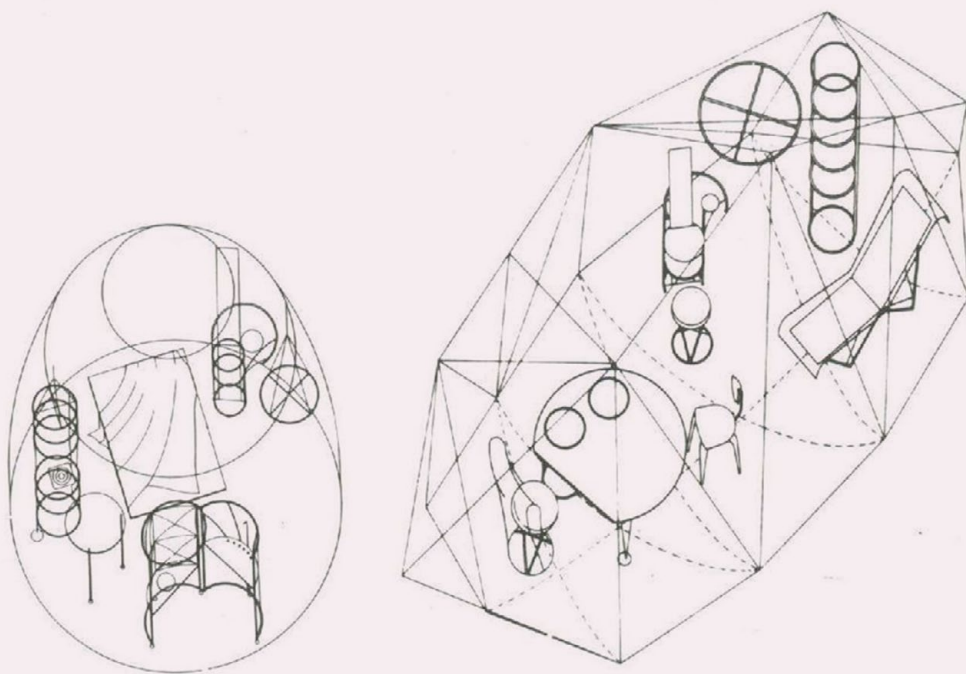
35. Texto publicado na Shinkenchiku Magazine, nº 6205, 1961

36. In his thesis, *Theory of Japanese Tradition* (1960), Shinohara asked a question: If the ‘closed space’ is the space within Western masonry enclosure, and the ‘open space’ represented by *shinden-zukuri* is the horizontal continuity between interior and exterior, how should we define the *doma* of rural *minka*, surrounded by mud walls with a strong sense of verticality and an exposed roof structure? Shinohara suggested that in fact, the *doma* is not the typical ‘closed space’ of masonry buildings, and that it can be regarded as a ‘non-open space’, as contrasted to the ‘open space’ associated with the *shinden-zukuri*. Shinohara found the characteristic feature of the Japanese traditional space in the combination of these two spaces: in his thesis, he refers to ‘my style’ as an hybridization of the two.



No início da década de 80, alguns arquitetos começam a perceber uma mudança da sociedade japonesa e a incompatibilidade das casas nLDK com esta nova realidade. A sociedade baseada em uma rápida economia, preços exorbitantes da terra e o capitalismo onipresente, teve como desenvolvimento mais significativo responsável por moldar a lógica da paisagem urbana, a mudança da tecnologia industrial, agora executado em uma “lógica difusa” com o avanço dos programas de computador. Desde o final dos anos 1970, a arquitetura tem sido cada vez mais influenciada pelas tecnologias de informação e mídia. Este modelo, construído baseado em uma noção de produtividade para uma família nuclear em uma sociedade industrial, perdia sentido nesta nova sociedade contemporânea.

A obra *PAO for the Tokyo Nomad Girl* (1985) de Ito e Sejima, ao criticar o cotidiano de Tóquio altamente adensado e tecnológico da década de 80, propõe uma unidade habitacional não mais baseada em uma unidade familiar, mas em uma mulher trabalhadora nômade, que passa a receber destaque frente ao cenário machista japonês. Uma habitação como um espaço móvel, constituído apenas por uma cama para dormir, espaço para as roupas e para exibir as escolhas de consumo, retratando o estilo de vida das mulheres contemporâneas de Tóquio. Inseridos em uma cidade em que os espaços públicos são apropriados, a unidade habitacional é reduzida ao mínimo necessário. Segundo CARLIN, no texto *The City as a Project*, “PAO é uma estrutura espacial leve metálica, revestida de materiais translúcidos que absorvem a energia e a informação da cidade, enquanto refletem a natureza, cada vez mais efêmera da vida”. A ausência de um espaço fixo e a leveza do projeto representam tanto a subjetividade contemporânea do indivíduo japonês, como os modelos subjetivos do modernismo no estilo de vida e valores, ainda populares e considerados até hoje, a cultura tradicional japonesa. Este projeto, assim como as cápsulas metabolistas, ao transformar a habitação em uma unidade móvel individual, permite a dissociação do conceito de casa como local de convívio para uma família nuclear, compreendendo as novas formas ocupar e tornar um ambiente um lar.



[59] Fotomontagem feita pelos arquitetos para representar a proliferação da estrutura pela cidade de Tóquio.

[60] Axonometria do projeto, com sua leve estrutura metálica e seus mobiliários.

[61-62] próxima página: Kazuyo Sejima, na época estagiária de Toyo Ito, foi a inspiração de uma mulher moderna nômade para Toyo Ito criar este projeto.



Devido aos rápidos ciclos de renovação das cidades, os arquitetos não viam muita necessidade em relacionar suas arquiteturas com as edificações de seu entorno. Isto culminou na década de 70, quando devido ao crescimento da industrialização, aumento da poluição, urbanização acelerada e a superlotação das cidades, os arquitetos começaram a criar residências fechadas para si, como forma de proteger o interno da degradação urbana. O arquiteto Tadao Ando levou ao extremo, com o movimento chamado “*Urban Guerrilla Housing*”, no qual projetou casas apartadas da cidade. A *Row House in Sumiyoshi* de Ando e a *White U* de Toyo Ito são alguns exemplares que exprimem esta aversão ao mundo externo, criando um microcosmo e buscando projetar uma nova realidade nestes espaços. Ao se distanciar das cidades, mostram um desejo de alimentar e valorizar o relacionamento deste pequeno grupo que ali habita.

A questão dessas casas (da Guerrilha Urbana) é neutralizar a fachada em uma expressão de 'rejeição' e 'aversão' ao meio externo, buscando interiores inteiramente abstratos onde o microcosmo emerge e a realidade é de novo buscada. (...) Embrulhadas em conchas escuras, as três casas são isoladas de todo lamento e irritações e problemas variados do mundo externo, buscando o que pode ser chamado de 'ambiente empacotado'. (ANDO, Tadao. Toshi Jutaku, edição extra nº 67, 1973, tradução por Gabriel Kogan)

Conforme o Japão emergia como uma potência econômica global, as casas de dimensões mínimas foram duramente criticadas pelos outros países desenvolvidos, denominadas “toca de coelho”, como algo muito pequeno para se adequar aos mínimos exigidos para uma pessoa viver. Como reflexo, no Japão, arquitetos e leigos começaram a criticar as condições precárias da habitação no país (resquício das habitações construídas no pós-guerra para responder a demanda habitacional), como algo incompatível com o status econômico da nação. O termo, além de criticar as dimensões, apontava para a uniformidade





[64] White U (1976), Toyo Ito.

[65-66] páginas seguinte: House in a Plum Grove (2003), Kazuyo Sejima. Exemplar de uma casa construída em um lote pequeno de apenas 92,3m² e paredes metálicas de 16mm.

massificada das pré-fabricadas. Porém, na década de 90, arquitetos começaram a apresentar projetos únicos combinando o pequeno com a individualidade e a diversidade. As construções em dimensões mínimas transformaram-se em uma das características mais marcantes da arquitetura japonesa contemporânea. (CHO, 2019)

Para Cho, a ênfase que a habitação mínima recebe na arquitetura japonesa vai além das condições sociais, urbanas e econômicas, mas um esforço e um engajamento para alimentar o estereótipo ocidental de “Japão pequeno”, ao vender a *pequenez* como característica principal da arquitetura

contemporânea japonesa. A habitação mínima no Japão é frequentemente interpretada, em termos existencialistas como uma capacidade inata do povo japonês de dar leveza e encolher.

As abordagens destes arquitetos que atuaram durante os anos da bolha econômica, por mais críticas ou sensíveis fossem, eram meios de evitar o contexto urbano. É compreensível a arquitetura ter optado por manter sua autonomia, isolada e indiferente a sua vizinhança e ao caos que se encontravam as cidades japonesas, com o aumento da poluição, da densidade demográfica e da violência. Porém, as atuais gerações de arquitetos buscam um novo senso de transparência, não em negação aos seus antecessores, mas como uma compreensão desta nova sociedade, no desejo de reconectar o interior com o exterior. Redescobriram nas cidades uma vitalidade caótica e suas tradições escondidas, mas sobreviventes à brusca ocidentalização. Através de uma compreensão do que lhes cerca e de quem ali habita, a forma dos edifícios é gerada como resposta aos adjacentes, com uma conexão visual da casa para a rua, seja por grandes aberturas ou fachadas translúcidas. Com o colapso da bolha, o orçamento é menor, tornando os materiais e tecnologias mais simples e os lotes cada vez menores. Sem muito espaço interno para ser trabalhado, as vistas e os ambientes externos são emprestados e incorporados ao projeto, trazendo novas experiências para os novos perfis de moradores (DANIELL, 2008).

A habitação de dimensões mínimas passa a ser a única alternativa de trabalho, pela falta de oportunidades em realizar projetos de grande escala, principalmente para os arquitetos mais novos, que iniciaram sua atuação após o colapso da bolha. Estas, capazes de se adaptar às condições locais e dos moradores com maior facilidade (comparadas as casas pré-fabricadas ou aos apartamentos), tornam-se palco para apresentar as novas tendências e necessidades que as casas, das chamadas 4^a geração deverão suprir.





A SOCIEDADE ATUALMENTE

O Japão é frequentemente representado como um país onde incríveis robôs, dispositivos tecnológicos, engenharia de ponta e grandes corporações coexistem pacificamente com os patrimônios e heranças culturais. Embora seja parcialmente verídico, o dia a dia dos moradores japoneses ainda é muito enraizado em práticas e valores tradicionais, como percebe-se nas vivências cotidianas. A maioria das lojas e mercados ainda hoje só aceitam pagamento em dinheiro, o uso de carimbos personalizados como assinatura necessários para a abertura de contas bancárias, ou o envio de muitos documentos que são aceitos apenas via fax ou correspondência representam alguns dos exemplos de costumes que parecem não encaixar na realidade de um país “de primeiro mundo”, com tamanho avanço tecnológico. Para além, o Japão é um país que ainda se prende muito aos ideais culturais enraizados na subjetividade desenvolvida durante o período de modernização. Portanto, planos e modelos que negam o tradicionalismo são duramente rejeitados como não-patriarcal, mesmo com a crise dos modelos familiares e a estagnação econômica por mais de 20 anos.

Maurizio Lazzarato propõe que, no vazio do Japão do pós-guerra, uma 'capital da subjetividade' baseada no conhecimento, na inteligência coletiva e na vontade de sobreviver impulsionou o milagre econômico, mas as consequências da desterritorialização neoliberal destruíram formas anteriores da identidade e consciência japonesas. Por trás da crise econômica do Japão, está a falta de um novo modelo de reprodução do indivíduo japonês. As tentativas de estímulo tomadas pelo Partido Liberal Democrático do Japão desde o colapso econômico de 1991, incluindo a tentativa de introduzir as mulheres no local de trabalho, para desestabilizar o mercado de trabalho, para injetar massivos na economia, para reduzir as taxas de juros e aumentar a imigração; todas continuaram a falhar. [...] Nacionalismo, racismo, princípios e superstições xintoístas-budistas, família nuclear e valores 'tradicionais', todos oferecem às pessoas uma forma anostalgica de refúgio de um sentimento de falta de lugar, de não estar em casa no mundo. (CARLIN, 2017)³⁷

Porém, apesar de parte da sociedade ainda lutar pela manutenção de modelos tradicionais, a demografia e a situação econômica das famílias mudou radicalmente, principalmente a partir da década de 90. Hoje, apenas 65% das moradias são compostas por famílias tradicionais (THE JAPAN TIMES, 2019). Pessoas solteiras, casais sem filhos e idosos representam cada vez mais o perfil de moradores. Com a queda nas taxas de natalidade e a alta expectativa de vida, as residências são ocupadas por menos moradores e, com a população se concentrando nas áreas metropolitanas, muitas cidades rurais estão sofrendo com o decréscimo populacional. Ademais, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, principalmente a partir da década de 80, muitos casais estão optando por não ter filhos, além de diminuir o número de pessoas casadas.

De acordo com os dados apresentados pela revista *The Guardian* (BERG, 2017), o Instituto Nacional de População e Segurança Social (IPSS)³⁸ no Japão prevê que a população irá encolher dos atuais 127 milhões para 88 milhões em 2065. Além disso, observa-se o rápido envelhecimento, que resultará em 1/3 da população com mais de 65 anos em 20 anos. Com um aumento na taxa de habitações vagas – pela saída dos subúrbios e pelo abandono de imóveis devido a incapacidade de pagar as taxas de herança – de 13% para 30% previstos em 2033, somado a estagnação econômica, o mercado de construção civil irá começar a declinar caso continue a mesma atuação.

Nos últimos anos, a sociedade japonesa tem presenciado um aumento significativo de pessoas solitárias que se afastam de todo contato social e, muitas vezes, ficam anos sem sair

de casa, chamadas *hikikomoris*. De acordo com uma pesquisa publicada pela *BBC News* em 2019, “uma pesquisa do governo identificou cerca de 541 mil pessoas (1,57% da população) no país vivendo nesta condição, mas muitos especialistas acreditam que o número total pode ser muito maior, porque pode levar anos para que peçam ajuda”. Um dos possíveis fatores para este aumento é a influência da tecnologia, que possibilita viver sem contato com o meio externo, através de trabalhos remotos, aplicativos de entrega entre outras facilidades que é proporcionado. Há também fatores que tornam a sociedade japonesa mais suscetível a este transtorno, segundo o professor de psiquiatria Takahiro Kato, da Universidade de Kyushu, como as rígidas normas sociais, altas expectativas manifestadas pelos pais, a demora e o receio de buscar ajuda profissional e a “cultura da vergonha”, tornando a sociedade japonesa um terreno fértil para sentimentos de inadequação.

Outro grupo cujo país precisa se atentar são os idosos, que cada vez mais representam uma grande parcela da sociedade. Com o aumento na expectativa de vida, queda nas taxas de natalidade e o aumento de pessoas que não se casam ou tem filhos, o IPSS prevê que em 2040, cerca de 44% das casas serão ocupadas apenas por moradores acima de 65 anos, sendo 40% destes compostos por apenas um membro. Seja por não manter laços com familiares e amigos, por se afastarem pelo receio de “dar trabalho”, ou simplesmente por terem focado na carreira ao longo da juventude e não ter formado uma família, muitos idosos hoje vivem isolados da sociedade. Observa-se um preocupante aumento de casos de *kodokushi*, que literalmente significa morrer de solidão, principalmente entre estes grupos. Devido à falta de contato com o mundo externo e as casas que facilitam o isolamento, os corpos em muitos casos são descobertos apenas meses após a morte devido ao mal cheiro.

Em uma geração na qual estes problemas sociais tornam-se cada vez mais comuns, projetar casas que estimulam o contato com o meio externo e geram oportunidades de comunicação com a vizinhança é essencial.

37. Maurizio Lazzarato proposes that, in the blankness of post war Japan, a ‘capital of subjectivity’ based on knowledge, collective intelligence and the will to survive drove the economic miracle, but the consequences of neoliberal deterritorialisation have now destroyed previous forms of the Japanese identity and consciousness. Behind Japan’s economic crisis, is the lack of any new model for reproducing the Japanese individual. The attempts at stimulation taken by Japan’s Liberal Democratic Party since the 1991 economic crash, including the attempt to introduce women to the workplace, to destabilise the job market, to inject massive sums into the economy, to lower interest rates, and to increase immigration; all continue to fail. [...] Nationalism, racism, Shintoist-Bhuddist principles and superstitions, nuclear family, and ‘traditional’ values all offer people a nostalgic form of refuge from a feeling of placeless-ness, of not being at home in the world.

38. Tradução da autora. A nomenclatura em inglês é ‘National Institute of Population and Social Security’.





POSSIBILIDADES

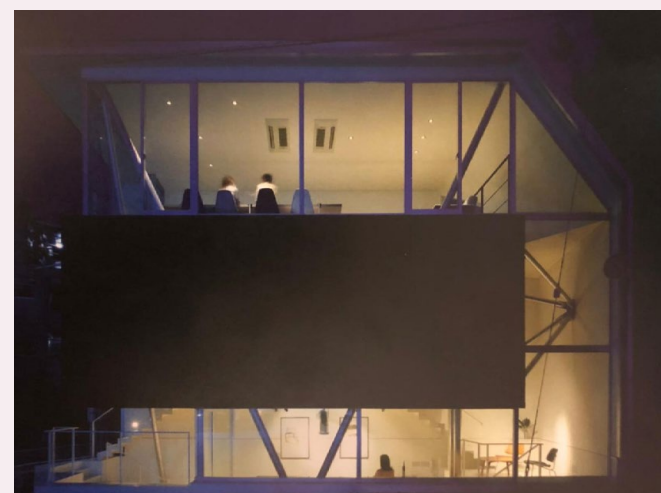
ABRIR E INTEGRAR

Para muitos japoneses, o que qualifica uma casa é a potencialidade em sentir a presença dos membros da família. Muitos espaços no Japão são moldados pela ideia de divisão em dois grupos: *uchi* (um grupo interno com quem se identificam) e *soto* (um grupo externo cujo contato é restrito). Para atingir tal objetivo, as casas são vedadas dos olhares externos, se tornando uma fortaleza estritamente para os membros familiares. Porém, pela ótica do planejamento urbano este isolamento traz consequências negativas: as grandes cidades de hoje praticamente não têm nenhum espaço que promova o encontro entre a vizinhança. Pessoas raramente se conhecem e se atentam a vida alheia. Esta qualidade de proteção contra a cidade moldou a arquitetura residencial japonesa e, em tempos quando as cidades eram turbulentas pelo processo violento de urbanização, era compreensível o desejo de se fechar e criar um microcosmo seguro para a família. Hoje, entretanto, com os novos perfis de moradores e as tendências sociais de isolamento cada vez mais preocupantes é essencial repensar o desenho das habitações e torna-las espaços mais gentis e acolhedores.

As residências que estão sendo produzidas hoje são as chamadas pelo arquiteto Yoshiharu Tsukamoto de casas da 4ª geração (como explicado no capítulo anterior). O autor diz que as casas que foram projetadas até hoje, desde a implementação dos subúrbios no Japão, seguem uma tendência que chama de “espiral da intolerância³⁹”, de isolamento do mundo externo, tornando-se ambientes apenas para o círculo familiar. Somado as rígidas regulamentações que definem a volumetria das casas e os lotes com dimensões muito pequenas, os vãos gerados entre elas estão sendo levadas ao seu limite e, por consequência, mal aproveitadas. Para quebrar esta tendência, Tsukamoto traz três condições de como as casas deverão ser: 1) trazer

pessoas de fora do círculo familiar de volta para as casas; 2) aumentar as oportunidades de interação do lado externo das casas; 3) redefinir os vazios entre as construções. (KITAYAMA; TSUKAMOTO; NISHIZAWA, 2010)

Para romper o ciclo de intolerância das habitações, podemos analisar as casas anteriores ao processo de ocidentalização. Os *machiyas* que integravam o ambiente de trabalho e de morada, com uma loja na fachada e a casa aos fundos, ou os *minkas* que tinham um espaço destinado a serviços artesanais são exemplos de como é possível trazer pessoas de fora do círculo familiar para dentro da residência. A casa *C-House* do escritório *Tele-Design*, ao incorporar um café em um projeto residencial de 113m², proporciona um espaço aberto e convidativo para os clientes, enquanto possui uma área mais privada (representado pela estrutura preta na fachada) para os moradores. Já a casa *5 Floors* do escritório *Toshiaki Ishida Architects & Associates* teve como pré-requisito dos clientes ser um local que pudesse funcionar tanto como uma clínica ortodôntica (profissão do casal de moradores) como moradia. Ao proporcionar 3 diferentes acessos – para aqueles acessando a clínica, para os moradores e para o elevador – trouxe diversos fluxos que possibilitam a separação dos ambientes por uso.



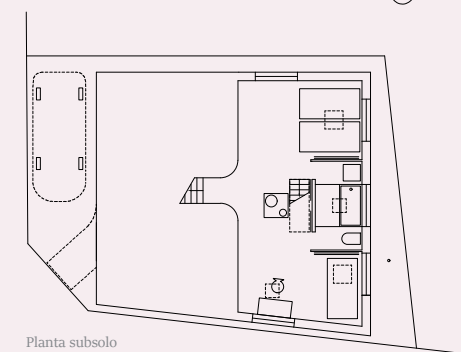
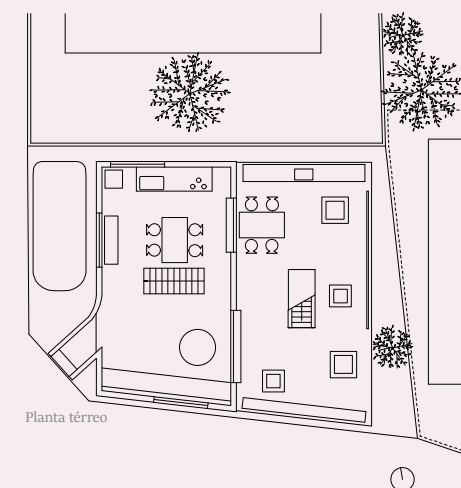
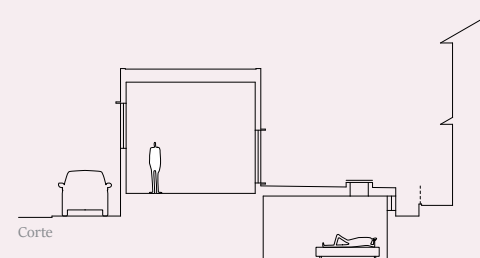
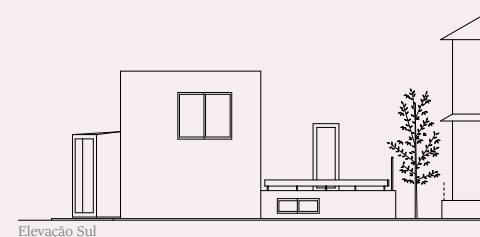
[69] C-House (2002), Tele Design. Área do lote: 60m²



[70] 5 Floors (1998), Toshiaki Ishida. Área do lote: 85,4m²

39. Em inglês, o autor chama de *Spiral of intolerance*.”

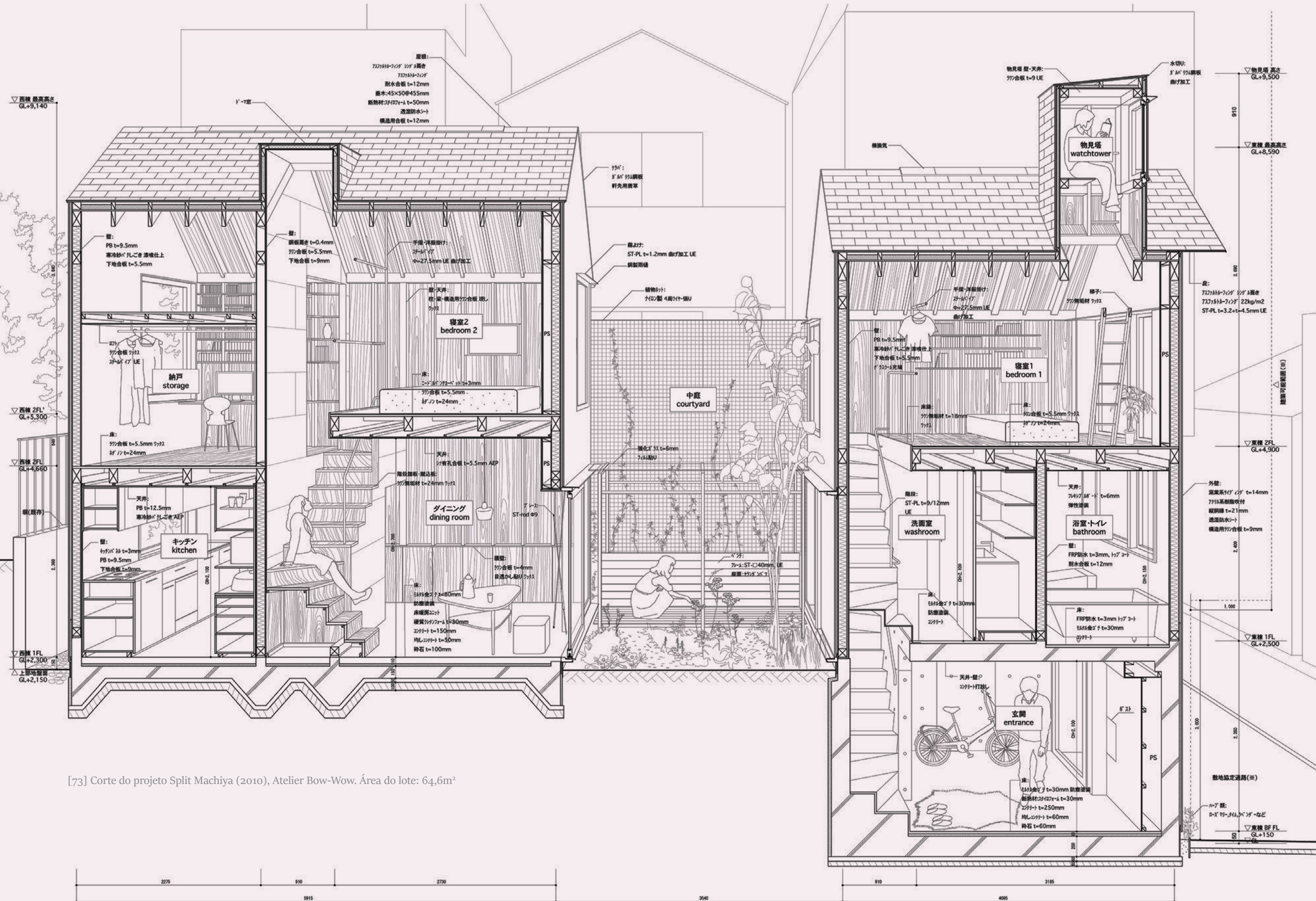
Além disso, a casa deverá prover espaços de transição como as varandas e sacadas, gerando oportunidades dos moradores de passar mais tempo em contato com o meio externo. Os projetos *Split Machiya* do *Atelier Bow-Wow* e a *House in Komae* de Go Hasegawa são exemplos que trazem propostas de locais de permanência semi-externos promovendo maior interação com a cidade. O projeto do *Atelier Bow-Wow*, destinado para um casal e uma mulher solteira, é composto por duas estruturas interligadas entre si por um pátio interno. Localizado em um lote estreito e comprido, a casa que foi denominada pela semelhança com os *machiya*s, traz como uma releitura dos *tsuboniwas*⁴⁰ este espaço de passagem e permanência, onde os moradores podem cultivar hortas e entrar em contato com a natureza. Já o projeto do arquiteto Go Hasegawa traz um grande terraço no meio de Tóquio. Ocupando quase a totalidade do lote, a *House in Komae* separa suas atividades em dois pavimentos, com o térreo contendo os espaços de estar e no subsolo os espaços de descanso. Dessa forma, permite que a cobertura do pavimento inferior seja utilizada como um generoso quintal, que ocupa metade do lote, estendendo a área de estar para fora. Em cidades cada vez mais adensadas e com lotes menores, estes projetos apresentam diferentes soluções para promover que os moradores passem mais tempo do lado de fora da casa, com diferentes níveis de privacidade.



Escala 1:250

[71-72] House in Komae (2008), Go Hasegawa.

40. Um jardim semi-externo muito comum nos machiyas.



[73] Corte do projeto Split Machiya (2010), Atelier Bow-Wow. Área do lote: 64,6m²

Os espaços residuais entre as casas, embora sejam privados, são cada vez mais rígidos com seus muros e paredes de concreto. Eles possuem grande potencial de uso, porém quando são fechados acabam se tornando espaços inúteis. Ao utilizá-los como sacada ou como entrada de luz com grandes aberturas, é possível reaproveitar e ressignificá-las, gerando novas oportunidades de interação e sociabilidade.

A *Mini House* do *Atelier Bow-Wow*, localizado em uma região adensada no subúrbio de Tóquio em um lote de apenas 77m², ao invés de ocupar até os limites do lote, situa a casa no centro, com pequenos volumes sobressaindo em todas as faces, ocupando apenas 41m². Ao eliminar a hierarquia entre as faces e os vazios, cria novos espaços acima e abaixo dos volumes utilizados para estacionar o carro e como sacada.

Já a *House NA* do arquiteto Sou Fujimoto dilui a separação entre o espaço construído e o vazio, ao projetar uma casa translúcida formada por 21 placas de piso independentes em um lote de apenas 55m².

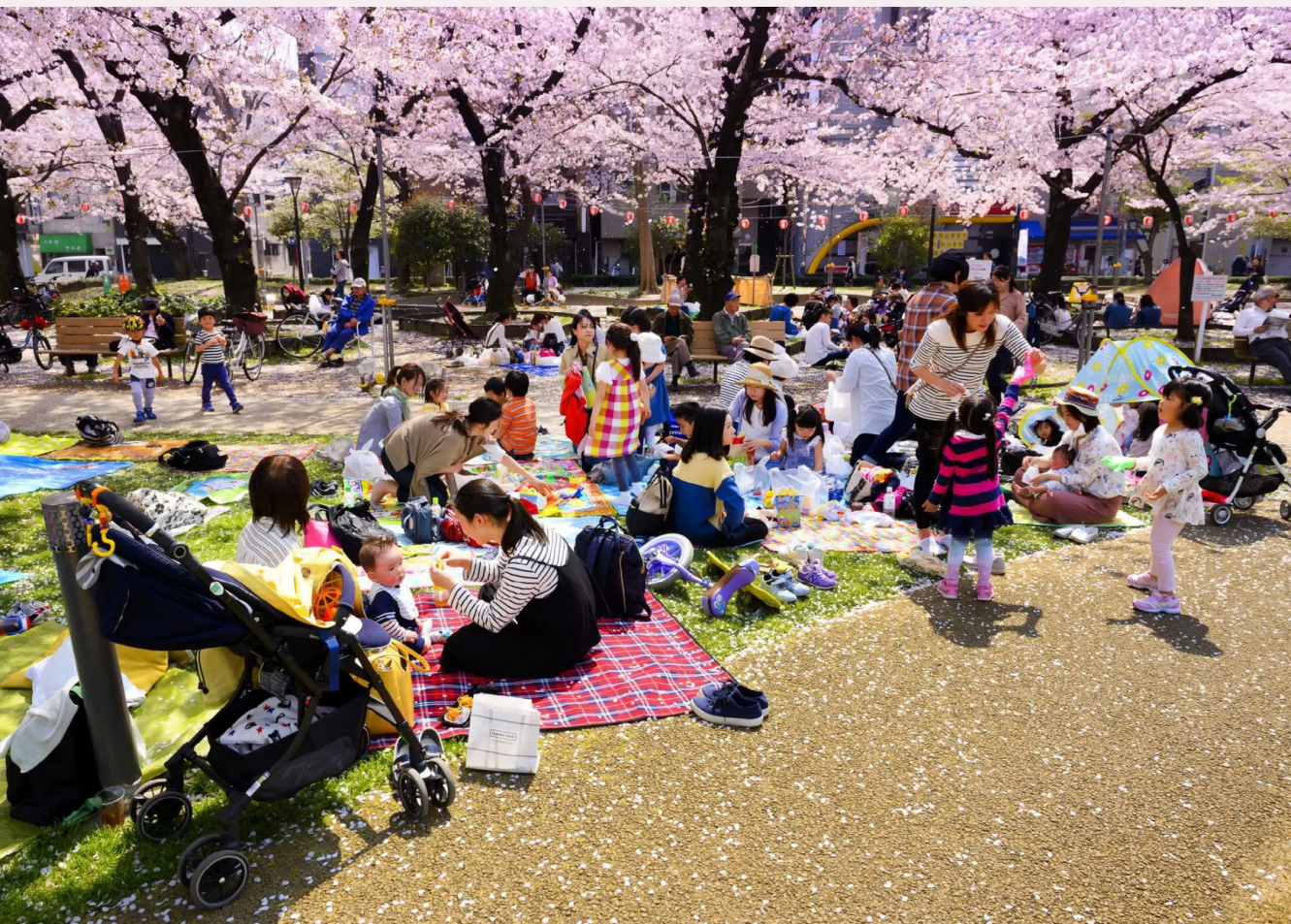


[74] Mini House (1999), Atelier Bow Wow.

[75-76] House NA (2010), Sou Fujimoto.



A escassez de espaços públicos torna ainda mais essencial a produção de ambientes que proporcionem o contato com a cidade. Diferentemente de países europeus que possuem muitos espaços de encontro, como as praças em frente as igrejas, no Japão estes locais são muito mais definidos pelos usuários em momentos sazonais. Um exemplo é a época de floração das cerejeiras entre março e abril, que reúne pessoas ao redor delas para aproveitar o início da nova estação com festivais, piqueniques e karaokês. Ao tornar a habitação um local de encontros, para além de um espaço apenas de práticas cotidianas, é possível proporcionar vivências mais acolhedoras e mudar o olhar do usuário em relação as cidades.



ESTIMULAR A COMPRA DE CASAS USADAS

Em uma sociedade que está em declínio populacional, é urgente repensar sobre o atual costume em adquirir apenas casas novas, demolindo a edificação pré-existente. Esta tendência, intensificada no período da bolha econômica ao transformar a arquitetura em *commoditie*, deixa de fazer sentido atualmente com a estagnação econômica, envelhecimento populacional e aumento de casas abandonadas principalmente nos subúrbios. De acordo com a reportagem publicada em 2018 pela revista *The Economist*, o Japão tem atualmente cerca de 10 milhões de casas abandonadas, e deverá ultrapassar os 20 milhões até 2033. Há também uma questão ecológica, que ganhou evidência após o grande tsunami e consequente desastre nuclear de 2011 na região de Tohoku no Japão. Não é viável continuar alimentando uma economia baseada no descarte de matéria prima e geração de detritos. O arquiteto Kengo Kuma, em seu livro *Small Architecture* “critica a arquitetura convencional por aderir à lógica da economia em termos da produção de grande escala, atacando a obsessão por materiais de construção ambientalmente prejudiciais (como o concreto), a política habitacional do pós-guerra moldada por um sistema norte americano baseado no ‘mito da casa própria’ e contradições estruturais em uma economia nacional sustentada por hipotecas imobiliárias”. (CHO, 2019)

Algumas grandes construtoras como a *Daiwa House* e a *Sekisui House* começaram a investir na reforma e remodelação de casas antigas, ao perceber que hoje há uma menor resistência por parte dos compradores. Ao remodelar casas construídas nos anos 80, a *Sekisui House* apresenta casas com *layout* mais de acordo com o estilo de vida atual, integrando quartos pequenos, trazendo cozinhas de conceito aberto e transformando os tradicionais cômodos de tatami em modernas salas de mídia. Estas residências apelam principalmente para um público jovem que, de acordo com o diretor administrativo da empresa,

por possuírem renda menor, não hesitam em comprar casas mais antigas. Para estas construtoras, estas simples renovações podem tornar uma casa abandonada sem valor, em uma nova oportunidade para movimentar a economia. (BERG, 2017)



[78] Modelos das plantas térreo de uma casa pré-renovação e pós-renovação produzidos pela Sekisui House

Também é essencial repensar o uso das habitações considerando os diferentes perfis sociais em crescimento na atualidade. Desde a década de 90, arquitetos começaram a se atentar aos novos tipos de moradores e a incompatibilidade das casas de modelo nLDK em um momento de colapso do conceito de família tradicional. Cada vez mais é comum observarmos moradias compostas apenas por uma pessoa, principalmente

por causa do aumento de pessoas que optam por não se casarem. De acordo com o censo de 2015, a porcentagem de pessoas que não se casaram aos 50 anos chega a 23% entre homens e 14% entre as mulheres. Residências habitadas por apenas um morador representava 34,4% (com perspectiva de 39,3% em 2040), enquanto os casais com filhos representam 23,3% e casais sem filhos apenas 21,2%. Esta tendência é intensificada nos grandes centros urbanos, chegando a 48%, em razão do fluxo de jovens vindo das áreas rurais. (THE JAPAN TIMES, 2019) Tendo em vista tais dados demográficos, somados ao envelhecimento populacional e o crescimento de problemas sociais causados pelo isolamento extremo, algumas pequenas empresas estão comprando prédios antigos e atribuindo novos usos, como as moradias compartilhadas, escritórios de *coworking* e apartamentos de baixa renda com espaços sociais comuns, que além de ser econômico, estimula a vida em comunidade.

O governo também está começando a repensar suas políticas habitacionais incompatíveis com o momento atual através de redução de impostos associados à compra de casas usadas e incentivos fiscais. Além disso, através de parcerias com empresas como a MUJI, está remodelando apartamentos da década de 60 e 70 e estimulando as famílias com crianças pequenas e pais idosos, num esforço em lidar com o envelhecimento populacional. Embora nas grandes cidades seja possível observar um lento avanço, é necessário mudar a mentalidade dos cidadãos japoneses de preferência sempre pelo novo e intocado.

O QUE A PANDEMIA NOS FAZ REFLETIR?

Em centros urbanos mais adensados como Tóquio, em que o valor do lote é extremamente elevado, as habitações de dimensões mínimas alimentam a imagem negativa de uma sociedade extremamente *workaholic*⁴¹, que utiliza a casa como um local meramente para dormir, após um longo dia de trabalho. Porém, na atual situação da pandemia de COVID-19, em que o isolamento social torna-se fundamental para reduzir a transmissão do vírus, muitas pessoas estão passando praticamente todo o tempo em casa. As residências recebem uma nova importância, ao atribuírem novas funções além das tradicionais, incluindo de modo mais significativo atividades de trabalho, estudo, exercícios físicos e lazer, e consequentemente, repensando as reais necessidades que uma habitação deverá suprir. Embora estas mudanças pareçam ter surgido apenas para suprir o momento atual de crise sanitária, é uma tendência que já vem ocorrendo a alguns anos e apenas foi acelerada pelo imediatismo. As novas formas de trabalho híbridas estão cada vez mais em vigor, com escritórios percebendo que o deslocamento físico desgastante e cada vez mais economicamente inviável já não fazem mais sentido que ocorram diariamente. O desenvolvimento de tecnologias e aplicativos que permitem realizarmos remotamente, atividades antes presenciais como compras, aulas e entretenimento são cada vez mais comuns e intrínsecos em nosso cotidiano.

No Japão, embora a parcela da população que trabalha de casa seja apenas 1/5⁴², é uma das principais tendências deixadas pela pandemia que alterará o desenho das moradias. As construtoras já estão repensando e oferecendo novas soluções de integração do espaço de trabalho com a moradia. A *Daiwa House*, por exemplo, está criando casas com ambientes como

salas de estudo e estação de trabalho. Porém, devido ao elevado valor do metro quadrado, está pensando também em formas de aproveitar os espaços residuais mortos, como embaixo de escadarias.

A questão sanitária também é uma das maiores preocupações da atualidade. Com a nova necessidade de espaços de higienização, as construtoras estão criando casas com pias e armários em locais estrategicamente pensados para que os moradores possam trocar de roupa e lavar as mãos antes de adentrar os espaços de convivência.

Com os diferentes usos que a moradia passa a receber, devemos começar a pensar nos espaços da casa pelos seus usos. Não devemos projetar mais uma cozinha, quartos e sala de estar, mas ambientes para descansar, higienizar, trabalhar, se divertir e comer.

Estas mudanças em direção a um novo perfil de habitações que se fazem necessários no Japão daqui para frente, podem ser refletidos também no Brasil. O hábito de tirar os sapatos, algo já comum na cultura japonesa, passa a ser adotado por questões higiênicas. Para tal, o *genkan* das casas japonesas pode ser adaptado e se tornar um local para deixar as impurezas da cidade para fora de casa, tirando os sapatos, deixando as roupas e máscaras sujas e higienizando itens trazidos de fora.

As varandas, sacadas e quintais são ainda mais importantes neste momento, sendo em muitos casos o único contato com o meio externo, para tomar sol, plantar pequenas hortas e fazer exercícios. Precisamos também considerar os diferentes usos que um mesmo espaço recebe, e como providenciar níveis de privacidade ao longo do dia. As divisórias móveis por exemplo podem ser utilizadas para isso, criando tanto momentos de integração entre os moradores (intensificado no período de isolamento) como momentos de privacidade (necessário para certas atividades).

41. Viciada em trabalho

42. Pesquisa realizada pela The Japan Productivity Center



Embora o comportamento das cidades e dos usuários no Brasil seja, em muitos aspectos, oposto do Japão, a pandemia criou uma necessidade global de reanalisar a habitação, sua salubridade e importância no cotidiano. Olhar para as habitações mínimas no Japão faz se essencial mais do que nunca neste momento, pois ao analisa-las podemos entender como e o que é possível ser aplicado no Brasil. As escalas são diferentes, porém muitos dos problemas presentes hoje no Japão, tanto na habitação quanto nas sociedades é algo que pode ocorrer nas metrópoles brasileiras em alguns anos. A passos mais lentos, as habitações hoje, principalmente em grandes capitais como São Paulo, estão cada vez menores. Cada vez mais apartamentos de 30m² estão surgindo e popularizando no imaginário burguês. Além disso, no contexto de cidades adensadas, as moradias estão cada vez mais fechadas para si, com menos contato com o entorno. Compreender as mudanças sociais, urbanas e habitacionais no Japão nos permitem pensar sobre como lidar com os possíveis cenários semelhantes no país.

[79] House N (2008), Sou Fujimoto. O arquiteto explora a relação entre o interior e o exterior, com grandes aberturas e camadas que proporcionam diferentes níveis de privacidade para o usuário. Área do lote: 236,57m²

[80] House H (2009), Sou Fujimoto. Um grande espaço reservado para o *genkan*, neste projeto verticalizado em um lote reduzido de apenas 125m² em um bairro residencial de Tóquio.

[81] House in a Plum Grove. Grande jardim com chão de terra, fazendo alusão ao *doma*.

ANÁLISE DE PROJETOS

A seguir serão analisados projetos que exprimem as ideias de como as habitações podem ser daqui para frente. Mostram, de formas diferentes, casas que se esforçam para lidar com os problemas observados nos capítulos anteriores. A Casa e Atelier Bow-Wow reaproxima o local de trabalho e de morada, separados no processo de modernização, com um projeto que é inserido em um lote bandeira de apenas 109m² em uma região extremamente adensada de Tóquio. Já a Casa Moriyama, ao dismantelar a volumetria e a programação da casa em 10 blocos, estimula o uso da área externa e o contato com a vizinhança, além de quebrar com os padrões de habitações voltadas para uma família nuclear.

Tanto Tsukamoto e Kaijima (*Atelier Bow-Wow*) como Nishizawa, pertencem a uma geração de arquitetos nascidos na década de 60. Por começarem sua atuação logo após o colapso da bolha econômica, juntaram-se em duplas (Nishizawa com Sejima, formando o SANAA) como forma de sobrevivência a crise. Pela baixa demanda de grandes projetos, iniciaram sua carreira construindo arquiteturas familiares e investigando o tecido urbano. Segundo o arquiteto Taro Igarashi, esta geração possui uma atitude muito positiva em relação a cidade, pois acreditam que mudanças e inovação começam com coisas pequenas. Ambos viram uma oportunidade de atuação nos lotes de dimensões mínimas na cidade de Tóquio para produzir habitações de formas únicas.

Devido a abundância de materiais disponíveis produzidos pelos respectivos escritórios, não foram produzidos novos materiais. Portanto, a análise foi realizada através de fotografias, teses e entrevistas realizadas com os arquitetos. Em anexo, foram traduzidas as entrevistas realizadas pelos respectivos arquitetos para o livro *How to Make a Japanese House* de Cathelijne Nuijsink que possibilitam uma compreensão melhor sobre os projetos.

Eu acho que a arquitetura de pequena escala como a sua Moriyama House e a Casa e Atelier Bow-Wow de Yoshiharu Tsukamoto são especulações sobre o futuro de 1,8 milhões de proprietários de terra individuais na cidade de Tóquio. Contanto que existam pessoas que compreendam e aprovam este tipo de residência, eu imagino que irão se proliferar rapidamente devido ao fato de esta ser uma cidade instantânea.

(KITAYAMA, 2010)⁴³

43. I think that small-scale architecture, like your Moriyama House and Yoshiharu Tsukamoto's House & Atelier Bow-Wow, is a speculation on the future of the 1.8 million individual landowners in the city of Tokyo. Provided there are people who understand and approve of this type of dwelling, I imagine it will quickly proliferate due to the very fact that this is an instant city.

CASA E ATELIER BOW-WOW

ATELIER BOW-WOW

FICHA TÉCNICA

Arquitetos: Atelier Bow Wow

Localização: Shinjuku-ku, Tokyo

Ano: 2005

Cliente: Yoshiharu Tsukamoto e Momoyo Kaijima

Área do lote: 109,03m²

Área construída: 59,76m²

Taxa de ocupação: 54,82%

Taxa de ocupação máxima: 60%

Área total: 211,27m²

Coeficiente de aproveitamento: 158,6%

Coeficiente de aproveitamento máximo: 160%

Altura máxima: 9,94m

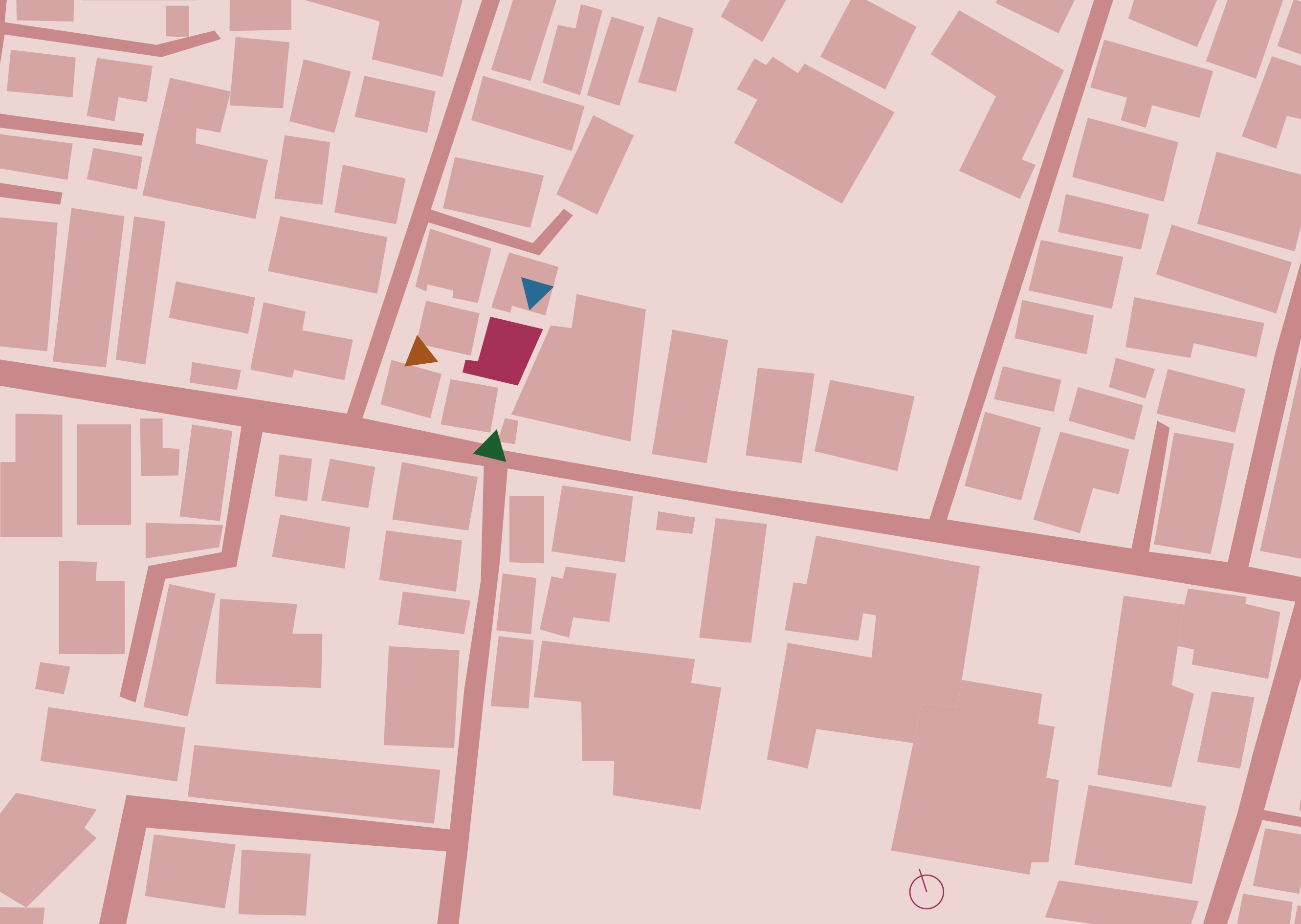
Programa: casa privada e escritório

Pavimentos: 4 (1 subsolo e 3 andares)

Estrutura: estrutura metálica com concreto armado no subsolo



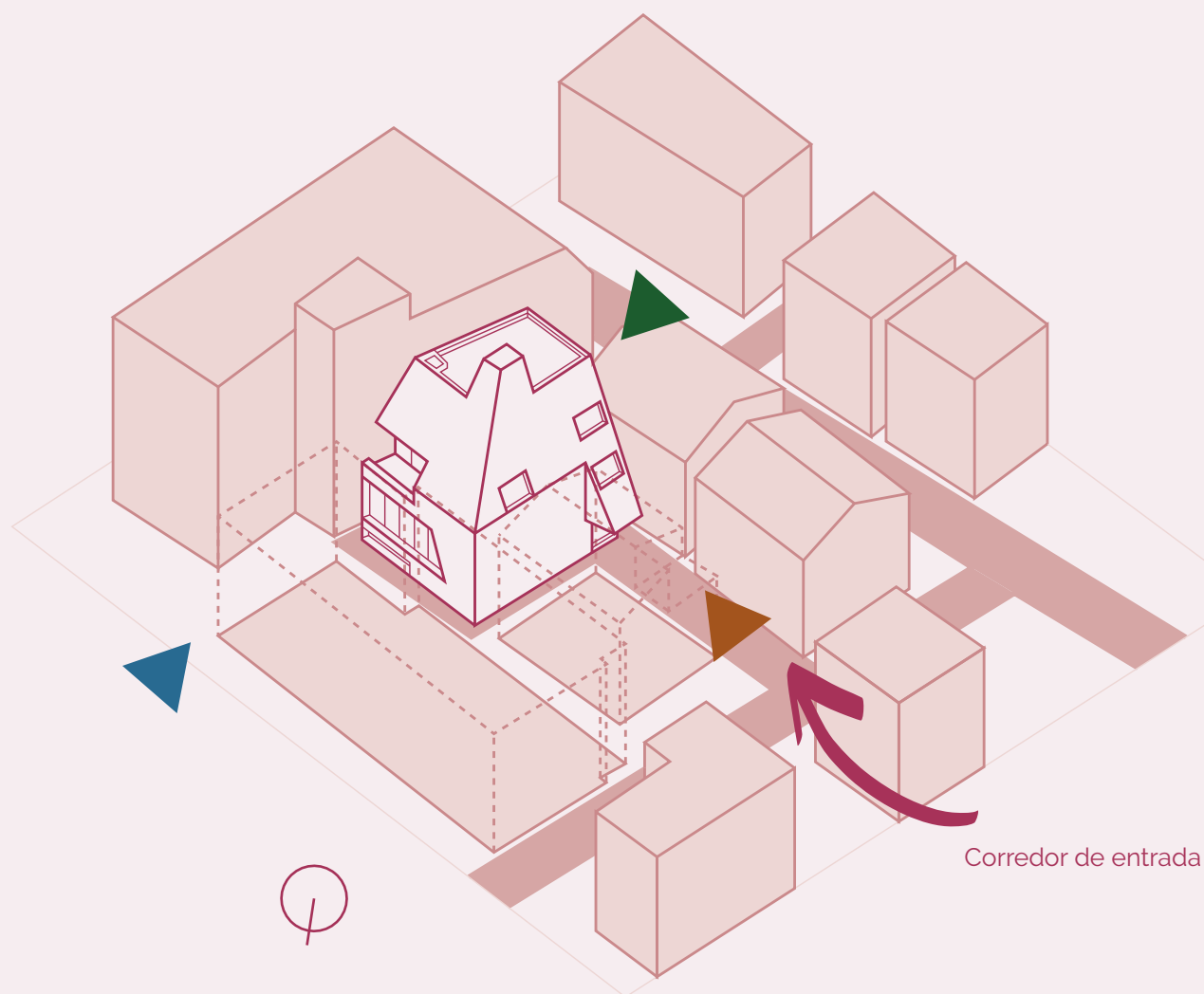
[82] Vista frontal da Casa e Atelier Bow-Wow, mostrando a entrada do edifício pela estreita faixa de lote. Neste local plantaram árvores e hortas, transformando este espaço que seria apenas de passagem em um pequeno jardim para a vizinhança. Na foto, o arquiteto Yoshiharu Tsukamoto.



A IMPLANTAÇÃO

A Casa e Atelier Bow-Wow é inserido em um lote com forma de bandeira, característico da subdivisão ocorrida durante a bolha econômica e muito comum nas regiões adensadas de Tóquio. Situado no centro de Tóquio, na região metropolitana de Shinjuku em Suga-cho, um bairro residencial de baixo gabarito, é rodeado por edifícios por todos os lados e está conectado à rua por uma estreita faixa de apenas 3 metros de largura. Devido a reduzida dimensão do lote e a alta densidade urbana, os arquitetos buscaram o máximo aproveitamento da volumetria, em uma tentativa de descobrir novos comportamentos dentro deste ambiente adensado e verticalizado.

Com a obrigatoriedade dos recuos em todas as faces e a regra de “uma estrutura por lote”, as edificações não dividem paredes entre si (não são geminadas), resultando em estreitos vãos entre as estruturas adjacentes. Estes espaços, comuns no cenário urbano japonês, precisam ser repensados, analisando a melhor forma para aproveitá-los e dar vida para este espaço, normalmente abandonado. Em casos como este, de alta densidade e dimensões reduzidas, utilizar o máximo potencial do lote é primordial. Portanto, para melhor utilizar estes espaços vazios, Tsukamoto e Kajima criam grandes aberturas em suas fachadas, incorporando o entorno para dentro de seu projeto.



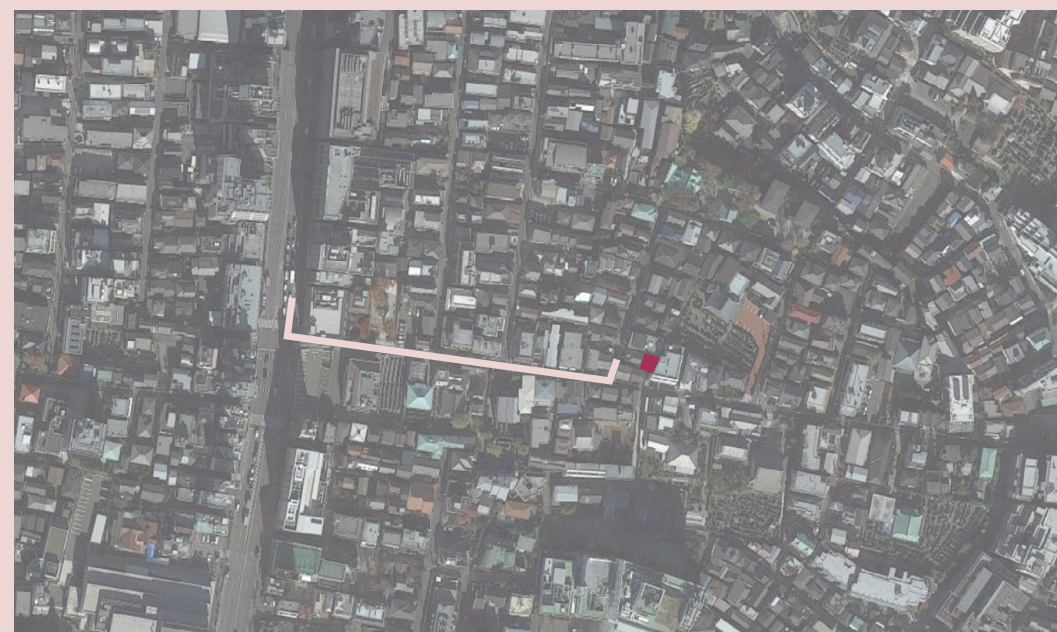
[83] página anterior: Implantação do projeto, retirado do livro *How to Make a Japanese House* e editado para melhor visualização.

[84]: Esquema da implantação do projeto, retirado da tese *Architectural Practice in the Context of Post-Criticality: Spatial Thinking from City and Behavior of Atelier Bow-Wow* e editado para melhor visualização.



[85-90]: Trajeto iniciado no Gaien Higashi-dori (avenida principal, composta por grandes edifícios comerciais e escritórios) até a Casa e Atelier, percorrendo a estreita rua que adentra a vila urbana, em direção ao adensado bairro residencial de baixo/médio gabarito.

[91]: Rota do trajeto acima.



Redefinir os vazios entre as construções



Trazer pessoas de fora do círculo familiar
de volta para as casas

Aumentar as oportunidades de interação
do lado externo das casas





A VOLUMETRIA

A forma do edifício foi definida de acordo com as legislações urbanas de uso do solo, visando o máximo volume possível. As faces nordeste e noroeste possuem um recorte diagonal na volumetria, definidos pelo *kitagawa shasen*. Pela limitada abertura na face sul e ao corredor de acesso, e a proximidade com os edifícios adjacentes, os arquitetos optaram por dispor grandes janelas voltadas para estas faces, permitindo a entrada de luz solar, ventilação e incorporando o enquadramento dos prédios vizinhos nas janelas como papel de parede.

Devido a limitada dimensão do lote e a alta densidade urbana no local, para garantir o máximo aproveitamento volumétrico, criaram um volume único conectando “da terra ao céu”. Ao maximizar a superfície externa com o mínimo possível de articulações, criaram grandes fachadas com janelas de dimensões generosas. Como o prédio não possui contato direto com a rua, estas aberturas puderam ser dispostas sem prejudicar a privacidade dos usuários e nem causar tanta estranheza para a vizinhança, criando uma relação de vivência interna ao quarteirão.

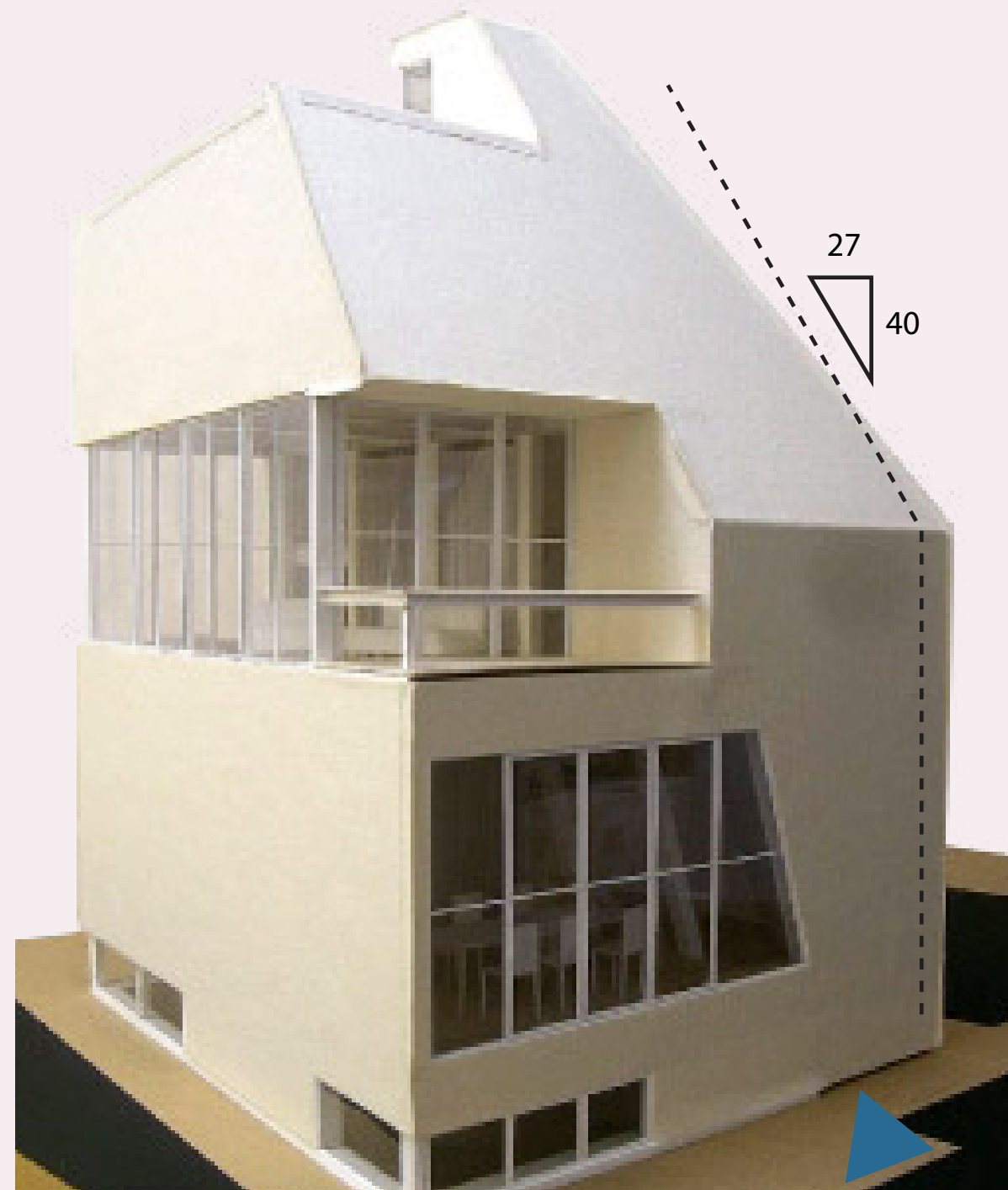
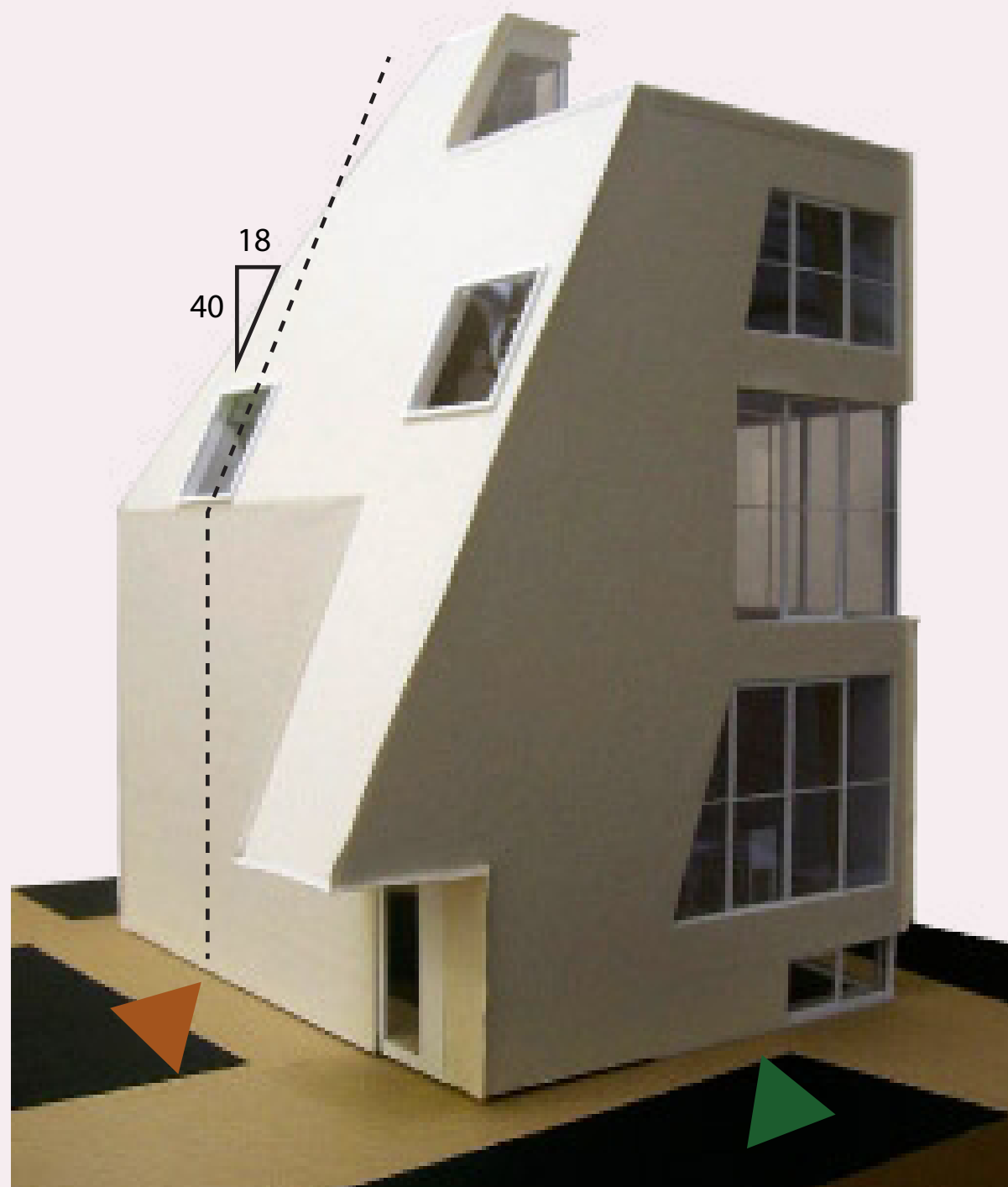
O edifício tem 10 metros de altura e 2 metros de subsolo, totalizando em 12 metros a diferença de altura. Para ter um espaço fluido, integrando todos os ambientes, criaram um prédio dividido em patamares e interligados por escadas. As colunas centrais seguem a inclinação das paredes externas, afetando o comportamento dos usuários.

[92] página anterior: Foto do primeiro pavimento, mostrando o atelier e a extensa prateleira que preenche a fachada sudeste.

[93] página anterior: Foto do segundo pavimento, com a grande mesa central utilizada para as refeições e reuniões do atelier. As janelas de piso a teto nas fachadas Sudoeste e Sudeste permitem a entrada de luz e ventilação, enquanto incorporam a fachada vizinha como papel de parede.

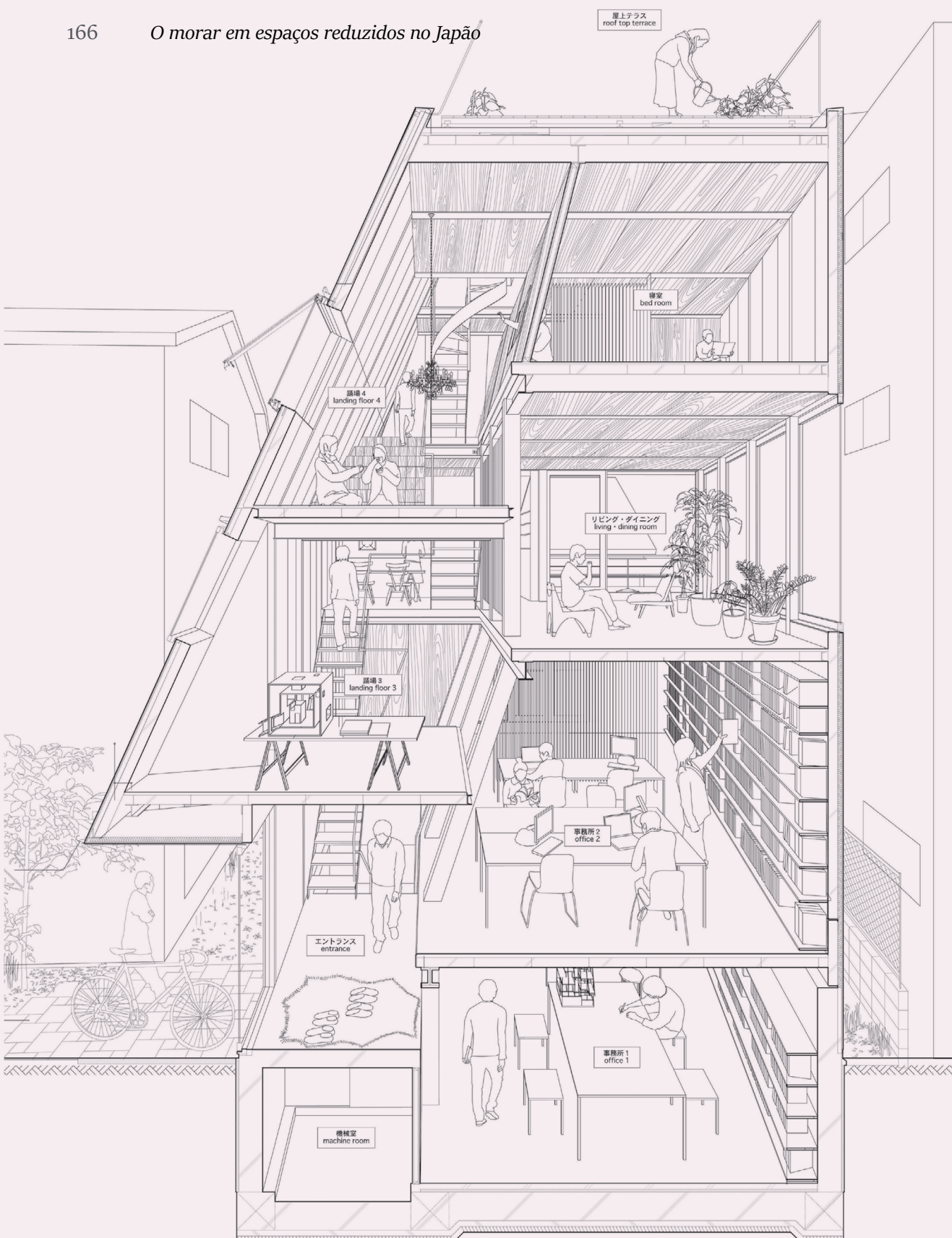
[94] página anterior: Foto da cobertura, com foco na estrutura de acesso escada.

[95] Vista da fachada Sul da Casa e Atelier Bow-Wow. As grandes janelas permitem a entrada de luz e incorpora os vazios do entorno, utilizando da fachada vizinha como papel de parede.



[96 - 97] Fotos da maquete da Casa e Atelier Bow Wow, retiradas do livro *Tokyo Metabolizing*. Nela, podemos ver as angulações das fachadas nordeste e noroeste, de acordo com a *kitagawa shasen*





OS PATAMARES

O edifício, situado no centro do quarteirão, fica escondido quando visto da rua. Seu acesso ocorre ao adentrar a estreita faixa de terreno entre as casas, que se tornou um jardim para toda a vizinhança, com árvores plantadas, horta e um bicicletário. A entrada única para ambos os espaços deixa clara a intenção dos arquitetos em criar um espaço único, sem a divisão física dos usos atribuídos. Nele, fica o genkan, para retirar os sapatos.

Descendo as escadas está o atelier, com grandes mesas, estantes de livros e maquinários. O pavimento, que está metade enterrado, possui estreitas janelas na parte de cima, que garantem circulação de ar e luz natural para o subsolo.

No primeiro pavimento continua o espaço ocupado pelo atelier. Uma divisória translúcida no meio da sala garante privacidade para os arquitetos, enquanto janelas de piso a teto promovem luz natural para as mesas de trabalho. Encontra-se também neste pavimento o lavabo, de uso comunitário. Meio pavimento acima, um patamar é destinado inteiramente para as maquetes físicas, materiais e fotografias. É belo como as vigas metálicas são ressignificadas, recebendo o uso de prateleira, comportando pequenas maquetes e algumas quinquilharias.

[98] página anterior: Vista da entrada, com horta e árvores.

[99] página anterior: Vista da fachada nordeste, onde árvores foram plantadas e fazem sombra para a varanda no segundo pavimento.

[100] Corte perspectivado da Casa e Atelier Bow-Wow, retirado do livro *Graphic Anatomy*.

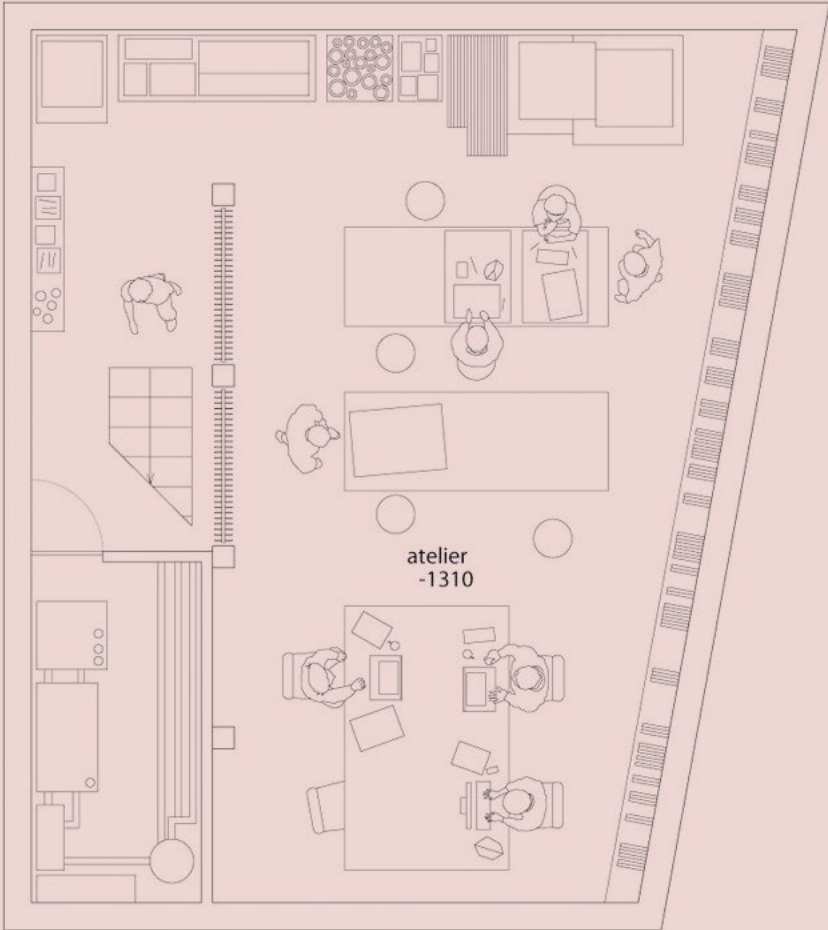
O segundo pavimento possui uma cozinha aberta, com bancada e uma mesa de jantar, logo em frente a escada. Um espaço aberto com uma grande mesa, cercado por janelas de piso a teto, que é tanto uma sala de estar, de jantar, escritório e ambiente de descontração para os membros do atelier. Seu uso é definido de acordo com o dia da semana, horário e ocupação do edifício. Uma varanda aos fundos estimula o contato com o meio externo, onde as pessoas podem ler ou tomar um chá. As árvores plantadas na face nordeste do lote fazem sombra neste espaço. Um patamar acima está uma pequena sala de estar, com televisão, uma prateleira de CDs, tapetes e mesinha. A escada de madeira, distinta das outras metálicas, é utilizada também como assento e prateleira para as decorações.

O terceiro pavimento é o único espaço de acesso 100% privado para o casal. Nele, ficam o quarto e o banheiro principal. Não encontramos registros fotográficos e nem desenhos deste andar. Por fim, através da escada para acesso que fica dentro de uma pequena estrutura com piso de tatami, encontra-se a cobertura. Um espaço de permanência e contemplação com vista para cidade, hortas e bancos. Um local para entrar em contato com a cidade, sem sair de casa.



[101] página anterior: Vista do pavimento 1,5 para a cozinha no 2o pavimento e atelier no 1o pavimento.

[102] Área de estar no segundo pavimento. As janelas de piso a teto enquadram a fachada do prédio adjacente. As sombras projetadas agem como um papel de parede móvel. A intenção dos arquitetos era tornar este pavimento como uma praça dentro do caos urbano, onde diversas atividades podem ocorrer simultaneamente.



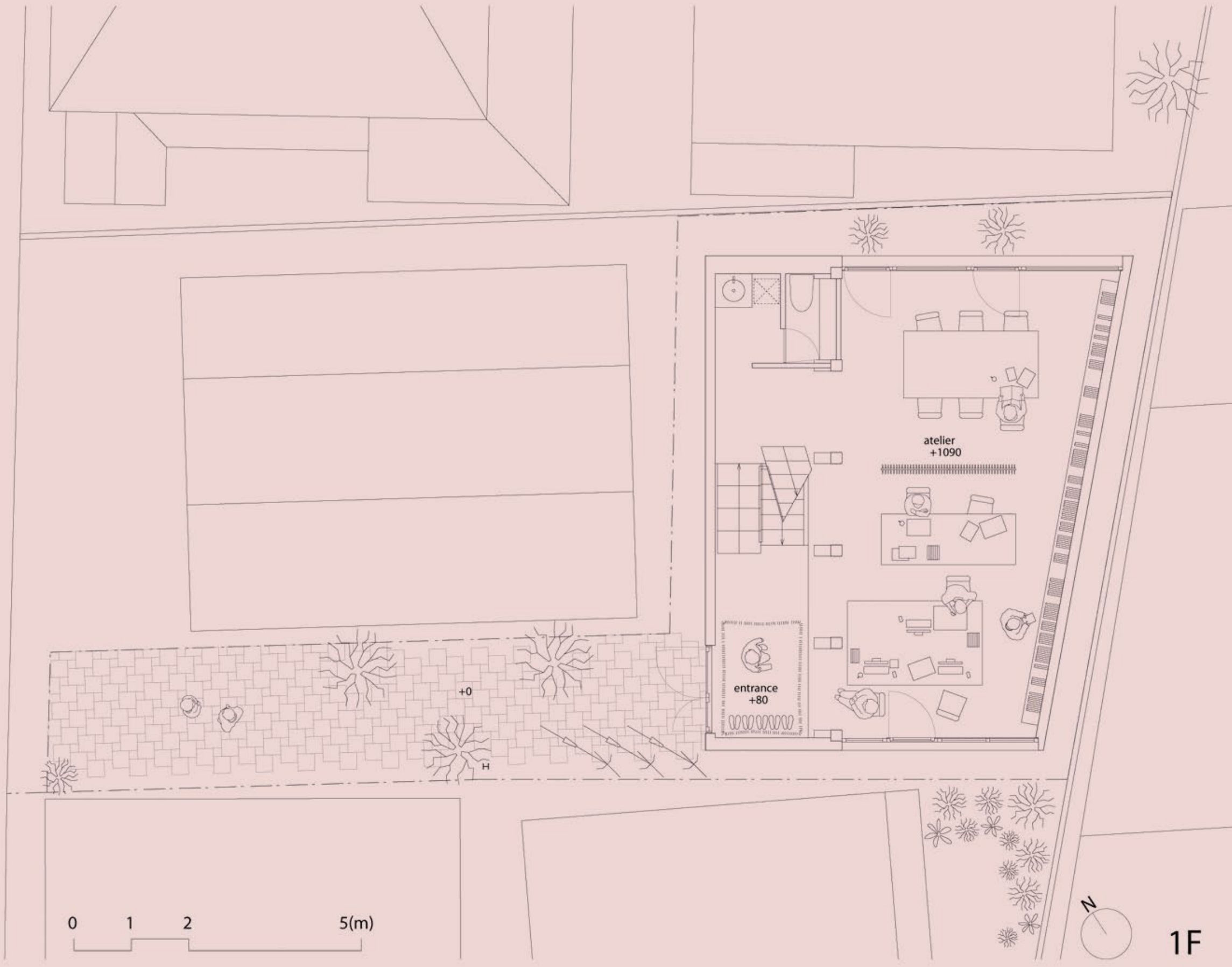
0 1 2 5(m)

B1F



- [103] Planta baixa do subsolo.
- [104] Espaço de escritório e atelier.
- [105] próxima página: Vista do *genkan*, onde deixam os sapatos antes de adentrar no edifício.







Pela dificuldade em administrar 3 locais diferentes (a moradia, o atelier e os laboratórios das respectivas universidades) os arquitetos decidiram por juntar os ambientes de morar e de trabalho, criando um espaço único e fluido, num desejo de compreender como o comportamento dentro do edifício seria afetado ao misturar estas atividades.

Com uma entrada única para ambos os ambientes, o edifício é formado por patamares e interligado de cima a baixo por escadarias. Ela possui uma transparência visual, com grandes aberturas e um patamar inteiro revestido com janelas de piso a teto. Voltadas para a fachada Sul, permitem a entrada da luz solar enquanto enquadram a fachada do edifício adjacente e a vista da cidade como papel de parede. A intenção do casal era criar um local que pudesse ser como uma praça no meio da cidade, onde diferentes atividades podem acontecer simultaneamente.

A separação dos programas (morar e trabalhar) é realizada pelo compartilhamento do espaço-tempo. Aos finais de semana todo o edifício é uma casa para duas pessoas. Já durante os dias de trabalho, o escritório amplia seu território para dois terços do edifício. Os objetos que ocupam estes espaços caracterizam seu uso. Sapatos na entrada, livros no primeiro andar, maquetes no segundo e CDs no terceiro definem cada ambiente e criam uma continuidade espacial.

[106] Implantação no lote bandeira.

[107] Atelier no primeiro pavimento. No pavimento intermediário, o espaço para armazenamento dos modelos físicos.

Eu tentei criar conectividade, mas pessoalmente a experiência é mais de este canto, aquele canto, outro canto. Significa que o contato que você sente não é tão forte: você está ciente de que outras pessoas estão ali, mas não é tão perturbador. Este tipo de conexão vertical é interessante (KAJIMA, Momoyo apud LOO; MULLA, 2010).⁴⁴

[108] Escada de circulação do primeiro para o segundo pavimento.

[109] Escada de circulação do subsolo para o primeiro pavimento.

44. I tried to create connectivity, but in person the experience of this is more one of this corner, that corner, another corner. That means the contact you feel is not so strong: you are aware that other people are there, but it is not so disturbing. This vertical type of connection is very interesting.





[110] Divisória translúcida no espaço do escritório no primeiro pavimento.

[111] Reunião entre os membros do Atelier Bow-Wow no primeiro pavimento.





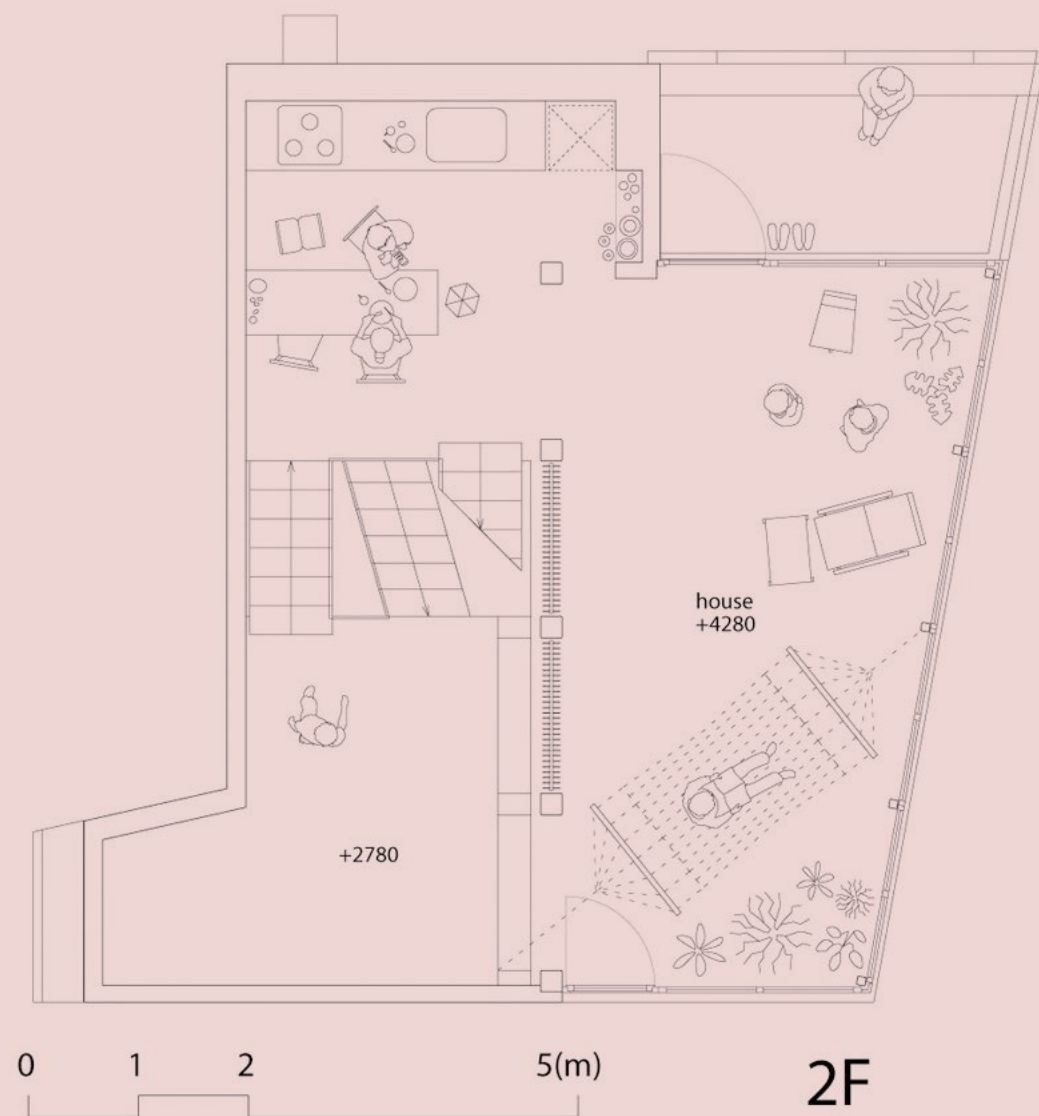
Me encanta como o Atelier Bow-Wow tem a incrível capacidade de transformar o pequeno e ordinário em algo pessoal e sensível

[112] Foto tirada do pavimento de entrada. A viga metálica está sendo utilizada como prateleira para exibir as maquetes e objetos de decoração.

[113] Foto da escada metálica com decorações penduradas.

[114] próxima página: Vista do pavimento 1,5 com as maquetes dispostas nas prateleiras, fotografias na parede e um móvel de origami pendurado na viga.





[115] Planta baixa do segundo pavimento.

[116] Espaço de estar no segundo pavimento.

[117] Segundo pavimento, com vista da escadaria e da área de estar.



Um dos principais objetivos do Atelier Bow Wow ao projetar este edifício foi repensar os vazios urbanos existentes entre os lotes e reaproximar os usuários com a cidade ao estimular o contato com o meio externo. A subdivisão dos lotes diminuiu significativamente o tamanho dos jardins, aproximando cada vez mais as casas, e substituindo-os por vãos inutilizados. Com o advento do sistema de ar condicionado, as janelas e cortinas foram fechadas e a privacidade dos olhares externos passou a ser supervalorizada nos projetos habitacionais. Em uma sociedade em que as pessoas estão cada vez mais isoladas, com o aumento de idosos e pessoas solteiras, criar oportunidades dos usuários em interagir com o meio externo é ainda mais essencial. Para isso, além das grandes janelas, foram criadas áreas externas que dão aos usuários mais oportunidades de passar tempo fora de casa. Uma varanda coberta no segundo pavimento, uma generosa cobertura e o caminho de entrada para a casa que foi transformado em um jardim coletivo para a vizinhança.



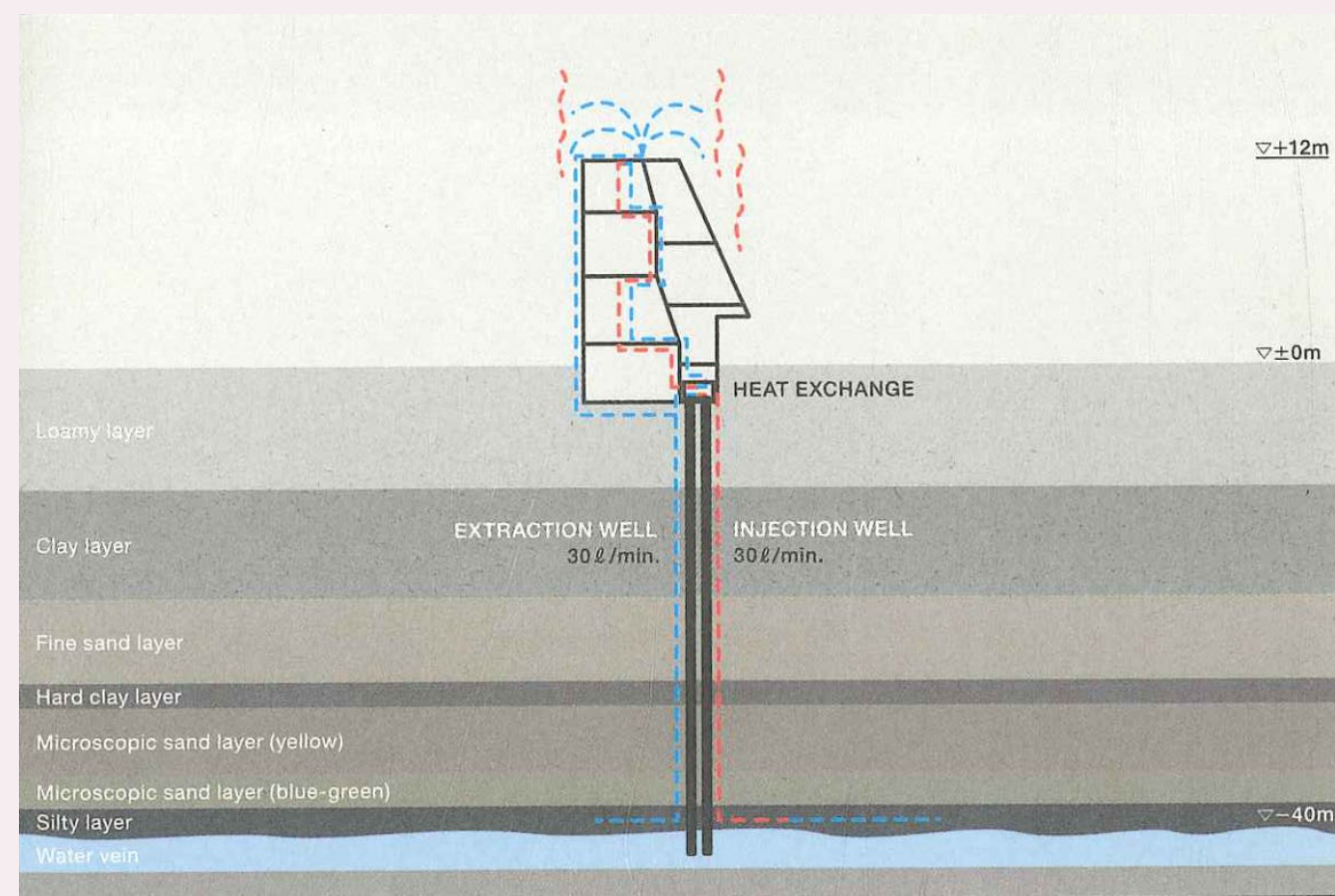
[118] Vista da varanda.

[119] Pavimento com uso híbrido, sendo espaço de descontração e reuniões do atelier durante o dia e a noite e aos finais de semana, sala de jantar para o casal. Na foto, o arquiteto Yoshiharu Tsukamoto.

É muito importante que cada casa tenha espaços externos explícitos onde as pessoas possam se comunicar com a rua, seja um jardim ou uma fresta. As pessoas não precisam sequer se falar, se reverenciar para cumprimentar ou trocar um sorriso já podem ser suficientes para reconstruir a solidariedade entre as pessoas. (TSUKAMOTO, Yoshiharu. apud NUIJSINK, 2012)

[120] próxima página: Esquema do sistema de resfriamento geotérmico.

Além disso, a sua inserção em um lote cercado por edifícios por todos os lados, compromete a ventilação natural e a exposição ao Sol. A liberação de calor nas frestas entre os edifícios por equipamentos de ar condicionado durante o verão (extremamente quente e úmido em Tóquio) desencoraja as pessoas a abrirem suas janelas para que a casa seja ventilada. Como solução foi pensado em um sistema de resfriamento geotérmico, que utiliza a água subterrânea para absorção de calor. Esse sistema troca calor com a água 40m abaixo do solo, que está constantemente em 15°C ao longo do ano. A produção de água quente durante o inverno e água fresca durante o verão reduz significativamente o consumo de energia comparado com um sistema tradicional de ar-condicionado. O radiador no centro do edifício permite que água quente e fria circule por todo o edifício.

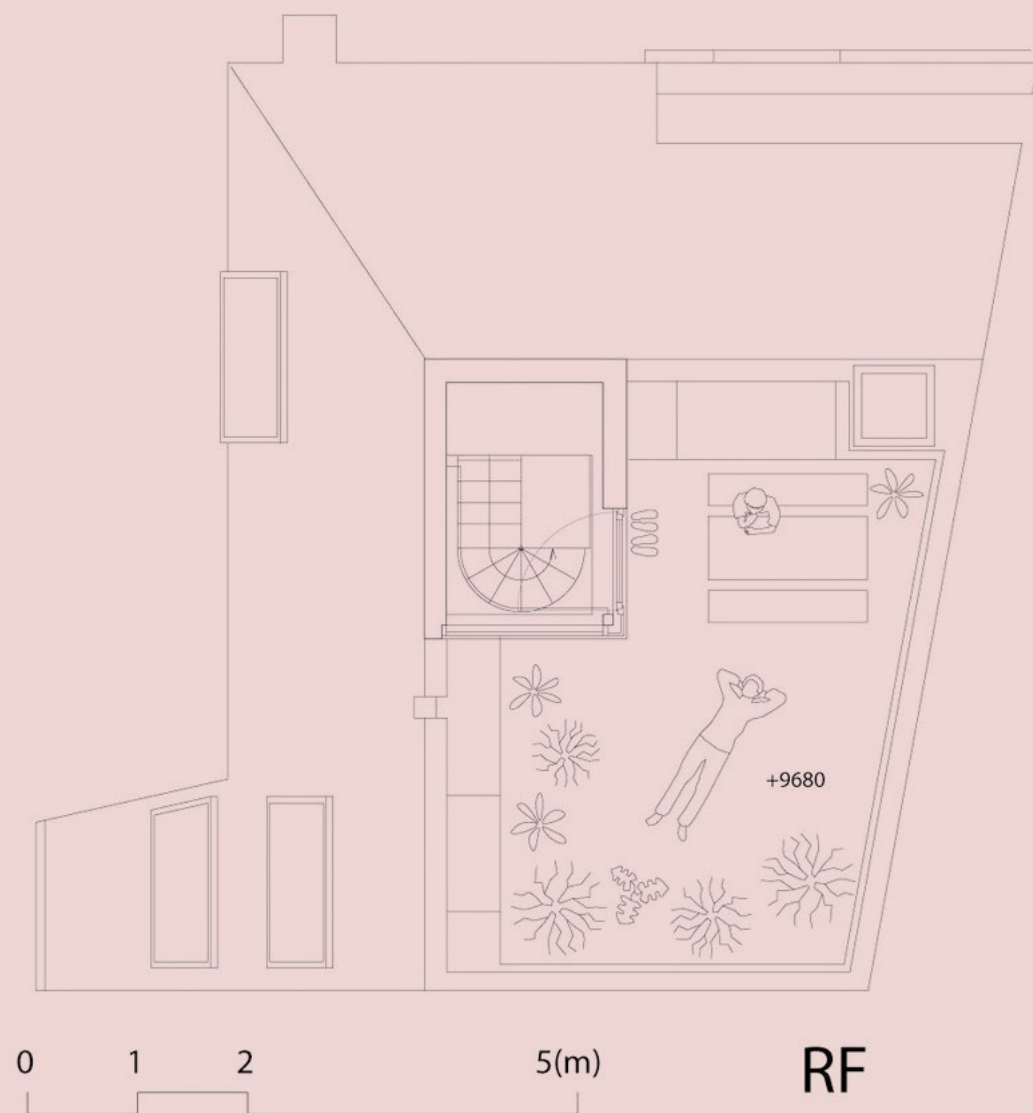




[121] Escada em madeira, distinto dos outros patamares, sendo utilizado também como banco.



[122] Patamar 2,5 com uma grande prateleira de CDs e televisão. Ambiente é utilizado como ambiente de estar e descanso, principalmente para os moradores.



[123] Planta baixa da cobertura.

[124] Um espaço semi-externo com piso de tatami para descanso, que comporta a escada metálica curva de acesso.

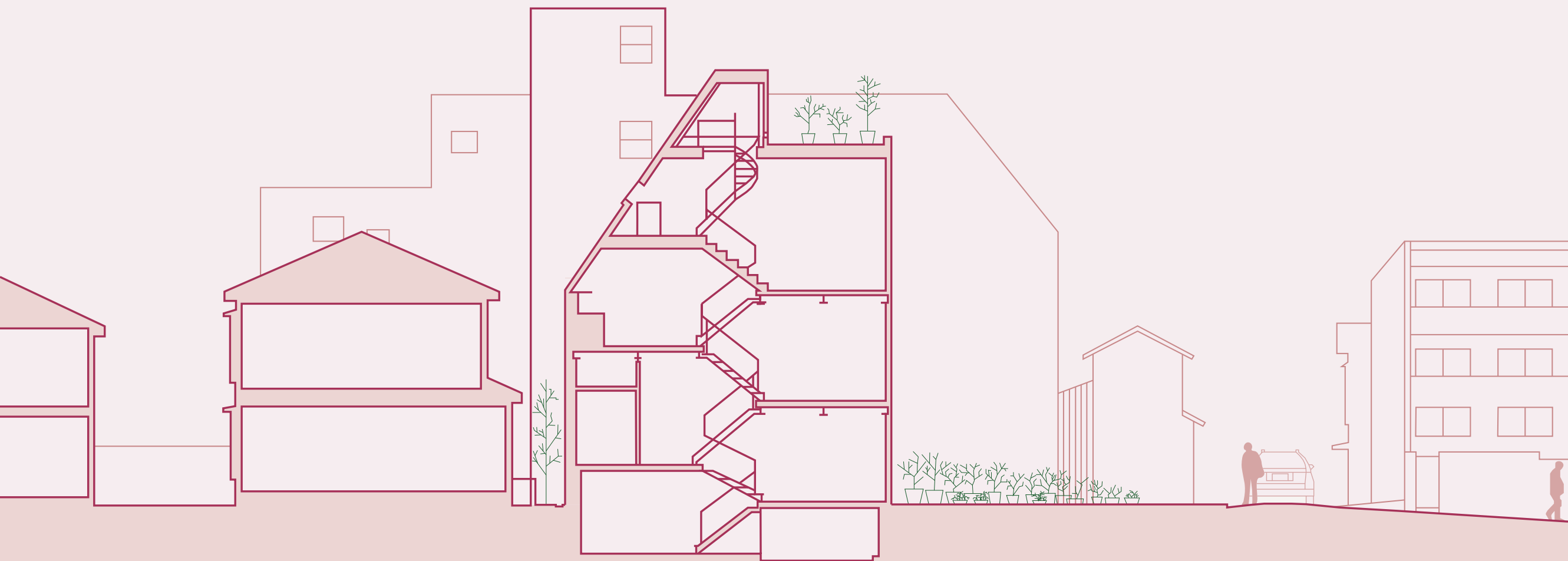
[125] O piso móvel possibilita que a escada seja parcialmente escondida e aumenta o espaço de descanso dentro da estrutura.



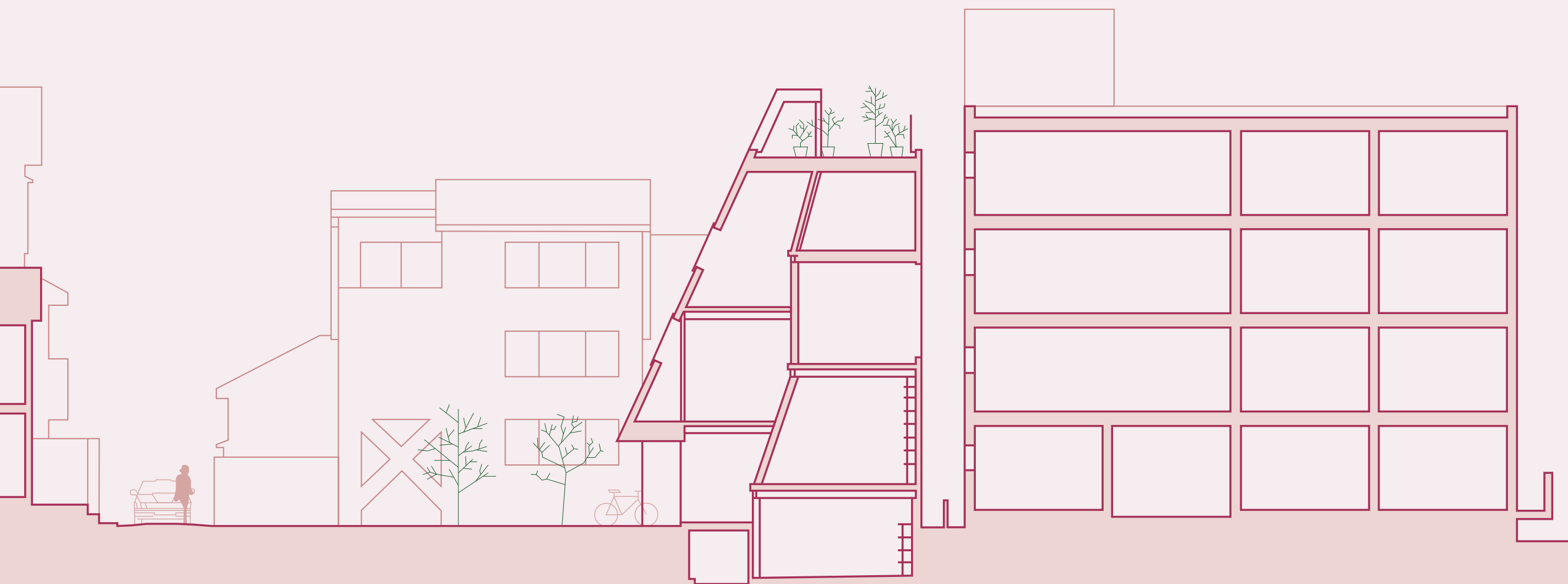


[126] Página anterior: Horta e bancos de madeira na cobertura.

[127] Corte longitudinal da rua, retirado do site *archiweb* e editado para melhor visualização.



[128] Corte transversal da rua, retirado do site archiweb e editado para melhor visualização.





Fundado em 1992 pelos arquitetos Momoyo Kaijima (1969) e Yoshiharu Tsukamoto (1965), o Atelier Bow-Wow situa-se em Tóquio e diferencia-se de outros escritórios ao trazer uma arquitetura vernacular urbana através de sua extensiva pesquisa sobre a lógica urbana. Nascidos em uma geração considerada “tarde demais” por não ter se beneficiado da bolha econômica da década de 80, iniciou sua atuação quando a economia já estava em colapso e projetos de grande escala não mais solicitados (ou reservados para escritórios de renome ou grandes construtoras). Dessa forma, focaram sua atuação na produção habitacional unifamiliar e na observação das cidades e dos padrões sociais. Esta geração, nascida na década de 60, possui uma visão positiva em relação a cidade (em contraponto com seus antecessores, que rejeitavam a cidade), pois de acordo com o arquiteto e crítico Taro Igarashi, acreditam que a reforma e inovação começam em pequenas ações.

Muito de sua prática inicial baseou-se em pesquisas de campo, resultando em grandes publicações, como as registradas no livro *Made in Tokyo* (2001) que catalogou edifícios peculiares e cotidianos de Tóquio chamados de *dame kenchiku* (arquitetura errada / que não deve ser feita). Pensados com o melhor custo benefício e menor esforço possível, geralmente apresentam sobreposições de usos completamente distintos, como uma

autoescola na cobertura de um supermercado. Segundo a dupla, estas não-arquiteturas exprimem a verdadeira essência do que representa Tóquio.

Sua pesquisa *Pet Architecture* mostrou como pequenos espaços residuais são aproveitados em Tóquio, resultando em edifícios únicos em tiras de lote com menos de 1 metro de largura, ou pontas de quadras triangulares, onde normalmente não são construídos. Seguindo a linha desta pesquisa, seus projetos residenciais também partem da compreensão de que nenhum espaço urbano precisa ser desperdiçado.

Além da observação dos acontecimentos arquitetônicos espontâneos na cidade, os arquitetos também se dedicaram a observar os comportamentos e suas variáveis na escala urbana e residencial. Com suas pesquisas sobre o *behaviorology*, estão constantemente explorando possibilidades e tipologias de espaços vitais na sociedade contemporânea.

Dessa forma, os projetos do Atelier Bow-Wow podem ser considerados mais humanistas, ao valorizar mais as questões subjetivas dos clientes, como seus sonhos, objetivos ou o simples desejo de alegrar o seu bicho de estimação. Embora tais questões subjetivas possam ser delicadas e difíceis de lidar, a dupla parece capaz de ir além de qualquer resposta óbvia e apresentar um novo repensar do programa e da ocupação do edifício (LOO; MULLA, 2010).

*A arquitetura do Atelier Bow-Wow não imagina um ambiente de vida idealista repleto de objetos recortados de revistas; eles estão preocupados em produzir uma resposta direta às necessidades do cliente que não dependa da criação de um pano de fundo neutro, “flexível” e semelhante a uma galeria. Por que o ocupante deve comprar móveis novos?*⁴⁵

45. Atelier Bow-Wow’s architecture does not imagine an idealistic living environment littered with objects cut from magazines; they are concerned with producing a direct response to client needs that doesn’t rely on creating a neutral, ‘flexible’, and gallery-like backdrop. Why should the occupant have to buy new furniture? (LOO; MULLA, 2010)

CASA MORIYAMA

NISHIZAWA RYUE

FICHA TÉCNICA

Arquiteto: Nishizawa Ryue

Localização: Ota-ku, Tokyo

Ano: 2005

Cliente: Senhor Moriyama

Área do lote: 290,02m²

Área construída: 130,06m²

Taxa de ocupação: 40%

Área total: 263,08m²

Altura máxima: 7,82m

Programa: casa privada + 5 unidades de habitação

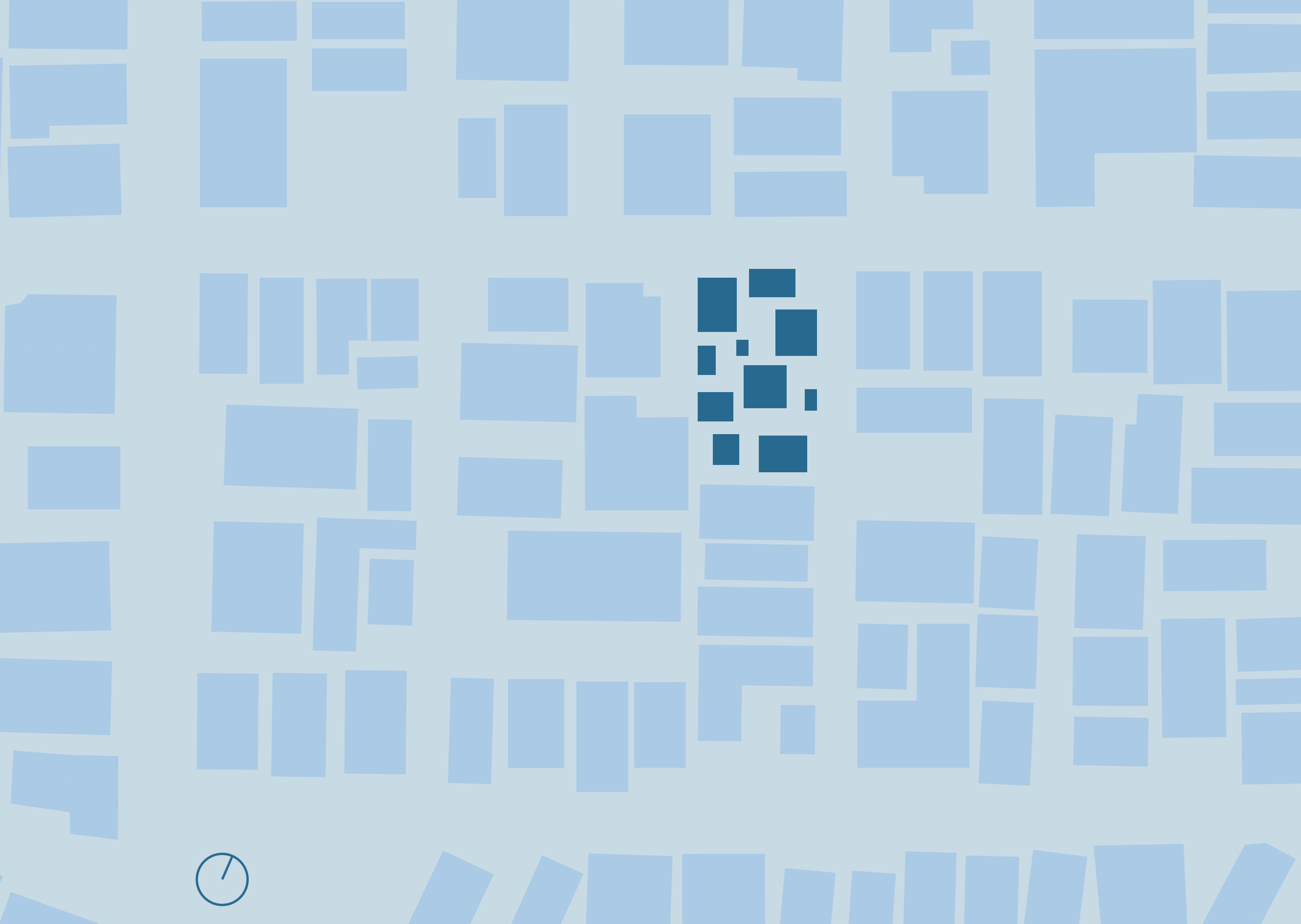
Unidades: 6 casas, distribuídas em 10 volumes

Pavimentos: variável (1 subsolo e 3 andares)

Estrutura: chapas de aço pré-fabricadas



[130] Fotografia aérea da Casa Moriyama, em que uma mulher (esposa do fotógrafo Edmund Sumner) lê um livro na cobertura do bloco G.



A IMPLANTAÇÃO

Localizada na região metropolitana de Ota, a 30 minutos do centro de Tóquio, a Casa Moriyama ocupa um lote de 290m² no bairro de Kamata. Ao distanciar-se um pouco dos animados arredores da estação, encontra-se um típico bairro suburbano residencial de baixo gabarito. Originado na década de 40, o bairro ainda manteve um caráter e estilo de vida muito tradicional. Ao caminhar pelas proximidades, Nishizawa percebeu que a paisagem é composta majoritariamente por estruturas em madeira de quase mesmas dimensões. Além disso, os jardins e estreitas vias públicas, chamadas rojis, são parte essencial do cotidiano dos moradores. Estes vazios são colonizados como extensão da casa, ocupados de forma espontânea e respeitosa com objetos e plantas.



Enquanto caminhava por Kamata, pensei que a maneira mais direta de criar uma casa confortável é criando um ambiente... No final, comecei a pensar que não é apenas uma questão de arquitetura, mas que também é importante criar um ambiente atraente. (KITAYAMA; TSUKAMOTO; NISHIZAWA, 2010, p.105, tradução nossa)⁴⁶

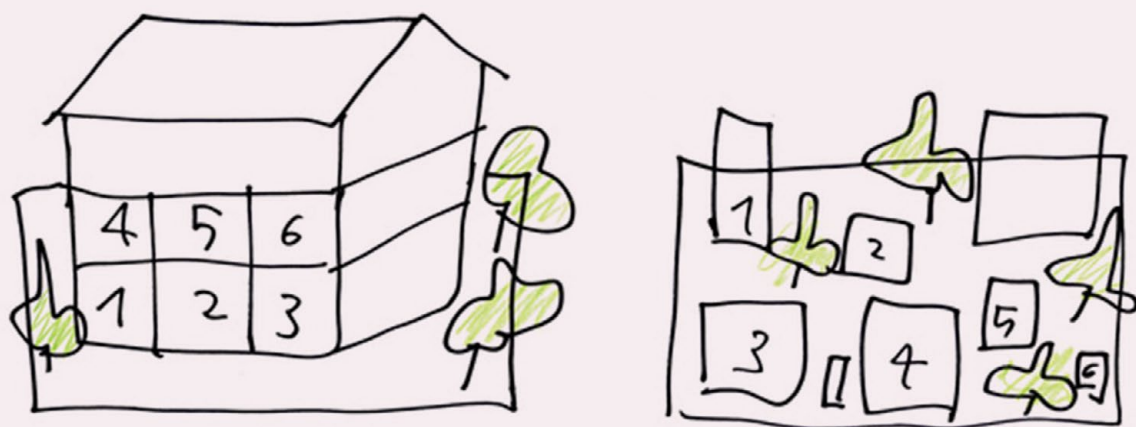
[131] página anterior: Implantação do projeto, retirado da revista El Croquis 139 e editado para melhor visualização

[132-134] Inserção da casa Moriyama, no bairro suburbano de Kamata.

46. As I was walking around Kamata I thought, the most straightforward way to create a comfortable house is to create an environment ... In the end, I started to think that it's not merely a question of architecture but that's also important to create an attractive environment.



No início dos anos 2000, o senhor Moriyama escreveu a Nishizawa, pedindo ao arquiteto que projetasse uma casa para ele. Nishizawa respondeu: "Você não precisa de uma casa, você precisa de uma aldeia na floresta." O projeto do arquiteto propôs a divisão de uma estrutura geral em "unidades", que ele simplesmente ordenou de A a J.⁴⁷



[135] Desenho esquemático feito por Nishizawa representando o desmantelamento do programa.

47. In the early 2000s, he wrote to Nishizawa, asking the architect to design a house for him. Nishizawa is said to have responded, "You don't need a house you need a village in a forest." The architect's design called for breaking an overall structure into "units," which he simply ordered from A to J.

Devido ao tamanho do terreno, relativamente maior quando comparado aos do entorno, caso optassem por ocupá-lo por inteiro (como as construções do entorno) seria muito destoante e impositivo no bairro. Com isso em mente, o arquiteto decidiu por dismantlar a casa em 10 volumes brancos de tamanhos distintos, distribuídos de forma aleatória pelo lote. Permeando os blocos, um jardim interconectado atua como um espaço semi-privado para os moradores. O projeto permitiu a manutenção do padrão urbano desta região, composto por sequências repetidas de pequenos prédios e vazios, além de permitir que cada morador pudesse ter um espaço semelhante ao roji.

Porém, mais do que uma simples reprodução do entorno e dos ciclos urbanos, para Domínguez e Garbayo (2018) é evidente que o tamanho, forma e proporções dos vazios do projeto de Nishizawa dificilmente são encontrados na cidade real. Enquanto o bairro é cheio de passagens estreitas, becos escuros e sem saída, no máximo ocupados por uma vegetação em suas bordas, a casa Moriyama é cuidadosamente estudada a fim de garantir dimensões humanas aos jardins. O terreno é tratado como um espaço poroso, aberto para a rua e contrasta com a compacta ocupação das construções do entorno, típicas da urbanização japonesa contemporânea.

Discreto em sua inserção, os blocos fundem com o ordenado entorno, ao mesmo tempo em que se destacam pela pureza do material branco metálico e as grandes aberturas. A transparência visual e física trouxe para o bairro mais leveza, estimulando o contato entre as pessoas da vizinhança. Para além, ao transformar o que seria uma única edificação em um amontoado de estruturas, novos relacionamentos entre os moradores, com o entorno e os vizinhos foi possibilitado.





Elas cultivam plantas ao longo das ruas e utilizam os roji como parques compactos onde as crianças podem correr à vontade. É uma maneira muito bonita de se usar a cidade. Hoje, quase todas as ruas de Tóquio estão cobertas por asfalto e permitem um único programa muito específico. Eu não consigo mais sentir muita liberdade nas ruas de Tóquio. [...]

Em Kamata as pessoas ainda mantêm o modo original de se usar uma cidade. Alguns roji seguem sem pavimentação e são utilizados para cultivar plantas ou como espaços públicos, ao invés de atender uma demanda de circulação e tráfego.

(NISHIZAWA RYUE, apud NUIJSINK, 2012)

[137] Objetos pessoais colocados nos espaços de jardim entre os blocos, de uso e ocupação livre pelos moradores.

[138] próxima página: O surgimento de sinais aparentes do tempo na fachada e a livre apropriação dos espaços externos com mobiliários e plantas.

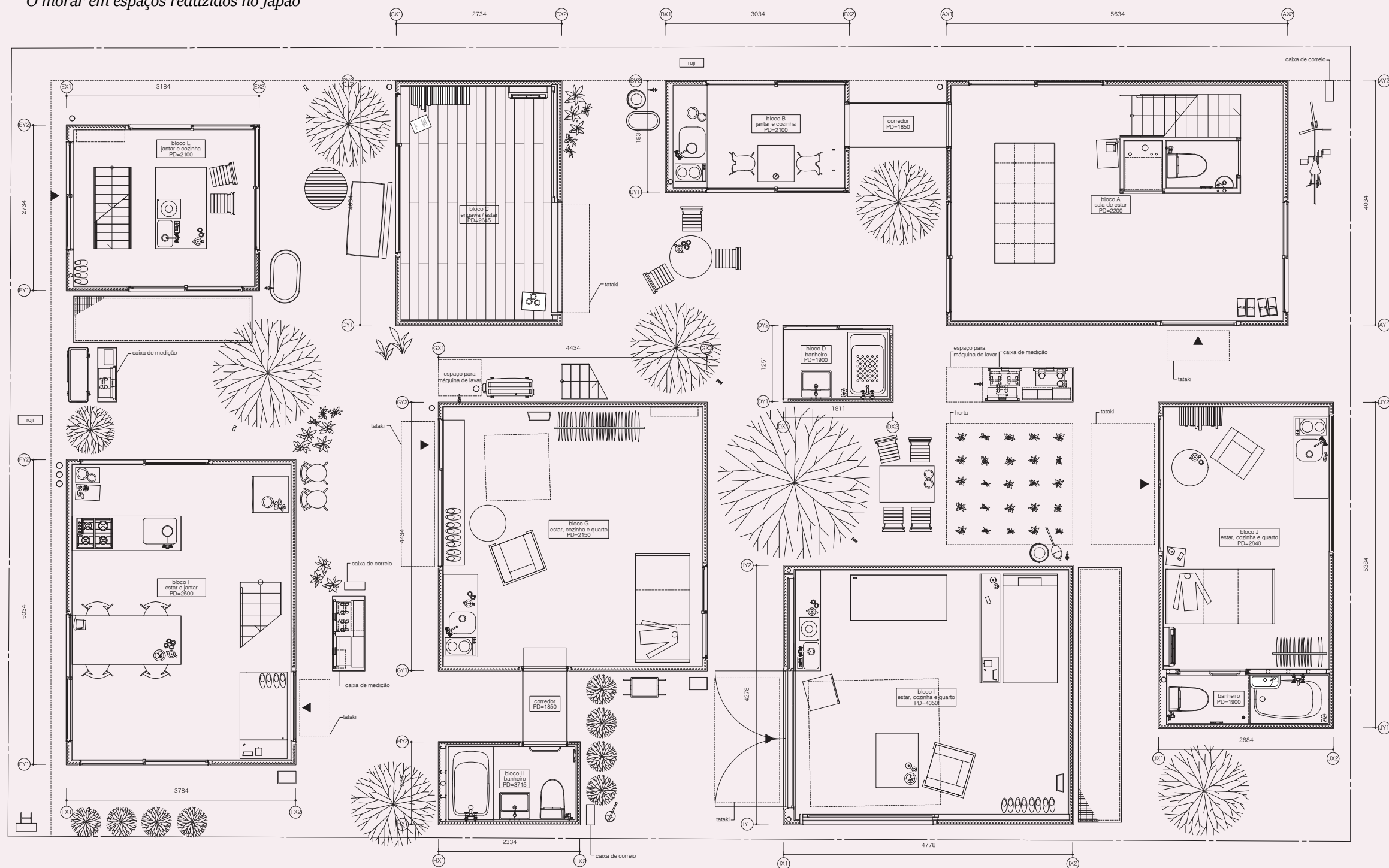
VOLUMETRIA

Um dos pré-requisitos apresentados inicialmente pelo senhor Moriyama foi a criação de uma casa para si, além de unidades que pudessem ser alugadas. Ele, que até então administrava uma loja de bebidas, desejava parar de trabalhar e poder ficar em casa apreciando sua coleção de filmes, músicas e livros, o que seria viabilizado ao alugar algumas unidades. O usual seria projetar um único e grande volume, com unidades distintas para o proprietário e outras para serem alugadas. Porém, ao optar por explodir a volumetria, Nishizawa conseguiu estabelecer um vínculo estrutural com o tecido urbano de seu entorno. Dentre os 10 blocos, atualmente o senhor Moriyama utiliza 4 (A, B, C, D) e aluga as outras 5 unidades habitacionais. A intenção é que o proprietário possa ocupar diferentes unidades ao longo dos distintos momentos da vida, o que talvez seja uma solução para o sucateamento da construção civil residencial no Japão, com a casa podendo ser adaptada conforme as necessidades dos moradores.

Nesta casa, o cliente tem a liberdade de decidir qual parte do conjunto de cômodos será utilizado como residência ou como quartos para alugar. Ele pode alternar entre a série de salas de estar e salas de jantar ou usar vários quartos ao mesmo tempo, de acordo com a estação do ano ou outras circunstâncias. O domínio da residência muda após sua própria vida. Pensei em criar uma casa em que o cliente possa usufruir de vários espaços e estilos de vida, não fixando o local de habitação num determinado local desta casa. ("SANAA 2004-2008", 2008, p. 286, tradução nossa)⁴⁸

48. In this house, the client is given the freedom to decide which part of this cluster of rooms is to be used as residence or as rental rooms. He may switch among the series of living rooms and dining rooms or use several rooms at a time according to the season or other circumstances. The domain of the residence changes after his own life. I am thinking of creating a house in which the client may enjoy various spaces and lifestyles, by not fixing the place of dwelling onto a particular spot in this house.





[139] Planta do pavimento térreo. É possível observar algumas entradas demarcadas com o *tataki* feito de concreto (antigamente era um chão de terra). A distribuição de objetos e mobiliários na área externa mostra como o arquiteto deu a mesma importância para ambos os ambientes.





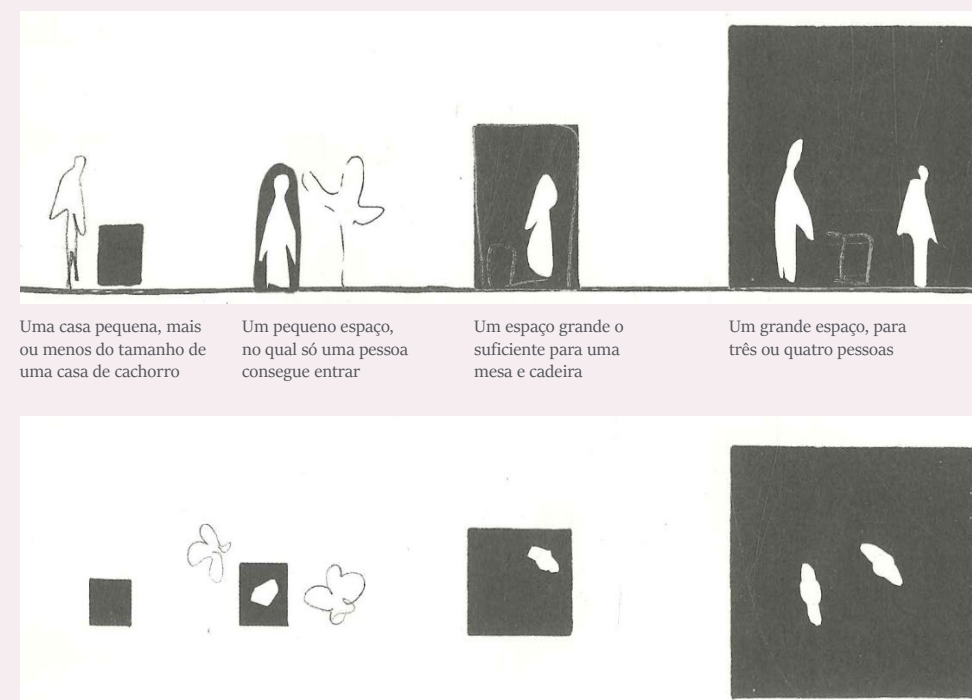
[140] Planta do primeiro pavimento. A cobertura acessada por escada externa é ocupada com mesa e cadeiras, tornando-se um espaço de socialização e estar.

O esquema especial da casa Moriyama também reconhece o poder do tempo como um catalisador de design a médio e curto prazo. Nesse sentido, os diferentes volumes que geram a casa permitem que o domínio da residência mude paralelamente à evolução da própria vida dos moradores. [...] No entanto, também pode ser lido como uma estratégia baseada no tempo que aceita a mudança e a única constante confiável com a qual o arquiteto trabalha, além de uma forte evocação das constantes transformações que ocorrem nas cidades em maior escala. (MARTÍN DOMÍNGUEZ; DE ESTEBAN GARBAYO, 2018, tradução nossa)⁴⁹

A independência dos blocos que não possuem uma estrutura em comum possibilitou que diferentes tamanhos e modelos pudessem ser definidos. Como resultado, uma variedade de moradias pôde ser projetada: com três pavimentos, de apenas um pavimento e sem divisão de cômodos, com pé direito extremamente alto de 4 metros entre outras variações. Entretanto, uma questão que o arquiteto perseguiu desde o início de seu projeto e que é comum em todos os volumes é a escala reduzida. As finas paredes de chapas de aço com apenas 6cm de espessura permitiram a maximização do espaço interno. Através de ilustrações, o arquiteto mostra as diferentes relações entre uma pessoa e um espaço que podem ocorrer, de acordo com a escala do ambiente. O banheiro (bloco D), por exemplo, de apenas 125 x 181cm, possui apenas uma pia e um espaço de banho, comportando apenas uma pessoa. Já a cozinha do senhor Moriyama (bloco B) é o espaço mínimo necessário para duas pessoas realizarem uma refeição.



[141] Bloco B a esquerda. Bloco A ao centro. Bloco D a direita.



49. Moriyama's spatial scheme also acknowledges the power of time as a design catalyst in the medium and short term. In this sense, the different volumes that generate the house permit the domain of the residence to change in parallel to the evolution of the inhabitants' own life. However, it can also be read as a time-based design strategy that accepts change and the only liable constant that the architect works with, and moreover, as a strong evocation of the constant transformations taking place in cities at a larger scale.

[142] Desenho feito por Nishizawa para representar as diferentes escalas de espaços pequenos e sua relação com o usuário.



[143] Banheiro (Bloco D), isolado no lote e acessível pelo jardim. Com dimensões apenas para uma pessoa (1,25 x 1,81m), possui apenas uma pia e banheira com chuveiro. A privacidade do usuário é garantida pelo posicionamento no centro do lote e pelas cortinas.



Embora a casa pareça extremamente translúcida, apenas 20% das fachadas são compostas por aberturas. Porém, a grande dimensão das janelas retangulares em locais inusitados e importantes do projeto conferem esta sensação de transparência. O quarto principal do senhor Moriyama no último pavimento do bloco A possui aberturas em todas as faces, além de uma na cobertura. Já o bloco J possui uma grande janela na cozinha voltada para a rua, de onde olhares curiosos enxergam a face traseira dos eletrodomésticos. As janelas nunca se abrem diretamente para outra e as árvores foram plantadas alinhadas a elas, para garantir a privacidade dos moradores e integrar a arquitetura e o jardim externo. O arquiteto se esforça para proporcionar quantidades similares de luz tanto dentro como fora da casa, diluindo ainda mais a separação física.



[145] Quarto do senhor Moriyama, no segundo pavimento do bloco A.



[146] Jardim interno com objetos pessoais e vasos de plantas.

Hoje, o proprietário utiliza quatro blocos como sua casa. O bloco A possui um subsolo e 3 pavimentos. No térreo, uma área de estar com um grande acolchoado branco no centro, lavabo e *genkan*. No primeiro andar, uma grande biblioteca com estantes móveis para a grande coleção de livros. O quarto principal fica no segundo andar e o subsolo é um estúdio utilizado para ouvir músicas e assistir filmes, as outras grandes paixões do senhor Moriyama. Interligado por um corredor de vidro, está o bloco B, com a cozinha no pavimento inferior e sala de estudos no superior. O bloco C que é uma área de estar tornou-se um espaço de convivência para todos os moradores do conjunto, onde se reúnem para tomar cerveja, almoçar e socializar. O espaço de banho é separado do resto, em um bloco único (D), com duas das paredes completamente transparentes de vidro, cobertas apenas por cortinas no momento do uso, resultando em um interessante jogo de luzes e sombras.

Os outros seis blocos compõem 5 unidades habitacionais. O bloco E possui dois pavimentos, com área de jantar e cozinha no térreo, quarto no pavimento superior, além do subsolo com o banheiro. O bloco F, um dos mais altos, possui 3 pavimentos, assim como o bloco A. A área de jantar e cozinha no térreo, solário e banheiro no primeiro andar, quarto no segundo e uma cobertura de acesso privado. O bloco G é de pavimento único, com quarto, área de estar e cozinha integrados. Sua cobertura, acessada por uma escada externa, é utilizada para momentos de integração entre os moradores. O banheiro situa-se no bloco H, conectado por uma passagem de acesso restrito. O bloco I possui o mais alto pé direito com 4,35m. O pavimento térreo é um espaço que integra a sala de estar, cozinha e quarto, enquanto o banheiro localiza-se no subsolo. Por último, o bloco J, com a menor área, de pavimento único com os usos integrados e apenas a separação do banheiro.

- A.1

Estúdio
- A.2

Sala de estar + lavabo
- A.3

Biblioteca
- A.4

Quarto
- B.1

Cozinha / jantar
- B.2

Sala de estudos
- C

Sala de estar / engawa
- D

Banheiro
- E.1

Banheiro
- E.2

Cozinha / jantar
- E.3

Quarto
- F.1

Estar / jantar
- F.2

Solário / banheiro
- F.3

Quarto
- G.1

Estar / cozinha / quarto
- G.2

Terraço
- H

Banheiro
- I.1

Banheiro
- I.2

Estar / cozinha / quarto
- J

Estar / cozinha / quarto / banheiro
- Blocos utilizados pelo sr. Moriyama
- Blocos alugados





BLOCO A estúdio



BLOCO A quarto principal



BLOCO A biblioteca



BLOCO B cozinha



BLOCO C sala de estar



BLOCO G cobertura



BLOCO D banho



BLOCO I cozinha, quarto e sala de estar



O ESPAÇO ENTRE

Neste projeto, o espaço externo recebe a mesma importância do espaço interno. Os blocos deixaram livres cerca de 55% do lote para o jardim, que atua como elemento de coesão entre eles. Sua disposição permitiu que cada casa tenha o seu próprio espaço de quintal, utilizado pelos residentes como uma extensão de sua propriedade. Além de servir como passagem para os moradores transitarem entre os volumes, seu uso não definido permite que cada pessoa aproprie deste espaço da maneira como preferir: uns plantam hortas, outros penduram as roupas ou colocam uma mesa e utilizam como local de trabalho. É uma relação muito semelhante ao que ocorre com os rojis, que são naturalmente colonizados com objetos pessoais e plantas, de forma respeitosa com sua vizinhança, diluindo a separação entre o público e privado.

Esse espaço serve como um corredor de passagem interligando os diversos volumes. Tanto para acessá-los quanto para transitar entre, é impossível não passar por este espaço semi-público. O tratamento igualitário dado aos quatro lados do lote faz com que não exista um único acesso, nem um caminho correto para acessar as casas. Além disso, quase nenhuma das entradas é demarcada, sendo confundido com as grandes janelas. (KOTSIORIS, 2019)

Não existe uma maneira de criar uma área sem construir paredes, traçar uma linha ou delimitar um território? A ausência de fronteiras leva a um conjunto bastante vago de circunstâncias. (KITAYAMA; TSUKAMOTO; NISHIZAWA, 2010, p. 99, tradução nossa)⁵⁰

50. Isn't there a way to create area without building a wall, drawing a line, or staking out one's territory? The absence of borders leads to a rather vague set of circumstances.

Além da ausência de delimitações entre os jardins dos moradores, Nishizawa não criou uma barreira separando o lote da rua. A proposta foi criar um espaço que não pode ser contido dentro das limitações do lote. Embora não exista uma separação física do que é de âmbito doméstico para o urbano, é possível perceber uma barreira psicológica, induzida pela distribuição de objetos pessoais e árvores que filtram a visão do que acontece ali. A clara diferenciação na materialidade do projeto em relação ao seu entorno, que embora consiga se fundir bem pela semelhança nas dimensões e no gabarito, deixa evidente que aquele é um espaço distinto de sua vizinhança.





CRIANDO UMA COMUNIDADE

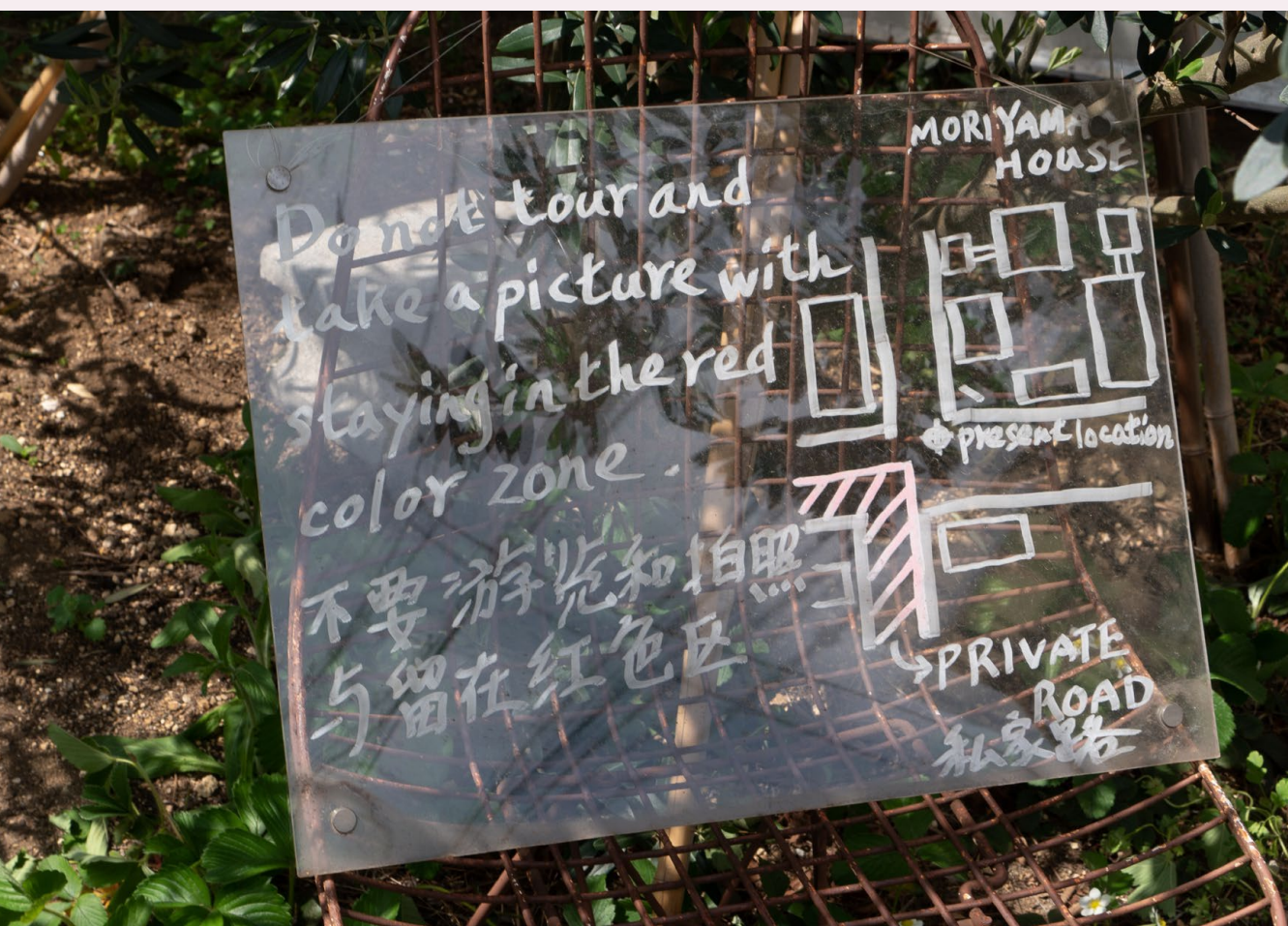
Em uma sociedade com cada vez mais pessoas solitárias e isoladas, projetar espaços que estimulem a vida em comunidade torna-se essencial. Após perder sua mãe, senhor Moriyama decide demolir a casa em que viveram e construir uma nova para viver com seu cachorro, além de unidades para serem alugadas. Com isso, Nishizawa decide criar uma pequena vila, no meio de Tóquio. Em contraste com as casas projetadas no pós-guerra que permitiam um único modelo familiar tradicional e eram independentes uns dos outros voltados apenas para o núcleo interno, a Casa Moriyama demonstra um relacionamento mais contemporâneo, em que as pessoas estão igualmente próximas e distantes umas das outras.



Foi surgindo ali uma vida em comunidade. O jardim com áreas generosas sem usos definidos que estimulam a apropriação de forma livre, é utilizado para churrascos, projetar filmes nas grandes fachadas brancas e socializarem, como pode ser visto no documentário Moriyama-san de Bêka & Lemoine. A casa promove encontros e momentos, como na cobertura do bloco G, acessado por uma escada externa e comporta mesas e cadeiras. Já a sala de estar do senhor Moriyama muitas vezes é utilizado pelos residentes para compartilham refeições. Além disso, a distribuição dos blocos e de suas atividades obriga o habitante a sair de casa e estimula pessoas reclusas a terem contato com o meio externo. Por exemplo, no simples ato de atravessar de um bloco para outro, é possível enxergar a movimentação da vizinhança. As grandes aberturas também permitem que pedestres sintam a presença dos moradores.



Mas acredito que, de acordo com ele, as pessoas que querem habitar essa casa têm que ter uma abordagem muito positiva em relação ao uso do espaço. Se as pessoas querem viver em um apartamento padrão de um único cômodo, seria melhor que fossem morar em um típico edifício construído por uma empreiteira.
(RYUE NISHIZAWA, apud NUIJSINK, 2012)



A privacidade dos moradores em casas tão abertas é garantida principalmente através de um respeito mútuo entre os residentes e a vizinhança. Existe um código de conduta implícito de não incomodar o próximo muito enraizado na cultura japonesa, que garante que olhares curiosos não ultrapassem a barreira invisível entre o público e privado. Porém, devido à grande fama atingida pelo arquiteto (principalmente após receber o prêmio Pritzker pelo SANAA em 2010) e pela obra, turistas começaram a frequentar constantemente a casa, invadindo a privacidade dos moradores, tornando-se necessário colocar sinalizações. O acesso a varanda, embora seja livre, é confiado apenas para vizinhos conhecidos. Nishizawa projetou este espaço com o intuito de ser como uma extensão do roji, em que pessoas podem apropriar, mas de forma sempre respeitosa e consciente de seu entorno.

[161-162] página anterior: Cenas do filme Moriyama-san de Bêka & Lemoine mostrando momentos de integração entre os moradores.

[163] Sinalização colocada em frente a casa, pedindo para visitantes não tirarem fotos em certos pontos ou entrar em certos lugares.

[164] Moradores utilizando a fachada de um dos blocos como telão para projetar filmes.



Existem muitas pessoas que apreciam a arquitetura. Por exemplo, tem essa mulher que usa o terreno da Casa Moriyama como um atalho entre A e B. Ela entende o conceito! Também existem algumas comunidades de gatos nessa vizinhança que sempre passam pelo projeto. Eles entendem o conceito de transparência. Outra mulher que vive na casa ao lado sempre traz o jornal ao Moriyama e o cumprimenta. Antes, para cumprimentá-lo, ela teria que passar pelo portão, entrar na viela e abrir outro portão. Agora, é fácil simplesmente passar e dizer 'olá'. Eu espero que a Casa Moriyama crie uma leveza na cidade. Se eu tivesse feito um único volume contendo todas as unidades eu não teria providenciado nada mais do que sombra para esse espaço. (RYUE NISHIZAWA, apud NUIJSINK, 2012)



[165] página anterior: Sala de estar do senhor Moriyama (bloco C) utilizado como local de integração entre os moradores.

[166] Cobertura do bloco G com muitos objetos pessoais dos moradores espalhados.



Nascido em 1966 em Kanagawa, Nishizawa Ryue é graduado pela Universidade Nacional de Yokohama em 1990. Nos primeiros anos de sua carreira, trabalhou no estúdio de arquitetura de Kazuyo Sejima. Em 1995, junto com ela, funda o SANAA em Tóquio e em 1997, funda o próprio estúdio. Em 2001 começa a lecionar na Universidade Nacional de Yokohama. Entre seus trabalhos mais renomados estão o Pavilhão de Vidro no Museu de Arte de Toledo, a Escola de Administração e Design Zollverein, Rolex Learning Center e o Museu de Arte Contemporânea de Kanazawa. Tornou-se o arquiteto mais jovem a receber o prêmio Pritzker em 2010, com Sejima pelo SANAA.

Além destas icônicas obras com o SANAA, o estúdio Ryue Nishizawa projetou habitações que trazem uma nova visão sobre a domesticidade. Entre elas, a Garden and House, Moriyama House e House A.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi baseada principalmente no desenvolvimento habitacional na região metropolitana de Tóquio. Nas províncias menos adensadas ou nos subúrbios mais afastados, a dimensão das casas ainda é relativamente generosa. O valor da terra mais baixo, devido a menor demanda nestas regiões possibilitou que o processo de subdivisão ocorresse de forma menos violenta.

É preciso entender que o conceito de espaço pequeno possui caráter subjetivo. Antes da revolução Meiji e do processo de ocidentalização dos costumes e da habitação, grande parte das atividades cotidianas (comer e dormir) eram realizadas no nível do chão. Além disso, a estatura média dos japoneses era muito menor, principalmente devido a alimentação⁵¹.

Dessa forma, as casas eram projetadas a partir de uma escala humana mais baixa, fator ainda mais padronizado pelo caráter modular das casas com os *tatamis* e *fusumas*. Apesar de hoje, a altura média dos japoneses ser maior, a dimensão média de uma residência foi mantida no imaginário popular, de forma que, o que é considerado pequeno para os padrões europeus e norte-americanos, no Japão – principalmente nas regiões metropolitanas – é considerado normal. O pé direito, por exemplo, é no mínimo 210cm⁵² nas áreas sociais (cozinha, sala de estar, quartos). Já a altura do vão das portas é em média 180cm. Portanto, devemos frisar novamente que esta pesquisa foi realizada através do ponto de vista de alguém que habita no Brasil, com as referências de dimensões ocidentais, além de bibliografias em grande parte de autores não asiáticos. As noções de escala são sempre pautadas em vivências próprias e variam de acordo com a história da população de cada país.

51. MORI, Hiroshi. **Secular Changes in Child Height in Japan and South Korea: Consumption of Animal Proteins and “Essential Nutrients**. Food and Nutrition Sciences, Vol.9 No.12, 2018

52. Artigo 21 da Ordem de Execução da Lei de Normas de Construção: O pé direito de cômodos que as pessoas usam continuamente deve ser de 2,1 m ou mais.

53. Objetos de uso diário (latas, garrafas de vidro, garrafas PET, papel, lixos orgânicos etc) podem ser descartados uma vez por semana em dias determinados. Objetos que não podem ser incinerados (eletrônicos, utensílios domésticos, lâmpada etc) e objetos maiores (móveis, bicicleta etc) podem ser descartados apenas uma vez por mês. Para a retirada dos objetos maiores, é necessário agendamento prévio e pagamento de taxa.



[169] Cena do filme Moriyama-san. Ila Bêka, cineasta arquiteto italiano, questiona o carpinteiro na obra “esta é uma casa? É muito pequena, ou é normal?” O carpinteiro responde “é normal.”

A arquitetura e design no Japão são conhecidos por sua estética simples e sem excessos, popularizado como o minimalismo japonês. Pautados no zen-budismo que defende o desapego material, e devido aos desastres ambientais que inviabilizavam o acúmulo de posses, o estilo de vida minimalista defende a beleza dos elementos naturais e a simplicidade dos traços. Recentemente, através de marcas como MUJI com seus objetos, mobiliários e casas baseados na estética do mínimo e simples, ou pela popularização da filosofia da escritora Marie Kondo, de manter apenas o mínimo possível (que faça sentido para o cotidiano e ‘traz alegria’ para o usuário), este conceito foi novamente popularizado e aplicado na arquitetura residencial.

Porém, esta tendência é conflituosa em uma sociedade que, além de muito inserida no sistema capitalista, o que estimula o consumo compulsório, possui a cultura do mottainai (desperdício) bastante enraizada em seus costumes. É possível observar uma clara tendência de acúmulo de objetos pessoais, tanto em casas de imigrantes no Brasil, como na grande maioria das casas no Japão. Dois fatores práticos estimulam o acúmulo de objetos pessoais: 1) a preferência por objetos novos, que faz com que objetos antigos não sejam aceitos como doação facilmente; 2) as rígidas regras e burocracias que dificultam o descarte de objetos⁵³.

A arquitetura contemporânea japonesa é muito pautada no minimalismo, como é possível observar nas casas de Sou Fujimoto. Contudo, é necessário pensar no contraste destes projetos, feitos para comportar um estilo de vida mínimo, como a cultura do *mottainai*, muito enraizada ainda na psique japonesa. Em contraste com as fotografias divulgadas destes projetos, a tendência é que estas casas de traços simples acabem contrastando com o excesso de objetos e a falta de locais de armazenamento. No filme Moriyama-san, é possível observar a casa de um dos moradores, extremamente caótica com o acúmulo de objetos pessoais, em divergência com a arquitetura dos blocos brancos e suas aberturas ortogonais, quebrando a estética proposta pelas fotografias deste projeto. Neste quesito, a arquitetura da dupla Bow-Wow parece atender melhor, ao analisar o estilo de vida, posses e costumes dos clientes, construindo casas que se adaptam e são capazes de atender as peculiaridades de cada morador. No próprio projeto da Casa e Atelier, a necessidade de espaço para armazenar seus livros e maquetes foi bastante considerada, de forma que a grande quantidade de objetos parece fazer parte da própria arquitetura.

Por fim, o envelhecimento populacional e o aumento de pessoas que moram sozinhas são pontos que merecem receber ainda mais atenção no contexto atual da pandemia. Em uma sociedade em que as pessoas se isolam cada vez mais e problemas como o *kodokushi* e o *hikikomori* tornam-se comuns, a necessidade de isolamento por motivações sanitárias agrava esta situação. Projetar habitações que repensem os novos modelos familiares e estimulem a sociabilização com a vizinhança e a criação de comunidades é essencial. É preciso considerar a acessibilidade e a ergonomia destas casas, menores e mais verticalizadas, para a população idosa. A Casa Moriyama consegue lidar bem com estas problemáticas, ao criar um espaço em comuna para o senhor Moriyama viver em contato com outras pessoas. Suas diversas tipologias também se adequam aos diferentes momentos da vida dos moradores, desde casas que comportam famílias maiores, pessoas solteiras, ou casas térreas e completamente acessíveis para pessoas mais idosas.



[170-171] Por dentro do bloco J, a casa ocupada com muitos objetos pessoais, contrastando com o minimalismo branco de sua arquitetura.

ACERVO ICONOGRÁFICO

JUSTIFICATIVA

[1] acervo pessoal

CAPÍTULO 1

[capa 2] <https://arquitecturaviva.com/works/jardin-y-casa-10>. Acesso em 05/03/2021

[3] <https://www.ranker.com/list/photos-of-japan-after-wwii/will-gish>. Acesso em 10/06/2021

[4] JAPANESE HOMES AND LIFESTYLES. An Illustrated Journey through History, p.87

[5] <https://questionjapan.com/blog/location-guides/japanese-style-rooms/>. Acesso em 20/05/2021

[6] JAPANESE HOMES AND LIFESTYLES. An Illustrated Journey through History, p.112

[7] 100 anos de habitação mínima: Ênfase na Europa e Japão, p.142

[8] <https://www.archdaily.com/933829/the-rise-and-fall-of-danchi-japans-largest-social-housing-experiment/5e47bco26ee67ec32000005b-the-rise-and-fall-of-danchi-japans-largest-social-housing-experiment-photo>. Acesso em 08/05/2021

[9] <https://www.archdaily.com/933829/the-rise-and-fall-of-danchi-japans-largest-social-housing-experiment/5e47bco26ee67ec32000005b-the-rise-and-fall-of-danchi-japans-largest-social-housing-experiment-photo>. Acesso em 08/05/2021

[10] SHINKENCHIKU JUTAKUTOKUSHU, August, 2017, SPECIAL ISSUE. P 39.

[11] SHINKENCHIKU JUTAKUTOKUSHU, August, 2017, SPECIAL ISSUE. P 38.

[12] SHINKENCHIKU JUTAKUTOKUSHU, August, 2017, SPECIAL ISSUE. P 43.

[13] Mathematics for/from Society: The Role of the Module in Modernizing Japanese Architectural Production, p. 208

[14] SHINKENCHIKU JUTAKUTOKUSHU, August, 2017, SPECIAL ISSUE. P 40.

[15] SHINKENCHIKU JUTAKUTOKUSHU, August, 2017, SPECIAL ISSUE. Contracapa

[16] SHINKENCHIKU JUTAKUTOKUSHU, August, 2017, SPECIAL ISSUE. P 40.

[17] SHINKENCHIKU JUTAKUTOKUSHU, August, 2017, SPECIAL ISSUE. P 41.

[18] SHINKENCHIKU JUTAKUTOKUSHU, August, 2017, SPECIAL ISSUE. P 47.

[19] <https://misfitsarchitecture.com/2018/07/22/architecture-misfit-32-kazuhiko-namba/>. Acesso em 05/04/2021

[20] Atelier Bow Wow

[21] <https://i.pinimg.com/originals/48/20/68/4820684cb707d3d4e4bc8c45a4072da7.jpg>

CAPÍTULO 2

[capa 22] <https://www.b-kyu.com/2014/02/summer-in-tokyo-wandering-suburbs.html?m=1>. Acesso em 17/06/2021

[23] <https://community.simtropolis.com/forums/topic/69364-how-to-make-a-japanese-city/>. Acesso em 05/04/2021

[24] <https://voyapon.com/walk-tokyo-city/>. Acesso em 22/04/2021

[25] https://en.wikipedia.org/wiki/Shibuya#/media/File:Tokyo_Shibuya_Scramble_Crossing_2018-10-09.jpg. Acesso em 04/06/2021

[26] Tokyo Metabolizing, p. 34

[27] https://en.wikipedia.org/wiki/Ise_Grand_Shrine#/media/File:Naiku_04.jpg. Acesso em 28/06/2021

[28] <http://www.kyotoursjapan.com/blog/2017/5/11/outside-of-kyoto-a-trip-to-ise-shrine>. Acesso em 08/07/2021

[29] <https://www.wsj.com/articles/tokyos-skinniest-houses-1420043290>. Acesso em 16/05/2021

[30-31] Tokyo ride, filme de Bêka & Lemoine

[32] The Monacelli Press

[33] <https://architizer.com/blog/inspiration/collections/beyond-metabolism/>. Acesso em 08/04/2021

[34] https://www.archdaily.com.br/br/01-36195/classicos-da-arquitetura-nakagin-capsule-tower-kisho-kurokawa?ad_medium=gallery. Acesso em 23/04/2021

[35] <https://www.iconichouses.org/icons-at-risk/nakagin-capsule-tower>. Acesso em 23/04/2021

[36] SHINKENCHIKU JUTAKUTOKUSHU, August, 2017, SPECIAL ISSUE. P 53.

[37] Made in Tokyo Map, 2001

[38] <https://worldarchitecture.org/article-links/efpgn/kooo-architects-renovates-traditional-japanese-machiya-house-with-light-interiors-in-kyoto-japan.html>. Acesso em 14/06/2021

[39] https://tokyo-chumon.com/land_search_selection/17136. Acesso em 31/03/2021

[40-43] <http://www.alatown.com/japanese-building-law/>. Editado

[44] Bureau of Urban Development Tokyo Metropolitan Government. Land Use Plans

[45] <https://archello.com/story/50045/attachments/photos-videos/1>. Acesso em 18/06/2021

[46-47] TOKYO METABOLIZING, p.39

[48] TOKYO METABOLIZING, p.41

[49] TOKYO METABOLIZING, p.40

[50] <https://www.flickr.com/photos/wakiiii/5875132821>. Acesso em 21/07/2021

CAPÍTULO 3

[capa 51] https://www.kashiwaya.org/e/magazine/onsen/near_tokyo.html. Acesso em 18/07/2021

[52] JAPANESE HOMES AND LIFESTYLES. An Illustrated Journey through History, p.81

[53] https://www.researchgate.net/figure/Katsura-Imperial-villa-Internal-view-Source-wwwpinterestcom_fig2_319134210. Acesso em 12/04/2021

[54] <https://www.archdaily.com/933829/the-rise-and-fall-of-danchi-japans-largest-social-housing-experiment/5e47bco26ee67ec32000005b-the-rise-and-fall-of-danchi-japans-largest-social-housing-experiment-photo>. Acesso em 08/05/2021

[55] <https://www.businessinsider.com/what-tokyo-japan-looked-like-60s-70s-retro-2017-3#1975-christmas-shoppers-hit-tokyos-ginza-district-two-days-before-the-big-day-despite-an-economic-slump-15>. Acesso em 29/06/2021

[56] https://www.reddit.com/r/pics/comments/8m5cqa/this_photo_is_the_work_of_photographer_naoya/. Acesso em 27/06/2021

[57] https://ja.m.wikipedia.org/wiki/%E3%83%95%E3%82%A1%E3%82%A4%E3%83%AB:Hakogike_house10.jpg. Acesso em 15/06/2021

[58] <http://quaderns.coac.net/en/2014/05/huo-shinohara/>. Acesso em 29/04/2021

[59] <http://socks-studio.com/img/blog/pao-toyo-ito-03.jpg>. Acesso em 18/06/2021

[60] <http://socks-studio.com/2016/02/07/pao-dwellings-for-the-tokyo-nomad-woman-by-toyo-ito-1985-and-1989/>. Acesso em 18/06/2021

[61-62] SHINKENCHIKU JUTAKUTOKUSHU, August, 2017, SPECIAL ISSUE. P 203.

[63] https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Azuma_house.JPG. Acesso em 14/03/2021

[64] https://www.penccil.com/files/U_40_73617704705_toyoito022.jpg. Acesso em 28/05/2021

[65] <https://backnumber.japan-architect.co.jp/english/2maga/ja/jao065/works/103.html>. Acesso em 13/06/2021

[66] <https://i.pinimg.com/originals/bo/66/8a/bo668a8e992d6f185abega401d55bbc7.jpg>. Acesso em 13/06/2021

[67] <https://www.archdaily.com/933829/the-rise-and-fall-of-danchi-japans-largest-social-housing-experiment/5e47bco26ee67ec32000005b-the-rise-and-fall-of-danchi-japans-largest-social-housing-experiment-photo>. Acesso em 08/05/2021

CAPÍTULO 4

[capa 68] El Croquis 191, p. 124

[69] Beyond the Bubble: The New Japanese Architecture, p.103

[70] The Japan Architect 34, p. 57

[71] <https://i.pinimg.com/originals/71/92/df/7192dfd1861a03a66fcbeged1d73cbc4.jpg>. Acesso em 29/05/2021

[72] Small Houses: Contemporary Japanese dwellings, p.51

[73] https://www.reddit.com/r/BlueprintPorn/comments/31zogp/atelier_bow_wow_split_machiya_section_2000x1362/. Acesso em 28/05/2021

[74] Atelier Bow Wow

[75] https://www.archdaily.com.br/br/01-47015/casa-na-sou-fujimoto-architects/47015_47025?next_project=no

[76] https://www.archdaily.com.br/br/01-47015/casa-na-sou-fujimoto-architects/47015_47025?next_project=no. Acesso em 09/07/2021

[77] <https://jornaisvirtuais.com.br/conheca-as-curiosidades-em-torno-da-floracao-das-cerejeiras-que-acontece-agora-no-japao-e-cria-cenarios-de-conto-de-fadas/>. Acesso em 09/07/2021

[78] <https://www.theguardian.com/cities/2017/nov/16/japan-reusable-housing-revolution>. Acesso em 09/07/2021

[79] <https://inhabitat.com/sou-fujimotos-glassy-house-na-blurs-the-distinction-between-indoor-and-outdoor-space/house-na-2/>. Acesso em 12/07/2021

[80] Small Houses: Contemporary japanese dwellings, p.154-155

[81] <https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-un-huerto-con-ciruelos-tokio-4>. Acesso em 12/07/2021

ANÁLISE: CASA E ATELIER BOW WOW

[82] <http://designer.org.tw/polysh/test/blog/ja/2015/05/14/atelier-bow-wow/>. Acesso em 10/07/2021

[83] How to Make a Japanese House, p. 103

[84] Architectural Practice in the Context of Post-Criticality: Spatial Thinking from City and Behavior of Atelier Bow-Wow, p.304

[85-91] Google maps. Acesso em 11/07/2021

[92] <http://designer.org.tw/polysh/test/blog/ja/2015/05/14/atelier-bow-wow/>. Acesso em 11/07/2021

[93] <http://designer.org.tw/polysh/test/blog/ja/2015/05/14/atelier-bow-wow/>. Acesso em 11/07/2021

[94] <https://www.world-architects.com/pt/atelier-bow-wow-tokyo/project/house-and-atelier-bow-wow>. Acesso em 12/07/2021

[95] <https://www.archdaily.com.br/br/796432/casa-e-atelier-atelier-bow-wow>. Acesso em 16/07/2021

[96-97] Tokyo Metabolizing, p.58

[98] <https://www.world-architects.com/pt/atelier-bow-wow-tokyo/project/house-and-atelier-bow-wow>. Acesso em 12/07/2021

[99] <http://designer.org.tw/polysh/test/blog/ja/2015/05/14/atelier-bow-wow/>. Acesso em 12/07/2021

[100] Graphic Anatomy, p.82-83

[101] Conversando con Momoyo, p. 22

[102-103] <https://www.archdaily.com.br/br/796432/casa-e-atelier-atelier-bow-wow>. Acesso em 16/07/2021

[104] <http://designer.org.tw/polysh/test/blog/ja/2015/05/14/atelier-bow-wow/>. Acesso em 10/07/2021

[105] <https://www.flickr.com/photos/studio360/3044027633>

[106] <https://www.archdaily.com.br/br/796432/casa-e-atelier-atelier-bow-wow>. Acesso em 16/07/2021

[107] <http://designer.org.tw/polysh/test/blog/ja/2015/05/14/atelier-bow-wow/>. Acesso em 10/07/2021

[108] <https://www.archdaily.com.br/br/796432/casa-e-atelier-atelier-bow-wow>. Acesso em 16/07/2021

[109] <https://www.maxxi.art/en/events/the-japanese-house/>

[110] <https://www.archdaily.com.br/br/796432/casa-e-atelier-atelier-bow-wow>. Acesso em 16/07/2021

[111-114] <http://designer.org.tw/polysh/test/blog/ja/2015/05/14/atelier-bow-wow/>. Acesso em 10/07/2021

[115] <https://www.archdaily.com.br/br/796432/casa-e-atelier-atelier-bow-wow>. Acesso em 16/07/2021

[116] <http://designer.org.tw/polysh/test/blog/ja/2015/05/14/atelier-bow-wow/>. Acesso em 10/07/2021

[117-118] <https://www.world-architects.com/pt/atelier-bow-wow-tokyo/project/house-and-atelier-bow-wow>. Acesso em 12/07/2021

[119] <http://designer.org.tw/polysh/test/blog/ja/2015/05/14/atelier-bow-wow/>. Acesso em 10/07/2021

[120] Tokyo Metabolizing, p.59

[121-126] <http://designer.org.tw/polysh/test/blog/ja/2015/05/14/atelier-bow-wow/>. Acesso em 10/07/2021

[127-128] <https://www.archiweb.cz/en/b/dum-atelier-bow-wow>. Acesso em 12/07/2021

[129] <https://www.dezeen.com/2019/10/25/made-in-tokyo-atelier-bow-wow-interview-new-york/>. Acesso em 16/07/2021

ANÁLISE: MORIYAMA HOUSE

[130] <https://www.dezeen.com/2017/04/14/edmund-sumner-decade-old-photographs-ryue-nishizawa-seminal-moriyama-house-photography-architecture-residential-japanese-houses/>. Acesso em 12/07/2021

[131] El Croquis 139 p. 282. Acesso em 12/07/2021

[132] <https://iwan.com/portfolio/sanaa-moriyama-houses-tokyo/>. Acesso em 12/07/2021

[133] <https://archello.com/project/moriyama-house>. Acesso em 12/07/2021

[134] <https://medium.com/iamacamera/moriyama-house-by-ryue-nishizawa-c9ae1fb7eb55>. Acesso em 12/07/2021

[135] El Croquis 139 p. 286. Acesso em 12/07/2021

[136] <https://archello.com/project/moriyama-house>. Acesso em 12/07/2021

[137] <https://medium.com/iamacamera/moriyama-house-by-ryue-nishizawa-c9ae1fb7eb55>. Acesso em 12/07/2021

[138] <https://www.dezeen.com/2017/04/14/edmund-sumner-decade-old-photographs-ryue-nishizawa-seminal-moriyama-house-photography-architecture-residential-japanese-houses/>. Acesso em 12/07/2021

[139] El Croquis 139 p. 288. Acesso em 12/07/2021

[140] El Croquis 139 p. 290. Acesso em 12/07/2021

[141] <https://arquitecturaviva.com/works/casa-moriyama-tokio-3#lg=1&slide=7>. Acesso em 12/07/2021

[142] Tokyo Metabolizing p. 86. Acesso em 12/07/2021

[143] <https://www.dezeen.com/2017/04/14/edmund-sumner-decade-old-photographs-ryue-nishizawa-seminal-moriyama-house-photography-architecture-residential-japanese-houses/>. Acesso em 12/07/2021

[144] <https://divisare.com/projects/342292-sanaa-kazuyo-sejima-ryue-nishizawa-jeroen-verrecht-moriyama-house>. Acesso em 12/07/2021

[145] <https://publicdelivery.org/moriyama-house/>. Acesso em 12/07/2021

[146] <https://medium.com/iamacamera/moriyama-house-by-ryue-nishizawa-c9ae1fb7eb55>. Acesso em 12/07/2021

[147] El Croquis 139 p. 286. Acesso em 12/07/2021

[148] <https://post.moma.org/the-life-in-between-ryue-nishizawas-moriyama-house-tokyo-2002-2005/>. Acesso em 12/07/2021

[149] El Croquis 139 p. 300. Acesso em 12/07/2021

[150] <https://www.dezeen.com/2017/04/14/edmund-sumner-decade-old-photographs-ryue-nishizawa-seminal-moriyama-house-photography-architecture-residential-japanese-houses/>. Acesso em 12/07/2021

[151] El Croquis 139 p. 298-299. Acesso em 12/07/2021

[152] <https://post.moma.org/the-life-in-between-ryue-nishizawas-moriyama-house-tokyo-2002-2005/>. Acesso em 12/07/2021

[153-157] Moriyama-san. Filme de Bêka & Lemoine. Acesso em 12/07/2021

[158] <https://www.dezeen.com/2017/04/14/edmund-sumner-decade-old-photographs-ryue-nishizawa-seminal-moriyama-house-photography-architecture-residential-japanese-houses/>. Acesso em 12/07/2021

[159] <https://medium.com/iamacamera/moriyama-house-by-ryue-nishizawa-c9ae1fb7eb55>. Acesso em 12/07/2021

[160] <https://post.moma.org/the-life-in-between-ryue-nishizawas-moriyama-house-tokyo-2002-2005/>. Acesso em 12/07/2021

[161-162] Moriyama-san. Filme de Bêka & Lemoine. Acesso em 12/07/2021

[163] <https://medium.com/iamacamera/moriyama-house-by-ryue-nishizawa-c9ae1fb7eb55>. Acesso em 12/07/2021

[164] Moriyama-san. Filme de Bêka & Lemoine. Acesso em 12/07/2021

[165] <https://post.moma.org/the-life-in-between-ryue-nishizawas-moriyama-house-tokyo-2002-2005/>. Acesso em 12/07/2021

[166] <https://publicdelivery.org/moriyama-house/>. Acesso em 12/07/2021

[167] Moriyama-san. Filme de Bêka & Lemoine. Acesso em 12/07/2021

[168] <https://www.dezeen.com/2017/04/14/edmund-sumner-decade-old-photographs-ryue-nishizawa-seminal-moriyama-house-photography-architecture-residential-japanese-houses/>. Acesso em 12/07/2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[169-170] Moriyama-san. Filme de Bêka & Lemoine. Acesso em 12/07/2021

[171] <https://archtrends.com/blog/moriyama-house-ryue-nishizawa-2002/>. Acesso em 20/06/2021

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATELIER BOW WOW. **Graphic Anatomy - Atelier Bow Wow**, 2007.
Disponível em: <<http://www.amazon.com/dp/4887062788>>

BENOÎT, J. On Things to Come : What contemporary Japanese architecture should be like. **Hosei University International Japanese Studies Institute. : Nihon ishiki no mirai: gurobarizeshon to Nihon ishiki. The future of Japanese Identity: Japanese identity and globalization**, p. 191–216, 2015.

BERG, N. **Raze, rebuild, repeat: why Japan knocks down its houses after 30 years**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/cities/2017/nov/16/japan-reusable-housing-revolution>>.

BOGNAR, B. The Ephemeral Metropolis : Tokyo as an Informational World City. **University of Illinois at Urbana-Champaign**, [s.d.].

BOGNAR, B. **Beyond the Bubble: The New Japanese Architecture**. [s.l.] Phaidor Press, 2008.

BOGNAR, B. What goes up, Must come down. **Harvard Design Magazine**, 2021.

BRAW, E. **Japan's disposable home culture is an environmental and financial headache**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sustainable-business/disposable-homes-japan-environment-lifespan-sustainability#:~:text=Japan's disposable home culture is an environmental and financial headache,-Fifteen years after&text=But in Japan%2C that appeal,average ho>>.

CARLIN, B. N. **The Architecture of Homelessness: A Critique of the New York Museum of Modern Art's Exhibition, A Japanese Constellation**. Disponível em: <<http://thecityasaproject.org/2017/01/the-architecture-of-homelessness/>>.

CASELLI, C. K. 100 anos de habitação mínima: Ênfase na Europa e Japão. **Building**, p. 273, 2007.

CHO, H. Smallness in Japanese House : From Postwar to Post-postwar Japanese Architecture. **Korean Journal of Japanese Dtudies**, v. 20, n. 1, p. 224–247, 2019.

CLOSER, C. Critical Metabolism. Interview with Yoshiharu Tsukamoto – Atelier Bow-Wow. **Quaderns - PUBLICACIÓ DEL COL·LEGI D'ARQUITECTES DE CATALUNYA**, 2014.

CROSSLEY-BAXTER, L. **Doomed to depreciate: The limited life span of a Japanese home explained**. Disponível em: <<https://www.rethinktokyo.com/2018/06/06/depreciate-limited-life-span-japanese-home/1527843245>>.

CROSSLEY-BAXTER, L. **Out with the old, in with the new: Why older buildings are unpopular in Japan**. Disponível em: <<https://www.rethinktokyo.com/2018/03/07/why-older-buildings-are-unpopular-japan/1519929705>>.

DANIELL, T. **After the crash: Architecture in Post-Bubble Japan**. New York: Princeton Architectural Press, 2008.

FOLZ, R. R.; MARTUCCI, R. Habitação Mínima : Discussão Do Padrão De Área Mínima Aplicado Em Unidades Habitacionais De Interesse Social. **Revista Tópos**, v. 1, n.1, p. 23–40, 2013.

FONSECA, N. M. R. Habitação mínima: o paradoxo entre a funcionalidade e o bem-estar. p. 202, 2011.

GÓMEZ ALFONSO, C.; ALVAREZ ISIDRO, E.; BARCHINO, A. T. Conversando con Momoyo Kaijima. **EGA Revista de Expresion Grafica Arquitectonica**, v. 22, n. 31, p. 12–33, 2017.

HEATHER, J. D. **Metabolism of Identity**. Disponível em: <<https://medium.com/architecture-landscape-urban-design/metabolism-of-identity-784a55e1c2e8>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

HEIN, C. Shaping Tokyo: Land development and planning practice in the early modern Japanese metropolis. **Journal of Urban History**, v. 36, n. 4, p. 447–484, 2010.

HILDNER, C. **Small Houses: Contemporary japanese dwellings**. Barcelona: Birkhauser, 2011.

HILL, D. **Moriyama House by Ryue Nishizawa**. Disponível em: <<https://morewithlessdesign.com/en/moriyama-house/>>. Acesso em: 17 jul. 2021.

Housing. **The Japan Architect**, 1991.

INABA, K.; NAKAYAMA, S. **Japanese Homes and Lifestyles - An illustrated journey through history**. [s.l.] Shokokusha Publishing Co, 2000.

KITAYAMA, K.; TSUKAMOTO, Y.; NISHIZAWA, R. **Tokyo Metabolizing**. Tokyo, Japan: TOTO LTD., 2010.

Kengo Kuma and “small” architecture. **Interaction Green**. 15 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://www.interactiongreen.com/inspiring-zero-perspectives-small-architecture-kengo-kuma/>> Acesso: 26 de jun. de 2021

KOTSIORIS, E. **The Life In Between: Ryue Nishizawa's Moriyama House, Tokyo, 2002-2005**. Disponível em: <<https://post.moma.org/the-life-in-between-ryue-nishizawas-moriyama-house-tokyo-2002-2005/>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

KUROKAWA, K. **Rediscovering Japanese Space**. [s.l.: s.n.].

LOO, P.; MULLA, S. Interview with Momoyo Kaijima of Atelier Bow-Wow. **Interstices: Journal of Architecture and Related Arts**, 2010.

MARTÍN DOMÍNGUEZ, G.; DE ESTEBAN GARBAYO, J. Home-city interactions in suburban Tokyo: Moriyama House by Ryue Nishizawa. **Revista de Arquitectura**, v. 23, n. 34, p. 45-53, 2018.

MICHAEL, C. **Has Tokyo reached ‘peak city’?** Disponível em: <<https://www.theguardian.com/cities/2019/jun/14/has-tokyo-reached-peak-city>>.

MOREIRA, I.; YOSHIMURA, Y. Práticas quotidianas aceleradas, ou onde vive Kazuyo Sejima. **Vitruvius**, 2003.

Nakagin Capsule Tower. **Kisho Kurokawa Architect and Associates**, 2015. Disponível em: <<https://www.kisho.co.jp/page/209.html>>. Acesso em 11 de jun. de 2021.

NEIVA, S.; RIGHI, R. A importância da cultura na construção do espaço urbano no Japão. 2008.

NUIJSINK, C. **How to Make a Japanese House**. [s.l.] NAI Publishers, 2012.

PERNICE, R. Metabolism Reconsidered Its Role in the Architectural Context of the World. **Journal of Asian Architecture and Building Engineering**, v. 3, n. 2, p. 357-363, 2004.

SANAA 2004-2008. **El Croquis**, n. 139, 2008.

SORENSEN, A. Land readjustment, urban planning and urban sprawl in the Tokyo Metropolitan Area. **Urban Studies**, v. 36, n. 13, p. 2333-2360, 1999.

SORENSEN, A.; OKATA, J.; FUJII, S. Urban renaissance as intensification: Building regulation and the rescaling of place governance in Tokyo's high-rise mansion boom. **Urban Studies**, v. 47, n. 3, p. 556-583, 2010.

STEELE, J. **Contemporary Japanese Architecture - Tracing the next generation**. [s.l.] Routledge, 2017.

The Japanese House: Architecture and Life After 1945 SPECIAL ISSUE. **Shinkenchiku Juutakushu**, 2017.

THE JAPAN TIMES. **Rising numbers of elderly people are living alone**. Disponível em: <https://www.japantimes.co.jp/opinion/2019/05/03/editorials/rising-numbers-elderly-people-living-alone/#.XVxA3pNKg_U>.

The Rise and Fall of Danchi, Japan's Largest Social Housing Experiment. **Archdaily**, 19 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/933829/the-rise-and-fall-of-danchi-japans-largest-social-housing-experiment>>. Acesso em 20 de jun. de 2021

THOMPSON, F. A comparison between Japanese Exterior Space and Western Common Place. p. 115-136, [s.d.].

TOWNSEND, Alastair. 25 de abr. de 2013. **Understanding Japanese Building Law**. Disponível em: <<http://www.alatown.com/japanese-building-law/>>. Acesso em 08 de jun. de 2021.

TSUKAMOTO, Y. Redefining the Gap. **Shinkenchiku Juutakushu, August 2017 SPECIAL ISSUE The Japanese House: Architecture and Life After 1945**, p. 139, 2017a.

TSUKAMOTO, Y. Genealogy of the critical spaces in Japanese houses: The architecture position of Go Hasegawa. **El Croquis**, p. 230-251, 2017b.

Why Japanese houses have such limited lifespans. Disponível em: <<https://www.economist.com/finance-and-economics/2018/03/15/why-japanese-houses-have-such-limited-lifespans>>.

YANG, J.; QIAN, C. Architectural Practice in the Context of Post-Criticality: Spatial Thinking from City and Behavior of Atelier Bow-Wow. p. 301-306, 2018.

YONEDA, K.; SERWETA, G.; AIA. Society of Insatiable Consumption: After World War II. **Bureau 0-1 - Tokyoism**, 2017.

REFERÊNCIAS VÍDEOS

Architectural Behaviorology: The Work of Atelier Bow-Wow. Asian Art Museum. Youtube, 06/03/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ncWDaSIImO_I&t=2625s> Acesso em: 24/07/2021

a+u 11_03 Atelier Bow-Wow. Shinkenchiku-sha Online. Youtube, 28/02/2011 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m-QFQgiiJiY&t=1s>>

O que podemos aprender com a arquitetura japonesa. Casa Vogue Experience 2020. Youtube, 04/12/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bNiAoG2-Wag>> Acesso em: 06/06/2021

MORIYAMA-SAN. Direção de Bêka & Lemoine. França, 2017.

TOKYO RIDE. Direção de Bêka & Lemoine. França, 2020.

Entrevistas retiradas do livro *How to Make a Japanese House*,
de Cathelijne Nuijsink

Tradução por Vinicius Mizobuti

ANEXOS

ATIVANDO AS FRESTAS

Arquiteto: Yoshiharu Tsukamoto

Ano de Nascimento: 1965

Formação Acadêmica: Tokyo Institute of Technology, Tóquio

Mentor: Kazunari Sakamoto (n. 1943)

A casa unifamiliar é um elemento essencial da cidade de Tóquio. Por quê você prefere projetos de pequena escala ao invés dos grandes empreendimentos em desenvolvimento na cidade?

Yoshiharu Tsukamoto: Tóquio é uma cidade de pequenas propriedades e de casas isoladas no lote. Para se ter uma ideia, Tóquio tem mais de 1,8 milhão de proprietários de imóveis, dos quais 1,7 milhão são pessoas físicas. A infraestrutura urbana de Tóquio é caracterizada pela enorme diferença de escala entre os mega desenvolvimentos e as pequenas casas independentes. Visto que a propriedade de terra é bastante segregada, a casa unifamiliar possui um papel de extrema importância no tecido urbano. Eu me interesso por um novo senso de ordem, pelo desenvolvimento espacial que emerge da acumulação de pequenos elementos em oposição à ordem que se implica nas grandes escalas. A casa unifamiliar também é interessante por nos permitir debater uma questão central da disciplina: por quê construímos?

Idealmente a casa unifamiliar constrói um vínculo entre a cidade e os seus residentes. Por que a maior parte das casas de Tóquio perderam essa conexão?

YT: Um dos motivos é que as propriedades em Tóquio foram ficando cada vez menores ao longo das últimas décadas, por conta da subdivisão dos terrenos. As casas construídas hoje perderam seus jardins e suas áreas externas semi-cobertas.

As janelas também ficaram muito menores e são geralmente fechadas por cortinas, o que resulta em casas introvertidas. Além disso, o relacionamento entre vizinhos atualmente não é muito respeitoso se comparado com antigamente, em que as pessoas costumavam compartilhar muita coisa com sua vizinhança. Hoje em dia raramente compartilhamos algo com a nossa comunidade. As pessoas vivem em um sistema social abstrato, em que não há autonomia do espaço comunitário.

Você acha um grande problema que as pessoas estejam optando pela individualidade ao invés de uma vida baseada em comunidade?

YT: Uma das coisas mais chocantes do Japão atual é que idosos morrem sozinhos em suas casas e não são descobertos por meses. Muitas pessoas dizem que isso é consequência da falta de solidariedade, mas eu acredito que isso também é um problema espacial. Dado que as casas são muito introvertidas, não conseguimos perceber de fora o que está acontecendo do lado de dentro. As pessoas valorizam uma casa de acordo com o seu nível de privacidade, mas o problema reside no fato de que a tradução espacial da privacidade é pobre e facilmente resulta em um gesto protetor e retraído. Uma mesma casa pode ter diversas facetas. Por exemplo, uma parte da casa pode ser muito aberta, enquanto outras são mais protegidas. Esse é o motivo pelo qual eu gosto de introduzir espaços de loggia, principalmente em megalópoles como Tóquio. As loggias permitem aos moradores passarem um tempo do lado de fora, enquanto pedestres podem verificar se os moradores estão bem. Ela também providencia outra dimensão à casa isolada no lote, um espaço que hoje é puramente ocupado pelos membros da família.

O edifício da House & Atelier, que funciona como sua residência e estúdio do Atelier Bow-Wow, é um típico terreno em formato de bandeira. A solução típica para um espaço tão limitado como esse é simplesmente erguer paredes sólidas. Qual é a alternativa que você propõe?

YT: O terreno em formato de bandeira é um dos dez tipos de divisão de lotes que se encontra em Tóquio. Esse tipo de lote é largo nos fundos, cercado por edifícios de todos os lados e conecta-se à rua por um pedaço de terreno muito estreito. Como o prédio mal pode ser visto da rua, ele cria uma relação de vivência interna ao quarteirão. Quando começamos a projetar a House & Atelier, observamos as condições do entorno e percebemos uma abertura limitada em relação ao Sul do terreno e ao corredor de acesso, enquanto tínhamos uma conexão atrativa com as paredes dos vizinhos. Nós optamos por utilizar a volumetria que atende ao código de obras e fomos testando articulações espaciais dentro dessa forma para encontrar uma solução que utilizasse o máximo de volume possível. O volume proposto tem 10m de altura e quase 2m de subsolo, totalizando 12m em altura. Inicialmente dividimos esse volume em duas partes: a superior para nossa residência e a inferior para o ateliê, com um pavimento intermediário de 1,4m para depósitos. Nessa proposta havia uma escadaria externa que dava acesso independente à residência, mas a ideia de relacionar moradia e trabalho estava tão presente em nossas mentes que acabamos rejeitando esse esquema. Se o partido assume que moradia e trabalho deveriam estar desconectados, então seria melhor que fossem construídos em terrenos diferentes. No entanto, nós estávamos interessados em observar como a mescla de habitar e trabalhar poderia transformar nosso comportamento dentro do edifício. Nossa proposta final possui apenas uma entrada e o espaço interno é conectado verticalmente da base ao topo, conectando as áreas comuns de trabalho e as áreas privadas de moradia.

Como você traz vida para terrenos em formato de bandeira?

YT: Todo edifício no Japão é independente, e edifícios adjacentes não compartilham das mesmas paredes. Por conta disso, frestas residuais são criadas entre os prédios. Frestas sem nome nem forma existem em todo canto da cidade e carregam consigo um forte significado. Embora sejam considerados um subproduto dos hábitos japoneses de construir, a existência dessas frestas deveria comunicar uma resposta às intenções do projeto.

De que forma a House & Atelier redefine essas frestas?

YT: Nós avaliamos o uso das frestas como parte do espaço externo da casa, provendo aos usuários mais oportunidades de usufruir dos espaços abertos. É muito importante que cada casa tenha espaços externos explícitos onde as pessoas possam se comunicar com a rua, seja um jardim ou uma fresta. As pessoas não precisam sequer falar, se reverenciar para cumprimentar ou trocar um sorriso já podem ser suficientes para reconstruir a solidariedade entre as pessoas. E não podemos nos esquecer da vegetação que enriquece as frestas de formas inesperadas. Na House & Atelier nós plantamos três árvores em um espaço bastante estreito do lado Norte da casa. Uma delas, uma Paulownia, tem 10m de altura e fornece uma sombra muito confortável em nossa varanda.

A fachada do edifício, com suas projeções e planos inclinados inusitados, responde ao entorno, o que parece também causar um impacto no interior da casa.

YT: Seguindo o código de obras, fizemos as paredes externas se inclinarem para dentro do volume. Pavimentos segmentados, maiores que os patamares das escadas, flutuam dentro do edifício, enquanto as colunas centrais também se inclinam, seguindo os limites das lajes do primeiro e do terceiro pavimento. Isso tudo também afeta a maneira como as pessoas se comportam dentro da casa.

Me parece que patamares e escadas servem como os espaços principais desse edifício ao invés dos cômodos tradicionais. Que relações vocês criaram no interior do prédio?

YT: Essa casa possui patamares, pisos e escadas de variados tamanhos. Os objetos que ocupam esses espaços são os que os caracterizam. A disposição de diferentes objetos entre as áreas de morar e trabalhar criam uma continuidade espacial dentro do edifício. É um espaço que não surge de forma autônoma, ele constantemente altera sua percepção ao mesmo tempo em que incorpora as frestas adjacentes ao edifício.

Vocês levaram a ideia de aberturas visuais ao extremo. A House & Atelier Bow-Wow apresenta uma janela que vai do piso ao teto em um local bastante inesperado da sala de estar, voltado diretamente à parede do vizinho.

YT: A House & Atelier introduz a noção de abertura visual ao incorporar grandes aberturas que se voltam aos vizinhos. A grande janela manifesta que a nossa sala de estar faz parte do entorno da vizinhança, enquadrando as paredes dos edifícios adjacentes como um papel de parede. Nós queríamos transformar esse piso entre as áreas de trabalho e moradia em uma espécie de praça onde diferentes atividades ocorrem simultaneamente.

Como você lida com os dois programas - uma residência e um escritório - em um único edifício?

YT: A solução é o compartilhamento do espaço-tempo. Aos finais de semana todo o edifício é uma casa para duas pessoas. Já durante os dias de trabalho, o escritório amplia seu território para dois terços do edifício. O que importa é que o edifício está habitado 24 horas por dia, e é muito eficiente em relação ao consumo de energia.

Isso significa que a linha entre o escritório e a sua casa está constantemente mudando?

YT: Sim, é isso que gostamos de fazer.

Um terreno em formato de bandeira implica em pouca exposição ao Sol e pouca ventilação natural. Que ações vocês tomaram para tirar o máximo de proveito dessas deficiências?

YT: Durante todo o verão as peças externas dos equipamentos de ar-condicionado liberam seu calor nas frestas entre os edifícios. Isso desencoraja as pessoas de abrirem suas janelas para que a casa seja ventilada. Para contornar essa situação, nós instalamos um sistema geotérmico, que utiliza a água subterrânea para absorção de calor. Esse sistema troca calor com a água 40m abaixo do solo, que está constantemente em 15°C ao longo do ano. A produção de água quente durante o inverno e água fresca durante o verão reduz significativamente o consumo de energia comparado com um sistema tradicional de ar-condicionado. O radiador que você vê no centro do edifício permite que água quente e fria circule por todo o edifício.

O edifício foi concluído em 2005. Vocês notaram alguma melhora na vizinhança?

YT: Recentemente, os vizinhos com quem dividimos o corredor de entrada começaram a reformar suas casas. Antes disso, suas janelas estavam sempre fechadas para o lado do corredor, mas hoje eles as deixam abertas. Parece que eles não nos acham mais tão agressivos e reconheceram nossa boa vizinhança. O corredor de entrada acabou se tornando um pequeno jardim para eles.

O que mais os arquitetos têm a contribuir com a vizinhança ao projetar pequenas casas unifamiliares?

YT: Embora a casa seja projetada para um grupo específico de moradores, ela também pode ser categorizada dentro da

genealogia de tipos residenciais. Os arquitetos japoneses da nossa geração estão projetando a quarta geração de residências. O tipo da casa isolada no lote apareceu primeiro nos anos 1920, durante o primeiro desenvolvimento suburbano. Como o tempo médio de vida de uma casa japonesa é de menos de 30 anos, os prédios foram renovados ao menos duas vezes nos últimos 90 anos, e agora estamos começando a quarta geração de casas. Cada geração é baseada no seu tempo. A diferença é óbvia. A transformação da casa ao longo do século 20, avaliada da primeira à terceira geração, pode ser resumida nos fatos de que as casas ficaram menores, restritas ao núcleo familiar, e que perderam seus espaços externos para socialização. Isto é, a casa se tornou intolerante e mesquinha. Os arquitetos podem questionar essas tendências e mostrar uma nova estrutura de propostas tipológicas para criar melhores condições de vida. A genealogia de uma casa é muito importante no que diz respeito ao ambiente urbano, que é uma disposição aleatória de diferentes gerações de casas. A solidariedade através da produção arquitetônica foi completamente esquecida. Isso afeta profundamente o estado atual das nossas comunidades.

Você pode resumir o diálogo entre a House & Atelier e o seu entorno?

YT: A House & Atelier é uma casa típica da quarta geração de casas, e com isso reflete uma crítica direta às gerações anteriores que foram construídas no século 20. Minha intenção foi de tornar a casa mais generosa das seguintes maneiras: ao reintroduzir o espaço em que pessoas fora do núcleo familiar podem ocupar naturalmente, ao oferecer áreas externas cobertas que dão aos moradores mais oportunidades de passar um tempo fora de casa, e ao redefinir as frestas que expandem o conceito de território habitável para o entorno das casas. A qualidade do entorno, que é uma parte da cidade, deve ser reconsiderada toda vez que nós construímos uma nova casa. Esse é o caminho mais importante para melhorarmos Tóquio, uma cidade que é feita de casas.

ESFERAS COMUNITÁRIAS

Arquiteto: Ryue Nishizawa

Ano de Nascimento: 1966

Formação Acadêmica: Yokohama National University, Yokohama

Mentor: Não declarado

A Casa Moriyama está localizada em uma típica vizinhança de Tóquio. Qual é o charme dessa área?

Ryue Nishizawa: O charme está no fato de que cada comunidade em Tóquio possui sua própria história. Vizinhanças suburbanas só foram criadas após a Segunda Guerra e, portanto, não são muito antigas. Elas costumavam ser plantações de arroz que foram transformadas em novas cidades por conta da baixa oferta de moradias. Kamata, a área em que se localiza a Casa Moriyama, se originou no final dos anos 1940, ou seja, é uma comunidade de cerca de 60 anos. O senhor Moriyama, proprietário da Casa Moriyama, nasceu nesta propriedade junto de seu amigo, que hoje mora há 10m de distância. Em Kamata as pessoas ainda mantêm um estilo de vida bastante tradicional. Jardins e estreitas vias públicas, os roji, são partes do cotidiano dessas pessoas. Elas cultivam plantas ao longo das ruas e utilizam os roji como parques compactos onde as crianças podem correr à vontade. É uma maneira muito bonita de se usar a cidade. Hoje, quase todas as ruas de Tóquio estão cobertas por asfalto e permitem um único programa muito específico. Eu não consigo mais sentir muita liberdade nas ruas de Tóquio. Se você quiser fazer um piquenique com seu amigo durante o almoço, um policial irá até você e dirá que a rua não é espaço para se sentar e aproveitar o dia. Em Kamata as pessoas ainda mantêm o modo original de se usar uma cidade. Alguns roji seguem sem pavimentação e são utilizados para cultivar plantas ou como espaços públicos, ao invés de atender uma demanda de circulação e tráfego.

Hoje, muitos roji em Tóquio perderam o seu significado. O resultado é um estranho distanciamento entre casas que ficam sem nenhuma comunicação entre si. Por que esse distanciamento nos parece estranho?

RN: Embora muitas pessoas não usem mais os roji, eu não sou assim tão pessimista. Gatos, por exemplo, ainda apreciam e aproveitam esses espaços. O ponto positivo para as pessoas é que ainda temos esses espaços intersticiais entre casas vizinhas, o que dá à vizinhança uma sensação de transparência. Nós costumávamos ter casas estreitas em Tóquio, as nagaya, um modelo tradicional de moradia urbana no Japão com casas compridas e estreitas, muito próximas umas das outras ao longo de uma rua. Pequenas casas isoladas dão uma sensação completamente diferente para a cidade. Você sente a luz do Sol vindo de todas as direções, o que dá uma sensação de leveza para a cidade.

A Casa Moriyama não foi uma mera cópia da estrutura urbana. Nos parece que você adicionou mais espaço entre os volumes do que a largura típica de um roji. Qual foi o ponto de partida do projeto?

RN: Meu propósito não foi o de representar uma sociedade antiga. Eu quis criar algo mais fundamental do que a cópia de uma estrutura. Estava buscando por uma arquitetura capaz de ser novamente utilizada pela vida comunitária e por espaços intersticiais que possam ser utilizados como roji. A Casa Moriyama não quer se limitar ao seu programa, ela busca permitir uma liberdade de pensar diferente sobre sua função. As pessoas que chegam à casa podem imaginar por si mesmas maneiras de se utilizar o edifício. Ela poderia facilmente ser tanto um jardim de infância, um conjunto de casas ou uma escola.

Você destrinchou o programa da casa e o distribuiu em caixas pelo terreno. Atualmente, os dez volumes independentes, distribuídos pelo terreno, abrigam seis unidades residenciais. Como você decidiu pelo tamanho exato e pela localização de cada volume?

RN: Eu não queria repetir o tamanho das casas vizinhas, pois isso não seria interessante. Mas se eu tornasse a Casa Moriyama em um único grande edifício, ela se tornaria grande demais para essa área. Foi por isso que eu destrinchei o volume em vários pedaços. Assim, cada casa é bastante pequena, mas cada uma tem suas próprias proporções. O programa de cada caixa e suas conexões com os outros volumes são diferentes também. Se eu tivesse dado a cada caixa o mesmo layout e proporções, o projeto pareceria um acampamento militar. Eu criei diversidade, projetando algumas caixas como salas, outras como casas, outras como casas de máquinas ou uma casa de cachorro. Como as caixas têm diferentes formatos, aberturas e conexões com os jardins, coisas muito diferentes surgem na paisagem. Ela dá uma sensação de que é tudo parecido, mas ao mesmo tempo é tudo um pouco confuso.

Então a escala é um aspecto bastante importante desse projeto?

RN: Sim, eu tentei fazer todos os volumes diferentes entre si, mas todos eles compartilham um aspecto que é sua pequenez. Isto é, não há nenhuma grandiosidade dentro desse terreno. Se eu tivesse falhado em criar essa pequenez, teria sido minha sentença de morte como arquiteto! Ao andar nas ruas de Tóquio você vê diversos exemplos ruins de pequenez. Veja os pequenos apartamentos em que as pessoas fecham as janelas com tipos horríveis de vidro translúcido e cortinas. Eu não gosto nada disso. Embora ninguém te diga para se preocupar com esses espaços intersticiais, eu decidi fazer algo sobre isso.

A pequena escala urbana inserida na megacidade é uma característica única de Tóquio. Você compartilha da minha afeição por essa pequenez urbana de Tóquio?

RN: Uma cidade é o espaço em que você pode ter diferentes tipos de escalas em um mesmo local. A combinação de um grande rio, um grande parque ou um arranha-céus, como em Nova Iorque, cria uma sensação incrível. No entanto, a pequenez possui uma vantagem que as pessoas em um grande arranha-céus não possuem. Se você mora em um minúsculo apartamento em Tóquio, você não precisa se mover muito para pegar alguma coisa, dado que tudo está ao alcance dos seus braços. É como se você estivesse sentado em um carro, não há nada que você não alcance. Isso é incrível! Além de um espaço muito flexível, a pequenez também produz um sentimento de intimidade, algo que um grande parque ou um grande rio não conseguem fazer.

A paisagem que você criou na Casa Moriyama contém sinais dessas relações de intimidade?

RN: Logo após a Segunda Guerra, o governo Japonês começou a providenciar edifícios de habitação social bastante repetitivos e sem nenhuma diferenciação entre as unidades de moradia. Naquele momento, a composição de famílias era praticamente igual para todos, consistindo de um jovem casal com três ou quatro filhos, e com a esposa cuidando da casa e o marido trabalhando na cidade. As plantas naquela época refletiam que toda família poderia viver da mesma maneira, mas serem independentes por estarem em apartamentos divididos uns dos outros por espessas paredes de concreto. Na Casa Moriyama existe uma relação bastante diferente entre seus moradores. Ela demonstra um relacionamento muito mais contemporâneo do habitante urbano: as pessoas estão igualmente próximas e distantes uma das outras. Eles não compartilham muito um com o outro, mas por outro lado não estão desconectados como estavam em suas casas micro cósmicas projetadas no Japão do pós-guerra.

A pessoa chave no projeto da Casa Moriyama foi o seu proprietário, o Sr. Moriyama. Embora ele ainda possa um dia usar todos os volumes do edifício para si mesmo, ele aluga hoje cinco unidades. O motivo pelo qual essa pequena comunidade parece funcionar tão bem é porque o Sr. Moriyama é a pessoa que conecta todos os residentes. Que tipo de vida ele leva?

RN: Moriyama é uma pessoa bastante infantil e aberta. Na verdade, ele não gostava muito de janelas e viveu em uma casa muito escura por 50 anos. Ele costumava fechar todas as janelas da casa para criar um ambiente escuro com muito espaço de parede para armazenar suas enormes coleções de filmes, música e livros. Quando ele visitou meu escritório para solicitar uma proposta, ele pediu por uma casa bastante fechada, sem janelas. No entanto, minha ideia era o completo oposto disso.

E por que ele aceitou sua proposta radical?

RN: Moriyama é uma pessoa bastante aberta a novidades. Ele tem a capacidade de aprender aquilo que ele desconhece. É por isso que ele ama a Casa Moriyama. Um dos seus novos hobbies, por exemplo, é cultivar flores dentro e fora de casa. Outro momento em que ele demonstrou essa abertura foi durante uma visita inesperada de alguns italianos bem rudes. Eles abriram sem nenhum aviso as janelas do apartamento do Sr. Moriyama para cumprimentá-lo. Isso é algo que você jamais deveria fazer em uma vizinhança de Tóquio! No entanto, o Sr. Moriyama foi muito gentil e convidou os visitantes para conhecer sua casa.

O Sr. Moriyama possui algum critério específico para escolher os novos residentes de sua casa?

RN: Quando a Casa Moriyama foi finalizada ele me pediu para encontrar pessoas que pudessem morar aqui. Eu escolhi os moradores dentre amigos e conhecidos: um ator, editores de revistas e um jovem arquiteto. O Moriyama aceitou prontamente. Na realidade, eu não acho que ele tenha rejeitado nenhum

novo habitante desde então. Mas acredito que, de acordo com ele, as pessoas que querem habitar essa casa tem que ter uma abordagem muito positiva em relação ao uso do espaço. Se as pessoas querem viver em um apartamento padrão de um único cômodo, seria melhor que fossem morar em um típico edifício construído por uma empreiteira.

Todos os volumes são perfurados por grandes janelas. Como os moradores encontram privacidade?

RN: Todos dizem que a Casa Moriyama é muito aberta, mas na verdade mais de 80% de sua fachada é de painéis de aço. Janelas são apenas 20%, o que não é tão aberto assim em comparação com a típica casa japonesa. A diferença é que eu fiz grandes janelas em locais importantes, o que dá a impressão de que os apartamentos são muito abertos. Por exemplo, eu fiz uma grande abertura no último andar do edifício torre, o banheiro do Moriyama. Essa é uma das primeiras coisas que as pessoas veem ao se aproximarem da casa. Após as 17h, quando os moradores começam a ligar suas luzes, você sente a presença das pessoas, mas você não consegue ver os moradores diretamente. Na minha opinião, a Casa Moriyama não é assim tão aberta. Quando estávamos projetando eu tive a sensação de que eu queria criar privacidade através de outros meios que não uma parede. Existem diversas maneiras de se criar esse tipo de conforto. Para mim, privacidade é um tipo de ambientação que você cria através da arquitetura, do jardim, da rua, dos móveis.

A Casa Moriyama é um ambiente novo e independente no meio de uma vizinhança existente, mas sem muros. Os moradores sentem que fazem parte de um jardim comunitário ou eles sentem a individualidade de cada volume?

RN: O território dentro do terreno da Casa Moriyama é um espaço comum, mas não bem definido. Cada proprietário pode criar seus próprios limites para mostrar aquilo que é público

ou privado. Eu não criei nenhum muro rígido dividindo o espaço de jardim, então os moradores podem naturalmente criar uma série de espaços semi privados conectados entre si. O que eu busquei criar nesse projeto é uma relação que não define nenhum centro. Dentro do terreno você pode definir o seu próprio centro mesmo quando você está nos limites externos. Nesses casos, as bordas repentinamente se tornam um centro. Imagine a sensação de estar morando na periferia de duas vizinhanças que são conectadas. As autoridades decidem quais são os limites políticos daquela área, mas as pessoas não sentem aqueles limites. As vizinhanças vão além de fronteiras políticas. Esse sentimento de vizinhança é um conceito espacial da Casa Moriyama que você não irá reparar de imediato. Ao morar aqui por um tempo, digamos cinco anos, esse conceito é gradualmente percebido.

A Casa Moriyama foi finalizada em 2005. Qual foi o impacto desse projeto nas vizinhanças de Kamata?

RN: Existem muitas pessoas que apreciam a arquitetura. Por exemplo, tem essa mulher que usa o terreno da Casa Moriyama como um atalho entre A e B. Ela entende o conceito! Também existem algumas comunidades de gatos nessa vizinhança que sempre passam pelo projeto. Eles entendem o conceito de transparência. Outra mulher que vive na casa ao lado sempre traz o jornal ao Moriyama e o cumprimenta. Antes, para cumprimentá-lo, ela teria que passar pelo portão, entrar na viela e abrir outro portão. Agora, é fácil simplesmente passar e dizer 'olá'. Eu espero que a Casa Moriyama crie uma leveza na cidade. Se eu tivesse feito um único volume contendo todas as unidades eu não teria providenciado nada mais do que sombra para esse espaço.

O que a atmosfera entre os volumes brancos da Casa Moriyama tem em comum com a atmosfera tradicional do roji?

RN: Tanto o roji quanto os espaços intersticiais não são espaços definidos pelo governo. As pessoas que vivem ao redor do roji é que definem como utilizá-lo. Nesse sentido, eles são o mesmo. Mas há ainda uma grande diferença. O roji possui um caráter histórico. Muitas pessoas utilizavam o roji como um espaço comunitário onde todos sabiam de tudo. A juventude Japonesa não gosta do roji, pois não encontram nele nenhuma privacidade. Eles associam isso a não ter nenhum futuro, e por isso se mudam para o centro da cidade. Muitos roji desapareceram desde a Segunda Guerra, e eu me preocupo que as pessoas tenham se desconectado demais umas das outras.

Como você imagina que as pessoas possam se conectar novamente no futuro?

RN: Tóquio cresceu demais nos últimos 50 anos e sua população está envelhecendo. A população está encolhendo e cada vez mais as casas estão sendo abandonadas. Eu acredito que as pessoas vão voltar a se interessar pela comunidade local e se mudar dos centros para as províncias. Nos últimos 50 anos, os moradores de Tóquio estavam contentes em viver sem apreciar a comunidade local e sem privacidade, mas a partir de agora uma situação muito diferente vai prevalecer. As pessoas vão começar a pensar sobre que tipos de conexões elas querem criar em seus ambientes cotidianos. Eu não quero meramente criar arquitetura, eu quero criar um espaço urbano contemporâneo. Eu quis aqui criar uma atmosfera, um ambiente total de arquitetura, cidade, jardins, e muitas outras coisas em um só espaço. Ao invés de botar uma cerca ao redor do terreno, eu optei por uma continuidade confortável por toda a casa, o jardim, o roji e a cidade, como um movimento único e gradual.

Me parece que você quer voltar aos bons e velhos dias do período Edo.

RN: Não, não é sobre voltar no tempo. Nós precisamos olhar para o futuro. Mas nós podemos aprender com o passado ao trazer uma parte dele para o futuro sob uma ótica contemporânea. A Casa Moriyama cria esse futuro. Ela mostra que existe uma nova maneira de se viver. Embora ela não crie um exemplo muito concreto, ela cria um ponto de partida para pensar sobre os usos de uma casa. Eu sempre vou à cidade e colete coisas que me interessam. Então eu penso sobre como usar essas impressões não de uma maneira histórica, mas contemporânea. É algo que todo arquiteto deve fazer.

